

BOLETIM *de* ARIEL

MENSARIO CRITICO-BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS, ARTES, SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

RIO DE JANEIRO, JULHO DE 1938

ANNO VII

N.º 10

ESCREVEM NESTE NUMERO :

ADEMAR VIDAL — ALMIR DE ANDRADE
ARAUJO LIMA — AURELIO GOMES DE OLIVEIRA
CLETO SEABRA VELLOSO — CORREIA DE SA'
DOMINGOS RIBEIRO FILHO — EDGAR CAVALHEIRO
HUMBERTO BASTOS — JORGE AMADO
JOSE' OSORIO DE OLIVEIRA — OSORIO DUTRA
SERGIO SOARES — TOMAZ KIM
VINICIO DA VEIGA — WILSON RODRIGUES

NESTE NUMERO :

Secções de:

CINEMA e DISCOS

Correspondencia

de LISBOA

NESTE NUMERO :

"REMINISCENCIAS"

Paginas inéditas de
LUIZ CRULS

"O CAVALLO DE
D. TENORIO"

Conto inédito de
BARBOSA LIMA



PREÇO PARA TODO O BRASIL : 2\$000



*o livro
do
dia!*

ACABA DE APPARECER
O NOVO VOLUME DE CONTOS DE
Gastão Cruls :

HISTORIA PUXA HISTORIA

Summario:

CONTAS BRABAS — MÃE D'AGUA — ARREPEN-
DIMENTO — MEU SOSIA — CARTA DE OUTRO NAIPE
A PATATIVA — CIRCUITO DA GAVEA — INICIAÇÃO
O ESPELHO — DO OUTRO LADO — FAUNA EXOTICA
FIM DE VIAGEM



SEQUANA ■

O MELHOR LIVRO
FRANCEZ DO MEZ

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que a ARIEL EDITORA LTDA. se tornou representante exclusiva, para todo o Brasil, dessa importante sociedade franceza de edições, de renome universal, SEQUANA.

COMITE' SEQUANA

O Comité Sequana de Paris está constituído por Henry Bordeaux, Joseph Bédier, Paul Valéry, André Champeix, Pierre Benoit, François Mauriac, Abel Bonnard, Léon Berard, Edmond Jaloux, Pol Neveux, Fortunat Strowsky, Tristan Derème, Pierre Lyautey, Henri Massis, André Maurois, Jean-Louis Vaudoyer e Georges Duhamel.

No Brasil o Comité de Honra de Sequana conta com a presidencia de Sua Excellencia o Senhor Marques Lefèvre d'Ormesson, Embaixador de França no Brasil.

E os membros desse Comité são: Annibal Falcão, redactor-chefe d'O *Economista*, director da *Revue Française du Bresil*; Elmano Cardim, Director do *Jornal do Commercio*; Herbert Moses, Presidente da Associação Brasileira de Imprensa; Miguel Osorio de Almeida, da Academia Brasileira de Letras, ex-reitor da Universidade do Districto Federal; Raul David de Sanson, medico; Rodrigo Octavio Filho, homem de letras, advogado; Senhoras Anna Amelia Carneiro de Mendonça, poetiza, directora da Casa do Estudante do Brasil; Branca Fialho, escriptora; Lucia Miguel Pereira; Lucia Magalhães, inspectora do ensino secundario; Maria Eugenia Celso, poetiza e escriptora; Maria Velloso, escriptora, professora de francez por concurso no Instituto de Educação; Rachel Boher, directora da Bibliotheca Circulante do Rio de Janeiro.

CONDIÇÕES GERAES DE ASSIGNATURAS

As assignaturas são pagas no acto da subscrição

Só são validas as assignaturas INTEIRAMENTE PAGAS:

a) directamente na Séde da Sociedade: Rua Sete de Setembro n.º 162-1.º and., — Rio de Janeiro, b) por cheques, ordens de pagamento, vales postaes, etc., endereçados a ARIEL, EDITORA LTDA. c) CONTRA NOSSOS RECIBOS, em mãos de nossos cobradores, agentes ou correspondentes, devidamente autorizados por escripto por nós.

A assignatura dá direito a receber UM LIVRO POR MEZ, durante 12 mezes seguidos, a partir do mez seguinte ao da assignatura, e nas condições indicadas para cada caso: A, B, C, ou D.

As assignaturas cujos pagamentos forem feitos antes do dia 20 de cada mez, começarão no mez immediato.

Os livros são enviados pelo correio, cuidadosamente acondicionados, ou re-

mettidos, aos endereços indicados pelos assignantes nos seus coupons de assignatura.

Nossos assignantes poderão fazer enviar seus livros ao nosso escriptorio, onde nós os conservaremos á sua disposição.

Em caso de mudança de endereço, avisar POR CARTA REGISTRADA, antes do dia 20 do mez anterior á mudança.

ABONNEMENT A

Tarif N.º 1

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée. — Tirage spécial.

BROCHE', sous couverture papier Japon deux couleurs.

Rs. 160\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT B

Collection des AMIS DE SEQUANA

IMPRIME' sur beau et fort vélin blanc de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression soignée — Tirage spécial.

RELIE' plein cuir, véritable basane fine rouge, tête et tranches jaspées, titre et fers spéciaux à l'or, tranche-fil et signet soie.

Rs. 300\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

Tarif N.º 1

ABONNEMENT C

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' CUIR LUXE, larges plats. X— Entièrement fait à la main. — Tête et fers spéciaux à l'or. — Couleur: fauve, bleu ou rouge (au choix).

Rs. 380\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

ABONNEMENT D

Collection de BIBLIOPHILE

IMPRIME' sur le véritable papier de chiffon de Corvol-l'Orgueilleux, au filigrane de SEQUANA. — Impression DE LUXE. Tirage spécial.

RELIE' GRAND LUXE, chagrin fin poli, avec bande, plats toile fine; tête, titre et fers spécial à l'or. Couleur: fauve, bleu, rouge, vert ou gris (au choix).

Rs. 500\$000 — L'abonnement de UN AN: UN livre par mois, soit 12 livres différents pour un an, FRANCO DOMICILE. (Port et emballage compris).

BULLETIN D'ABONNEMENT

A remplir avec soin et à envoyer par la poste à :

ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro, 162-1.º and. — RIO DE JANEIRO

Je soussigné (NOM).....

ADRESSE.....

VILLE..... ETAT.....

declare souscrire à.....abonnement..... SEQUANA

(Barrer les Indications inutiles)

A à 160\$000 broché C à 380\$000 relié cuir luxe fauve, bleu rouge

B à 300\$000 relié plein cuir D à 500\$000 relié grand luxe fauve, bleu, rouge, vert, gris.

aux conditions du tarif SEQUANA N. 1 ci-joint.

Adresse pour l'envoi des livres.....

Je vous envoie ci-joint par chèque, par mandat postal, par lettre chargée,

p. porteur, la somme de.....\$.....montant de.....abonnement.....

Signature.....

EDIÇÕES "ARIEL"

IMPORTANTE: Os assignantes do BOLETIM DE ARIEL, gosarão de um desconto de 20 % sobre o preço destes livros quando os mesmos forem adquiridos directamente no nosso escriptorio, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte.

ENSAIOS

A. da Silva Mello — Problemas do Ensino Medico e de Educação	10\$000
Edson Lins — Historia e Critica da Poesia Brasileira ..	10\$000
Stendhal — Do Amor (Trad. de Marques Rebello e Corrêa de Sá)	15\$000
Estudos Afro-Brasileiros	12\$000
F. Contreiras Rodrigues — Traços da Economia Social e Politica do Brasil Colonial	12\$000
Paulo Prado — Paulistica — Historia de São Paulo 2ª edição augmentada	6\$000
Agrippino Grieco — Estrangeiros	8\$000
" " — S. Francisco de Assis e a Poesia Christã	8\$000
" " — Evolução da Prosa Brasileira....	10\$000
Gilberto Amado — Espirito do nosso Tempo — 2ª ed.	5\$000
" " — Dias e horas de vibração.....	5\$000
" " — A Dansa Sobre o Abysmo	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — A Vulgarização do Saber	7\$000
V. de Miranda Reis — Ensaio de Synthese Sociologica — 2ª edição augmentada	8\$000
Renato Kehl — Como Escolher um bom Marido — 2ª edição	4\$000
Octavio de Faria — Destino do Socialismo	10\$000
Luc Durtain — Imagens do Brasil e do Pampa — (Trad. de Ronald de Carvalho) 2ª edição	6\$000

ROMANCES E NOVELLAS

Gastão Cruls — Vertigem — 2ª edição	6\$000
Gastão Cruls — A Amazonia Mysterosa — 4ª edição	6\$000
Iago Joé — Bagunça	6\$000
Cornelio Penna — Fronteira	6\$000
Graciliano Ramos — S. Bernardo	6\$000
Lucia Miguel Pereira — Em Surdina	7\$000
Miguel Ozorio de Almeida — Almas Sem Abrigo ..	7\$000
Flavio de Carvalho — Os Ossos do Mundo	7\$000
Victor Axel — Germana	5\$000

ROMANCES DE AVENTURA

Georges Simenon — O mysterio de um morto	5\$000
" " — O cão amarello	5\$000
" " — Um crime na Hollanda	5\$000

CONTOS

Rodrigo M. F. de Andrade — Velorios	6\$000
Roquette Pinto — Samambaia	6\$000
Marques Rebello — Tres Caminhos	5\$000
Gastão Cruls — Coivara	7\$000

TRADUCÇÕES DE GASTÃO CRULS

René-Albert Guzman — Ciume — 5ª edição	6\$000
J. Kessel — Luxuria — 4.º Milheiro	6\$000
T. S. Matthews — A Caminho da Força	6\$000

POESIA

D. Milano — Antologia de Poetas Modernos	6\$000
Maria Eugenia Celso — Fantasias e Matutadas	6\$000
Murilo Mendes — Historia do Brasil — Philosophia humoristica	5\$000

COLLECÇÃO "CRIMES CELEBRES"

Evaristo de Moraes — O Caso Pontes Visgueiro	6\$000
Vida e Morte de Maria Lafarge, a envenenadora	5\$000

JURISPRUDENCIA

José Julio Soares — Sociedades Cooperativas — 4.ª edição — br.	15\$000
Trajano de Miranda Valverde — Sociedades Anonimas 1.º vol. — br.	50\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1.ª Parte, Vol. I — br.	30\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 1.ª Parte, Vol. II — br.	25\$000
Trajano de Miranda Valverde — A fallencia no direito brasileiro — 2.ª, 3.ª e 4.ª Parte, Vol. III br.	30\$000

PEDAGOGIA

Baptista de Castro — Vocabulario Tupy-Guarany	7\$000
Celsina de Faria Rocha e Bueno de Andrade — Tests	10\$000

LITTERATURA INFANTIL

Paulo Guanabara — A Origem do Mundo — (1.º vol. da collecção: "Historias do Tio João")	8\$000
--	--------

PEDIATRIA

Dr. Suikire Carneiro — Roteiro das Mães (Alimentação da Creança) — 1.º vol.	6\$000
--	--------

CHIROMANCIA

Arhus Sab. — A mão e Seus Segredos — 3ª edição augmentada	10\$000
--	---------

NARRAÇÕES

Ranulpho Prata — Lampeão	6\$000
--------------------------------	--------

CULINARIA

Maria de Lourdes — Arte de cozinhar (Petiscos e Petisqueiras) — 1.350 receitas — 2ª edição — vol. cart.	14\$000
---	---------

ECONOMIA E FINANÇAS

Kurt V. Eichborn — Ouro ou Dinheiro? e O Enigma do Dinheiro	3\$000
Alfredo Manes — Observações Economicas e Juridicas Sobre o Seguro	10\$000

COLLECTANEA

Boletim de Ariel — Anno I — Out. 1931-Set. 1932 — 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno II — Out. 1932-Set. 1933 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno III Out. 1933 — Set. 1934 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno IV — Out. 1934-Set. 1935 1 vol., encad.	45\$000
Boletim de Ariel — Anno V Out. 1935-Set. 1936 — 1 vol., encad.	45\$000

BOLETIM DE ARIEL

EXPEDIENTE

DIRECTOR:

Gastão Cruls

REDACTOR-CHEFE:

Agrippino Grieco

GERENTE:

João Teixeira Soares Neto

SECRETARIO

Donatello Grieco

ASSIGNATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan Americana:

Simples	18\$000
Registrada	24\$000

EXTERIOR

Simples	22\$000
Registrada	28\$000

Numero avulso	2\$000
Numero atrasado	3\$000

As assignaturas são sempre annuaes e começam a partir de qualquer mez.

Os pedidos de assignatura deverão vir acompanhados do seu respectivo valor.

O BOLETIM DE ARIEL, em sua parte editorial só publica trabalhos ineditos, sendo assegurada a seus collaboradores plena liberdade de pensamento.

Quem quer que transcreva trabalhos apparecidos em suas paginas, na integra ou em excerptos, fará a gentileza de mencionar a procedencia.

Em relação aos livros nacionaes, o BOLETIM DE ARIEL só se occupará dos apparecidos no ultimo trimestre, e, em relação aos estrangeiros, dos publicados nos ultimos 12 mezes.

O BOLETIM DE ARIEL não se occupará duas vezes do mesmo livro, a não ser que se trate de obra de subido valor.

NÃO HA RESTITUIÇÃO DE ORIGINAES

SÃO CORRESPONDENTES DESTA REVISTA

Na França — Sra. Picard-Loewy — Paris
Em Portugal — Sr. Osorio de Oliveira — Lisboa
No Rio Grande do Sul — Sr. Paulo Arinos — P. Alegre
Em S. Paulo — Dr. Wladimir Malheiros — S. Paulo
Em Minas Geraes — Dr. Guilhermino Cesar — Bello Horizonte

Em Pernambuco — Dr. Aderbal Jurema — Recife
Na Bahia — Dr. Aydano Couto Ferraz — Bahia
Em Alagoas — Dr. Raul Lima — Maceió
Na Parahyba do Norte — Dr. Adhemar Vidal — João Pessoa

No Ceará — Sr. Affonso Banhos — Fortaleza
No Pará — Dr. Gastão Vieira — Belém
No Amazonas — Dr. Araujo Lima — Manáos.

DIRECÇÃO REDACÇÃO, PUBLICIDADE :

ARIEL, EDITORA LIMITADA

Rua 7 de Setembro 162-1º.

Tel. 22-1406, — End. Tel. "Ariel"

RIO DE JANEIRO — BRASIL

VANTAGENS

CONCEDIDAS AOS ASSIGNANTES DO
" BOLETIM DE ARIEL "

CONSULTAS:

O BOLETIM DE ARIEL, attende a qualquer consulta de seus leitores que se prenda ás letras, artes e sciencias. Prestará todas as informações que lhe forem solicitadas sobre a existencia e preço, no mercado do Rio de Janeiro, de livros communs, raros, nacionaes ou estrangeiros.

DESCONTOS:

Os assignantes desta revista gosam de um desconto de 20 % sobre os preços dos livros editados por « Ariel, Editora Ltda. », quando os mesmos forem adquiridos directamente na nossa séde, e de 10 % quando, attendendo a pedidos do interior, os tivermos de remetter pelo Correio, correndo então por nossa conta as despesas de porte. Sob o titulo « EDIÇÕES ARIEL », na nossa secção de annuncios, ha uma lista completa das obras que podem ser offerecidas com aquelles descontos.

ENCOMMENDAS DE LIVROS

Encarregamo-nos da compra de qualquer outro livro que não conste das nossas listas. Essas encomendas de livros alheios não gosarão de desconto, sendo executadas ao preço de venda do mercado. As despesas do porte correm por conta do freguez.

« BOLETIM DE ARIEL » ENCADERNADO

Tanto na nossa redacção como nas principaes livrarias desta cidade se encontram volumes bellamente encadernados, reunindo as collecções do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto annos do BOLETIM DE ARIEL, á venda pelo preço de Rs. 40\$000 cada volume. As encomendas do interior serão attendidas sem augmento de porte.

COUPON DE ASSIGNATURA

Junto envio a quantia de Rs.....
para que seja remettida uma assignatura annual do Boletim de Ariel, ao seguinte endereço e a partir do mez de.....

NOME

RUA

CIDADE

ESTADO

Córt e envie este coupon a ARIEL, EDITORA LTDA. — Rua 7 de Setembro 162 — 1º: — Rio de Janeiro.

N. B. -- A importancia deve ser remettida em carta com valor declarado, vale postal ou cheque bancario.

SERVIÇO DE REEMBOLSO

NO INTUITO DE BEM SERVIR AOS SEUS LEITORES, *BOLETIM DE ARIEL* TEM ORGANIZADO UM INTERESSANTE SERVIÇO DE FORNECIMENTO DE LIVROS PELO SYSTEMA DE ENTREGA DA ENCOMMENDA CONTRA REEMBOLSO.

DAMOS A SEGUIR AOS NOSSOS LEITORES OS ESCLARECIMENTOS NECESSARIOS PARA QUE POSSAM SE UTILIZAR DESSE VANTAJOSO E PRATICO SYSTEMA.

- A — O fornecimento de livros será feito para qualquer localidade do Paiz desde que esta possua o serviço de «vales postaes» em sua Agencia do Correio.
- B — Os livros serão remetidos em qualquer quantidade.
- C — As encommendas poderão ser feitas pelos meios usuaes: carta, telegramma ou por um simples cartão postal, sendo indispensavel apenas que tanto o titulo das obras como o nome e endereço do destinatario sejam escriptos com a maxima clareza.
- D — No acto da encommenda V. S. não precisará remetter-nos importancia alguma. Feita por nós a remessa de sua encommenda, V. S. receberá da Agencia do Correio de sua localidade o aviso da chegada, bastando então que compareça á mesma onde receberá os livros mediante o pagamento da respectiva importancia.
- E — Os livros serão fornecidos pelos preços de capa, sem augmento de especie alguma.
- F — Todas as despesas de embalagem, porte e registro correrão por nossa conta, ficando apenas a cargo do destinatario despesas referentes ao «Serviço de Reembolso» que são mininas. Nas encommendas, entretanto, superiores a Rs. 30\$000, até mesmo estas ultimas despesas correrão por nossa conta.
- G — Afim de que V. S. possa conferir a exactidão da importancia a ser paga ao Correio, seguirá sempre com a encommenda uma factura detalhada onde serão especificados os titulos e preços de cada obra.
- H — Dado o enorme vulto de encommendas que recebemos constantemente de nossos leitores e assignantes, é indispensavel, para o bom andamento de nosso serviço, que V. S. indique em seu pedido que a remessa deverá ser feita pelo «Serviço de Reembolso». Para maior facilidade, damos abaixo um coupon que poderá ser utilizado em taes casos:

Á ARIEL EDITORA, LTDA.

R. 7 de Setembro, 162 - 1.º andar — RIO DE JANEIRO

Pelo SERVIÇO POSTAL DE REEMBOLSO queiram enviar-me os seguintes livros:

.....

.....

.....

.....

.....

(Nome e endereço completo, bem legíveis)

.....

.....

.....



BOLETIM_{de} ARIEL

MENSARIO CRITICO . BIBLIOGRAPHICO

LETTRAS — ARTES — SCIENCIAS

DIRECTOR

Gastão Cruls

CONSELHO CONSULTIVO :

Gilberto Amado — Lucia Miguel Perelra
Miguel Ozorio de Almeida — Octavio de Faria
V. de Miranda els

REDACTOR-CHEFE

Agrippino Grieco

CIVILISABILIDADE DOS INDIOS

Sobre a pacificação dos Parintintins

A afirmação de serem os indios incivilisaveis não póde mais prevalecer. Absolutamente não mais se sustem. Nem importa que a favor da these ainda postulem autoridades reputadas, porque o tempo e os factos vão dando suas provas irretorquiveis.

De tal maneira desdenhado, no Brasil, o «problema do indio», que a prova dos factos — porque a experimental nunca fôra tentada —, não poderia deixar de vir tardia. E tardou. Mas surgiu decisiva.

Abordando a questão, no livro «Amazonia — a terra e o homem», ousei sustentar serem civilisaveis todos os indios brasileiros; para tal, exigiveis apenas a acção apropriada, o tempo devido, a continuidade de actuação atravez das gerações.

Asseverei que os nossos indios, todos, poderiam ser domesticados, pacificados, convertidos á civilisação. Indispensavel, porém, que com elles se estabelecessem contactos habilmente articulados; que, sobre elles, reagisse com apropriada intervenção, por processos habilmente inspirados; e insinuei: «A acção civilisadora, para ser duravel e efficaz, deverá exercer-se dentro do agrupamento social, no seio da tribu, no ambito da collectividade indiana. Dest'arte, não se opporá jamais, ás influencias transformadoras, nenhuma inamolgabilidade de estrutura mental.»

E, respondendo a objecções de autores acatadissimos, contrapuz estes argumentos: «A evolução não se faz por individuos, mas pelos agregados sociaes. A civilisação precisa ser imposta a toda a sociedade e não a elementos seus espurios. O meio social, o clima social, é que faz o homem: não é o homem, singularmente considerado, que faz o ambiente social.»

Com a pacificação dos famosos Parintintins, os mais temidos indios no Amazonas civilisado, consummada nos ultimos tempos, consagrou-se a verdade acima enunciada.

A historia da catechese, na phase de nossa vida colonial, deveria ter sido justa advertencia, para o Brasil de nossos dias, sempre grande em territorio

e pequeno em população. Mas até hoje, os selvagens ainda não são tratados, — como deveram taes catecumenos, — perdidos na nossa vastidão territorial quasi immensuravel.

Desde os primordios historicos, apesar da assistencia moral e religiosa dos missionarios, eram os indios entrevistados como animaes ferozes, e, como feras, enfrentados.

No transcurso de mais de quatro seculos, de tribu a tribu, de taba a taba, communicou-se o sentimento que creou o pavor, e que deu vida, e nutriu, e propagou a lenda do «inimigo branco», adherente á mentalidade indigena, grandemente influenciavel pelos factores affectivos.

A conquista da terra, senão do homem, era alcançada muitas vezes, — e ainda hoje se faz alhures — a fogo; os indios, não raro escravizados. A cupidez agiu como factor de violencia, para posse das terras e exploração de seus productos; bem como para escravisar os braços que as deviam trabalhar. E, para tal consecução, a crueldade do civilisado foi arma preponderante.

Pela sedimentação de resentimentos, pela crystallisação desaffectiva que taes hostilidades promoveram na alma do selvicola brasileiro; por força da lei de preponderancia cathymica na elaboração psychica do homem primitivo; por essas causas capitaes implantou-se, consolidou-se e dilatou-se, no lastro da affectividade dos nossos selvagens, uma hostilidade requintada contra o civilisado.

Aquella forma de agir do conquistador, como tambem a do pacato caçador ou lavrador em penetração á selva, haveriam de provocar essa attitude aparentemente offensiva, mas que, em evidenciada logica, não sendo primaria e sim consecutiva, compõe a postura de deffensiva latente do indio, na expectativa constante da aggressão do adversario.

Ao defrontar-se com o civilisado, o indio automaticamente adopta a posição de luctador: traje de guerreiro para enfrentar, e combater, um inimigo tradicional e hereditario, ou supposto tal.

Por uma suposição correspondente, o civilisado assume a attitude de aggressão, ao se avisinhar d'elle, por presentir a ferocidade do adversario.

E do erro dessa mutua incompreensão, se veio perpetuando um reverso de *modus-vivendi*, porque, em realidade, havia um pacto de exterminio reciproco, que tacitamente a animadversão entabolara, pela alternada replica da represalia.

Abordadas, num parenthesis, considerações sobre as tendencias guerreiras dos Parintintins, nada nos devem surpreender aquellas reacções bellicosas e facinorosas, de que está prenhe a chronica da região, por elles invadida.

Si estudada, na ordem sociologica, a guerra nos povos primitivos, encontram-se, como motivos mais poderosos, o «desejo de vingança», os «conflictos de ordem religiosa» e a «necessidade de prestigio pessoal».

Applicadas, taes noções doutrinarias, á interpretação do caso dos Parintintins, valiosos ensinamentos colhemos no estudo, á luz das theorias da psychologia ethnica contemporanea.

Acompanhando a evolução psychica do homem, atravez da ascensão phylogenetica, surpreendemos, no homem primitivo, um trabalho cerebral ainda asyntactico, que se occupa quasi exclusivamente de recolher as imagens sensoriaes, não estabelecendo entre ellas senão relações defeituosas e insufficientes. Pois essas relações, imprecisas e instaveis, só se estabelecem de modo mais nitido e estavel na consciencia receptora, quando as imagens caem sob influencia de fortes paixões, de violentas acções affectivas, dentre as quaes a guerra sobresae.

Dahi parte o phenomeno psychologico que gera o pensamento *magico* (Kretschmer), atravez de cuja deformação o primitivo interpreta, de modo erroneo, o mundo ambiente, com a desnoriente influencia affectiva sobre seus conteúdos psychicos.

Essa interpretação, conturbada pela preponderancia affectiva ou catathymica, seria a causa das causas nas tendencias bellicosas dos Parintintins, aguilhoada a sua sensibilidade irritada, pelos sentimentos de vingança contra os seus inimigos, considerados, por elles, seus aggressores e matadores.

Ainda se terá de considerar, na avaliação de todos os factores a excitarem os Parintintins aos lances guerreiros dos quaes eram os execraveis protagonistas, que a guerra está nos habitos, nos costumes de certos povos primitivos.

Os tempos passam, mudam-se, civilisam-se; as leis punitivas começaram a policiar, em certa medida, as populações sertanejas; os sentimentos dos sertanistas transmutaram-se; os methodos de penetração dos sertões humanisaram-se; mas os indios, emparedados na rigidez de sua formação psychica viciosa — comprimida nos contornos de uma affectividade hypertrophiada, por circumstancia psychologica estudada e interpretada na mentalidade do primitivo —; os indios, desassistidos de amparo apropriado e civilizador, jazem em grandes massas segregados do convivio social das populações civilisadas, sequestrados da Civilisação, della despercebidos e privados, longe de por ella serem atingidos.

Nessa estagnação sombria e sinistra, encarcerado na suposição de lhe ser o civilisado um inimigo aggressor, um caçador, e elle, selvagem, uma caça —, com esse substracto mental queda-se o brasileiro puro, irreductivel nas suas relações anti-sociaes com o homem civilisado; e assim se perpetua o indio brasileiro, naquella postura reaccional permanente, em estado de aggressividade latente, de ameaçadora reactividade explosiva.

Os Parintintins haviam feito jús, por seus feitos guerreiros e potencia aggressiva, á mais temivel reputação de selvagens bravios. Eram um flagello das plagas do rio Madeira, o mais civilisado dos grandes afluentes do rio Amazonas. Indios ferozes de fama lendaria. Insusceptiveis de qualquer contacto. Inaccessiveis. Sua selvageria amedrontou toda a região. Seu nome, só, valia pelo mais arripiador duende.

Eram guerreiros temibilissimos. O terror, alastrado por suas façanhas, exaggerado pelas narrações e pela lenda, ampliado pela suggestão dos feitos exorbitantes, creara-lhes fama apavorante.

Mas era uma realidade a sua ferocidade.

Suas incursões nas zonas ribeirinhas, ou mais approximadas das margens do Madeira, sopravam o panico naquellas plagas, até os confins habitados.

Sua acção, horripilante: assaltavam, depredavam nucleos extractores; seviciavam, trucidavam victimas indefezas; travavam-se, em rencontres encarniçados, com o pessoal dos *barracões* ou do *centro*, que se armasse para enfrental-os. Eram pelejas renhidas, crudelissimas — os indios com suas armas —; e, não raras vezes, plantavam elles, em tropheos sinistros, nas pontas das varas, cabeças de combatentes vencidos, mutilados e profanados.

Justiça é reconhecer que a guerra, entre os indios e civilisados de longa data declarada e mantida, por paroxismos tragicos explodia, para ella estando preparados sempre, em defensiva ou offensiva, os civilisados da região do Madeira, sempre sobresaltados pela ameaça daquelles assaltos.

Esse *stato quo*, que se denunciava pela preparação bellica, agia como um aguilhão a mais sobre os selvagens, exacerbando-lhes o sentimento de vingança e excitando-os para as lutas.

Elementos officiaes se haviam confessado fallidos, para levar além as tentativas de pacificação dos temiveis Parintintins. O serviço de civilisação dos indios, precariamente mantido, fôra supresso. A Amazonia atravessava a mais grave de suas crises economicas, com o collapso da producção, em tonelagem e em valor monetario. Os proprietarios de seringaes, de seringalistas uni-extractores, compellidos pelas circumstancias constrictivas, lançavam-se, de alguns annos, em direcção de todas as vias que levassem á obtenção de variedade na producção, que compensasse a extracção exclusivista em que se comprometteram. Todas as actividades productoras eram exploradas. E, assim, a região refazia-se com as novas energias, transfundidas em novos, e mais racionais, processos de conquistar a terra, tão mal comprehendida e tão mal aproveitada.

A febre de extracção, á hypertensiva phase de assalto á floresta e violação de suas reservas; á cam-

panha nefasta de economia defraudadora e de exploração destructiva, succedêra a regeneração da obra humana de penetração e apropriação da dadivosa região. E o homem deixára de ser um vandalo, a infestar uma região bem fadada, apta para promissor destino. Uma faina constructora perpassa, na ancia salutar de reconquistar a terra, que a boa fortuna reservára áquelles povoadores. Um espirito de equilibrio domina os negocios, na sua orientação agricola e commercial. Um ambiente de trabalho, de confiança, de esperança, affaga o animo das massas trabalhadoras, estimulando-as á prosperidade.

Nessa atmospheria de labor racional e alentado, que se iria operar a mutação radical no ambiente social da região amazonica do Madeira: a transformação dos repudiados Parintintins em homens civilisaveis; de seres damnosos, em elementos aproveitaveis nas actividades laboriosas daquellas regiões selvaticas.

Os proprios senhores e possuidores daquelles latifundios, sobresaltados periodicamente por taes agentes de chacina e destruição, foram os promotores dessa obra civilisadora, de assistencia e humanidade, de conversão e conquista. Nem sei me furtar ao prazer de citar, para que fique gravado nos archivos da Historia, um nome reverenciavel pela sua orientadora acção benemerita — Manoel de Souza Lobo, o bemquisto magnata de «Tres Cazas», em Humaythá, do Madeira, um denodado emprehendedor da desbravação daquelles dominios da selva amazonica e um perfeito *gentleman* desgarrado naquellas paragens. Foi a alma incitadora daquella empreza da iniciativa privada, que traçou o poema sentimental da humanisação de tão nocivas hordas de selvicolas.

Agiram habilmente, humanamente, e, com o coração e intelligencia subtil, fizeram a assimilação, pode-se dizer, em massa. As lévas devastadoras —, que assombravam aquelles sertões, nas suas zonas mais civilisadas, interrompendo-lhes o rythmo do trabalho productivo, talando, ensanguentando, trucidando, — foram chamadas ao concerto do progresso e da civilisação. E taes elementos, componentes da vaga flageladora, a todo instante ameaçadora da tranquillidade e segurança daquellas populações laboriosas, ja pelo esforço meio-exhauridas na lucta, frente a frente, com a ardua natureza amazonica; os inimigos temiveis incorporam-se á campanha pacifica para domar a gleba rebelde mas domesticavel, aspera mas conquistavel.

Por absorpção envolvente, amigavel e alliciadora, vae-se fazendo a integração do indio á sociedade, justamente na região onde elle era mais temido e condemnado; pacificamente e affectivamente manejados, vae sendo trabalhada a transformação de guerreiros ferozes em operarios laboriosos da grandeza da opulenta região.

E a civilisação vae sendo uma realidade para aquellas organizações humanas, reputadas refractarias á acção modificadora ja ali patente e demonstrada.

As informações, que constituem o conteúdo deste artigo, actualisam o debate e critica sobre varios assumptos correlatos á materia, nas suas relações com a anthropologia ethnica, a psychologia e a sociologia,

na comprehensão verdadeiramente scientifica de taes themas.

Os limites restrictivos, razoavelmente impostos ás publicações deste mensario, não me permitem levar até lá a extensão do trabalho, que poderá, talvez, em numeros subsequentes, ser ampliado até a esphera acima traçada para a sua projecção.

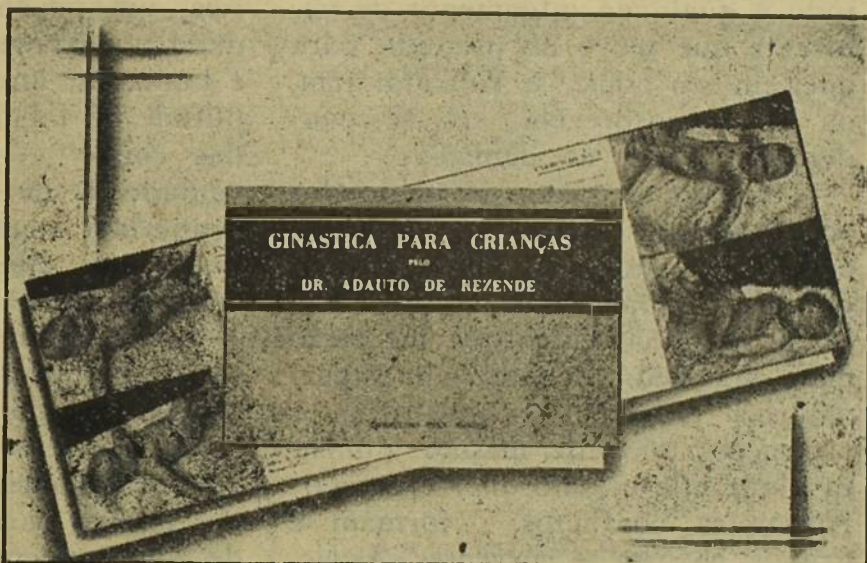
ARAUJO LIMA.

Valfrido Piloto — *Paranistas* — Curityba.

Encontram-se neste volume indicações preciosas sobre a morte do barão de Serro Azul, a vida de Rocha Pombo e a propaganda abolicionista no Paraná. O sr. Valfrido Piloto sabe achar sempre uma novidade estimavel nos papeis velhos dos archivos. Avesso a qualquer genero de hypothese, por mais fascinante que seja, só mostra submissão deante da verdade indiscutivel.

Simas Saraiva — *Conquistas* — Ala das Letras — Bahia.

Não houve nenhum favor em que este volume de versos chegasse á segunda edição. Bellos versos, ora de severa medição parnasiana, ora de uma rythmica bem mais variada, bem mais moderna. E dá-se plena razão aos srs. Carlos Chiacchio e Afranio Peixoto quando elogiaram este livro, o primeiro assignalando-lhe a «capacidade de construcção» e o segundo os coloridos verbaes que o caracterizam.



A brochura "GYMNASTICA PARA CRIANÇAS", unica publicação até hoje apparecida no genero em lingua portugueza, representa mais um dos esforços culturaes e educacionaes da NESTLÉ em pról da criança brasileira. Como a execução deste exercicio deve ser orientada pelo clinico, a brochura "GYMNASTICA PARA CRIANÇAS" só será distribuida a medicos, cujos pedidos serão attendidos pela Companhia NESTLÉ — Caixa Postal, 760 — Rio de Janeiro.

O que passa e o que fica na Litteratura

O homem vive pouco. Não tem tempo de presenciar o desfecho dos acontecimentos que com elle principiam. Quer, muitas vezes, medir o valor e a durabilidade dos factos sociaes por mezes e por annos, tal como o faz para medir a duração da vida individual; nem sempre percebe que, no terreno historico e social, tudo se mede por unidades de decadas e unidades de seculos. Se alguma coisa dura quinze, vinte ou trinta annos, já lhe parece com titulos bastantes para demonstrar seu valor: um regime politico, uma doutrina, uma tendencia litteraria mesmo, se logra atravessar a metade ou a terça parte da vida de um individuo, parece que se eterniza na opinião dos que lhe assistem a passagem. Será o regime, ou a doutrina, ou a tendencia «dominante», «ideal», aquella que serve de padrão para todo e qualquer julgamento de valores e que serve de pretexto para que, em seu nome, se ridicularizem, ou se menosprezem, ou se condemnem todas as demais.

O homem projecta no plano dos acontecimentos sociaes a visão curta e ephemera dos seus momentos individuaes. Supervaloriza, por isso, certos acontecimentos que lhe estão mais *proximos*, quando não supervaloriza também as tendencias e aspirações que elle mesmo alimenta e que elle mesmo quer eternizar. Armam-se conflictos, formam-se grupos, chocam-se correntes. As victorias de um dia ou de uma decada, conquistadas por um partido politico ou por um partido litterario, são argumentos que o entusiasmo dos adeptos aponta como irrespondiveis. Cada onda que sobe, impelle para baixo todas as que pretendem alçar o collo ao lado della. Cada figura litteraria ou cada figura politica quer o privilegio de um assento reservado no degráu mais alto: a verdadeira doutrina é sempre «a sua», os verdadeiros valores são unicamente «os seus», a verdadeira litteratura é também «a sua»: o romance, para ser «romance», ou a poesia, para ser realmente «poesia», tem que se conformar com os ideaes, com o character, com as finalidades que as figuras ou que os grupos dominantes lhe emprestam.

Em tudo isso ha sem duvida, muita vaidade: mas ha muito mais ingenuidade ainda. Toda vaidade humana é ingenua: funda-se, de um lado, numa sobreestimação do proprio valor, de outro lado numa insufficiencia de visão ou numa ignorancia do sentido historico dos verdadeiros valores humanos. Os acontecimentos sociaes se riem todos os dias dessas explosões da vaidade individual ou partidaria: porque a vida segue sempre para diante, creando valores novos e renovando os antigos, deixando á margem dos seus caminhos abandonados essa procissão triste de figuras que clamam e reclamam sempre, exigindo para si e para suas idéas uma veneração e um entusiasmo que já não existe mais em torno dellas, porque o mundo já foi além, muito além...

Um pouco mais de visão historica, um pouco mais de profundidade no exame dos valores sociaes e humanos, um pouco mais de amplitude no julgamento dos homens e das coisas — e essas figuras de vaidade e de innocencia comprehenderiam como ellas são ephemerass, como ellas serão esquecidas uma ou duas decadas mais tarde — antes disso mesmo — e como seria tão mais nobre, tão mais fecundo, tão mais util para a applicação dos seus talentos e ellas quizessem renunciar a essa escravidão das quatro paredes de um grupo e de um momento individual, se ellas se esforçassem por comprehender, por venerar e por cultivar alguma coisa mais duradoura e mais valiosa do que as «suas» reivindicações e do que as tendencias dos «seus» grupos partidarios...

Porque, de facto, ao lado de todas essas manifestações ephemerass dos individuos e dos grupos, ha na litteratura alguma coisa que fica, que perdura pelos annos em fóra. O mundo caminha, obedecendo ás suas leis naturaes de evolução. Todos os seres e todas as coisas seguem um rithmo de movimentos e uma direcção superior, que não depende de nós nem está em nossas mãos modifical-o. O mundo physico, o mundo biologico, o mundo humano são systemas de movimento que não se submettem ao nosso arbitrio nem aos nossos

caprichos: as leis que os governam são sempre *leis*, isto é, são necessidades que derivam, não da nossa vontade, mas da propria natureza das coisas. Não podemos deter a marcha dos acontecimentos naturaes, seja no mundo exterior, seja no homem ou nas sociedades: quando *acreditamos* podel-o, vivemos a simples allucinação de um momento que passa; violentamos a ordem das coisas contra a natureza das coisas mesmas — e esta jamais nos perdoará essa violencia, nem os excessos daquela allucinação.

Que importa que essa violencia se prolongue duas, tres ou quatro decadas? As decadas são eternidades para o individuo; mas são apenas minutos no curso da evolução social. Dois, tres, quatro minutos ou quatro horas — que representam de mais? Passam depressa e terminam, muita vez, sem deixar nenhum rastro duradouro. E a vida continua sempre a sua carreira natural, invencível na inexorabilidade de suas leis...

Ora bem. Só pode durar — na litteratura, na philosophia ou na sciencia — aquillo que se integra nas leis do mundo ou na natureza das coisas. Só pode durar, no mundo humano, o que se irmana com o proprio homem, não para surprehendel-o apenas nas suas adaptações ephemerass, num individuo ou num grupo, mas para acompanhalo na direcção dos seus movimentos, na profundidade das suas tendencias mais intimas e permanentes. O scientista, o philosopho, o artista que pretende crear algo capaz de permanecer, de sobreviver á transitoriedade de uma simples geração, terá que reflectir assim: «Meus desejos, minhas crenças são fructos do momento em que vivo e do meio em que nasci; talvez sejam escravas também das quatro paredes em que me encerrei a mim mesmo. Enquanto eu exprimir na minha arte, nas minhas doutrinas ou nas minhas obras essas aspirações e essas tendencias, crearei algo que só tem valor para mim e para o «meu» grupo; se eu lhes quizer emprestar valor maior do que esse, serei ridiculo aos meus proprios olhos e o mundo suffocará depressa os meus protestos — porque o individuo passa depressa, nasce pa-

ra morrer, passa para nunca mais voltar. Ha de certo alguma coisa maior e mais digna de admiração e entusiasmo e que dura mais que algumas gerações ou algumas décadas; ha necessidades, aspirações que não são apenas minhas, mas que me são communs com os outros homens e talvez com os homens das outras épocas. Para comprehender e traduzir essas necessidades e aspirações essencialmente humanas, preciso, antes de mais nada, derrubar as paredes do «meu» mundo, eliminar todas as distancias que me separam dos outros homens: não posso interpretar a vida nos termos acanhados das minhas crenças, das minhas illusões, do meu temperamento, das minhas reivindicações individuaes ou partidarias. Preciso ir além de mim mesmo, com o espirito livre de preconceitos e aberto para receber com sympathia tudo o que é humano, natural e sincero. Não devo imprimir nas minhas obras as direcções que desejo para mim, ou as direcções que minha vida seguiu desde o início — porque ellas podem ser erradas e imperfeitas. Ao contrario, é preciso corrigir as minhas aspirações, as minhas crenças, é preciso examinar e talvez modificar as minhas tendencias primitivas, para integral-as na realidade dos outros homens e no curso natural da evolução do mundo, quando acaso essas tendencias se tenham afastado dahi. Porque só no dia em que isso se realizar, só no dia em que houver nas minhas obras esse accento profundo de humanidade, que despreza todo o que é só «meu» em mim mesmo e tudo o que é só «meu» nos que me acompanham, para consagrar e para exprimir o que é «humano» em mim e «humano» nos outros — só nesse dia, haverá uma obra litteraria, philosophica ou scientifica capaz de sobreviver e de incorporar-se ao patrimonio commum da humanidade.»

Assim deveria reflectir todo aquelle que quizesse crear alguma coisa duradoura ou alguma coisa que possua valor humano. Mas para isso é preciso muita renuncia e pouca vaidade, muito desinteresse de si mesmo e coragem bastante para reconhecer seus proprios erros, seus proprios vicios intellectuaes e sua propria pequenez individual em face da immensidade do mundo e da

implacabilidade das suas leis eternas...

E' preciso comprehender, em primeiro lugar, que um individuo, uma doutrina, um partido, uma corrente litteraria, não é nada no infinito das gerações que se succedem. E' um instante de vida entre dois instantes de morte. Nem um só individuo, nem uma multidão delles, poderão deter a marcha do mundo, nem obrigar o mundo a curvar-se diante de suas idéas transitorias. As leis do mundo social e do mundo humano, repito, não derivam da nossa vontade, mas da propria natureza das coisas. O que é verdadeiramente «humano» — e que é, portanto, capaz de immortalizar uma obra de arte ou de pensamento — tem um sentido profundo que não pode ser deformado nem fantasiado pelo nosso arbitrio. Ha hoje doutrinadores e litteratos que, em nome de suas aspirações, de suas concepções artisticas ou mesmo em nome de idéas politicas que se levantam num mundo exangue, pretendem encarnar um novo Josué que, pela força de sua vontade, fazia parar o sol... Mas ha engano. O sol não para nunca. E não haverá jamais forças capazes de lhe modificar ou de lhe inverter a direcção natural da marcha. Olhos humanos o verão sempre como sempre o viram até aqui, desde a origem do mundo social: seguindo de léste para oeste, da direita para a esquerda. Só nos espelhos que fabricamos para nos mirarmos a

nós mesmos, poderemos ver o sol caminhando em sentido contrario: mas bem cedo os espelhos reflectem as deformidades dos que nelles se viciam, como retrato de Dorian Gray, e todos elles se quebram um dia entre os dedos das nossas illusões. Ha, na verdade, illusões que duram dezenas e dezenas de annos. Parece muito, para a visão curta de um individuo; mas é sómente um pequenino instante no curso multiseccular das gerações e dos sóis que se recream na eternidade do mundo...

Não ha escuridão maior, nem miséria maior, para um homem que pensa como para um artista que crê, do que a escuridão que lhe occulta todas as paizagens que ficam aquem e além da sua propria paizagem. Muitas vezes tambem, a supervalorização que fazemos de certos acontecimentos provém de um erro na medição do tempo em que elles se desenrolam: chamamos «definitiva» uma conquista, quando ella se prolonga por um certo espaço de annos que parece enorme para a duração de uma vida de homem; e esquecemos que o tempo social não se mede por unidades de annos, mas por unidades de décadas e de seculos, assim como o tempo geologico se mede por unidade de miriadas e miriadas...

Mas o mundo não perdôa os que o esquecem para se lembrarem apenas de si, do «seu» momento, das «suas» aspirações e das «suas» reivindicações. O mundo não os perdôa, e os castiga esquecendo-os. Nada perdura, se não se entranha no fluxo da vida, se não lhe acompanha a espontaneidade do curso, se não lhe interpreta as tendencias mais intimas e mais profundas. Os que clamam e lutam á margem da vida, querendo modificar-lhe as direcções naturaes, querendo contrapor-se ás suas leis inexoraveis, querendo para suas doutrinas e suas idéas o privilegio de uma veneração e o preço de um sacrificio que umas e outras não merecem em absoluto — esses ficarão perdidos pelas estradas, como sombras que se confundem com a poeira e que se dissolvem nas distancias que vão fugindo para traz...

Ha na vida dos homens e das sociedades um mundo interior de aspirações, de exigencias poderosas, que vão conquistando terreno dia

COLLECÇÃO ARIEL DE OBRAS PRIMAS

1.º VOLUME

DO AMOR

de STENDHAL

Traducção de
MARQUES REBELLO
e CORRÊA DE SÁ

Preço: 15\$000

a dia, através de phases evolutivas irreversíveis. O dia de hoje nunca representa o fim dessas conquistas; talvez nem sequer o meio do caminho. Todos os obstáculos que o nosso espirito oppõe a essa ascensão indefinida, são frutos dos nossos vícios de formação individual ou dos nossos erros de visão intellectual. Conhecemos acaso a natureza do homem, para saber o de que elle é ou não é capaz? Pensamos conhecê-la, toda a vez que dizemos: o homem «deve», ou o homem «precisa», ou o homem «não pode». Pura illusão da nossa vaidade: falamos apenas de nós, acreditando falar do homem; doutrina-mos para os destinos do homem em nome das nossas capacidades e incapacidades individuaes. Porque a realidade é que a natureza do homem é, a cada instante, uma surpresa e um enigma para nós: o que era hontem impossível, é possível hoje; o que parece hoje impossível será possível amanhã. Dificuldades tremendas se oppõem á realização dos nossos ideaes superiores de justiça, de igualdade, de solidariedade humana, de força e de belleza. Quem dirá, porém, que ellas não se removem agum dia? A maior de todas, parece hoje ser a incapacidade das grandes massas sociaes para assimilar todas as conquistas dos espiritos superiores. Mas quem ousará negar que essa incapacidade é mais artificial do que real, que ella é mais um fructo do abandono espiritual, cultural e economico em que teem vivido essas massas, do que uma imposição ou um irremediavel da natureza? Quando acreditamos poder affirmar algo de positivo contra essa hypothese, abusamos demais da vaidade de saber pensar. Nós ignoramos muito mais do que o julgamos, e adiantamos quotidianamente affirmações que o futuro poderá desmentir, como tem o presente desmentido tantas e tantas verdades do passado.

Assim, quando, em nome da litteratura, da philosophia ou da sciencia, pretendemos traçar os limites da natureza humana, entre o «deve ser», o «pode ou não pode ser» ou o «precisa ou não precisa ser», arriscamo-nos a exprimir apenas o transitorio de uma maneira simplesmente «actual» de conceber o mundo. A verdadeira litteratura, como a verdadeira philosophia, deve ir além dessas delimitações, deve

« Bases da Alimentação Racional »

Sempre houve em todas as épocas, no dominio da sciencia, das letras e das artes, preferencias de autores para esse ou aquelle ramo do conhecimento, que as contingencias do momento e as necessidades da vida assim exigiam. E' o que se vê agora com o estudo da alimentação no Brasil. Ultimamente, mais de dez livros vêm a lume sobre o importante assumpto.

Bases da Alimentação Racional, do Dr. Dante Costa, está entre elles. E' livro de divulgação e vulgarização, e como tal realiza admiravelmente o seu *desideratum*. Estylo agradável e correcto, oportunidade no desenvolver os textos e riqueza de ensinamentos accessíveis a qualquer pessoa, eis as características fundamentaes do seu trabalho.

Lendo-se *Bases da Alimentação Racional*, sente-se desde logo a preocupação do Dr. Dante Costa, aliás muito justa e explicavel, de ensinar. Nesse afan, elle congregou todos os seus esforços de escriptor e cientista, e define, e argumenta, e exemplifica, e repete e relembra todos os assumptos como quem quer, a golpes de intelligen-

transpor todas essas fronteiras que erguemos para nossa propria tranquillidade.

Porque o que é realmente «humano», o que realmente perdura, não cabe em nenhum limite, não se subordina a nenhum instante vivido ou por viver. E só aquelles que sabem sentir e comprehender o homem na profundidade da sua tragedia, nesse mundo immenso onde a vida se liberta sem preconceitos, sem freios e sem fronteiras, fundindo o tempo de cada homem com o tempo sem fim dos acontecimentos que nos arrastam sempre para diante a procura de novos mundos — só aquelles que attingem essa intensidade de sentimento e essa profundidade de comprehensão intellectual, poderão crear obras uteis aos seus semelhantes, obras capazes de durar por força dos proprios beneficios que nella possam colher os outros homens.

ALMIR DE ANDRADE.

cia, abrir a cabeça da gente para os pôr todos de uma só vez lá dentro. E o leitor, simplorio ou atilado, interessado ou desinteressado, é que sae lucrando com a historia, aprendendo muita coisa interessante e util.

A forma litteraria foi a segunda preocupação do autor. E o livro em apreço nos dá um bello exemplo.

O problema alimentar entre nós está vencendo a sua phase mais critica e grave, que é justamente a da ignorancia e do desinteresse por parte das nossas collectividades, principalmente citadinas. Inicia-se, assim, de cima para baixo, um movimento altamente reformador, do qual nos dá provas todo esse acervo de novas publicações, tão significativo e eloquente para o bom exito da grande campanha.

Láqui por diante, á proporção que fôr fermentando no espirito de cada brasileiro o verdadeiro sentido da alimentação racional, tudo será mais facil. Estamos quasi a affirmar que em futuro não muito remoto será o nosso povo um dos melhores alimentados do mundo. Já por essa occasião os nossos indices da natalidade, mortalidade infantil, longevidade e, consequentemente, o nosso progresso, causarão inveja a todos.

E na construcção desse magestoso edificio, que será o Brasil de amanhã, o livro do Dr. Dante Costa representa o de um operario de elevada categoria, tem o papel do engenheiro que levanta a planta.

CLÉTO SEABRA VELOSO.

FRANK H. TYLER

PROFESSOR DE INGLEZ



Av. Paulo de Frontin, 358

— Trata-se depois das 20 hs. —

Quatro poemas de Tomaz Kim

Fala-se muito, em Portugal, de «poesia moderna», e em nome dessa bandeira uma nova injustiça começa a vigorar: uma injustiça igual á que durante muito tempo vigorou em relação aos chamados «poetas modernos». Para os defensores da tradição, os «modernos» não eram poetas; agora, para os partidários exclusivistas da «poesia moderna», só os «modernos» são poetas. Os «modernos» como eles entendem que se é moderno! E á sombra dessa bandeira muitos pretendem passar por poetas sem o ser.

Por isso merece referencia especial o caso de Tomaz Kim: um novo poeta ainda hontem desconhecido e que é, de facto, «moderno» e poeta. Que tem, sobretudo, uma voz propria, e não é, como muitos «modernos», o éco de outros «modernos». Que não é discípulo da nova Academia em que se está transformando a «moderna» litteratura portuguesa. Que tem uma mensagem sua a transmittir, e a transmittir de uma forma «moderna» como podia transmittir-a em versos classicos. O que importa, aliás, é o espirito, a idéa, a mensagem poética nova, verdadeiramente moderna.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

NOCTURNO PARA A MINHA GERAÇÃO

*Lágrimas roubam a noite. . .
As cordas e as canções
dos nossos violinos
São de fêl e vinagre.*

*Sós! Sós em noites de febre,
procuramos o Sonho,
por nós nunca sonhado,
por nós já esquecido.*

*Assim vivemos a noite,
Assim nella morreremos . . .
na solidão das sombras
impalpaveis, serenas . . .*

*O nosso exilio
começou no ovário . . !*

APONTAMENTO

*' nosso leito é das 7 pragas
e dos minutos contados
a golos de café.*

*Odíamos os outros
fitando as nossas mãos estéreis.*

*Assim ocultamos o Tédio;
assim tentamos domá-lo . . .
com as mãos, viúvas*

*da frescura de seios,
ocultas no vago das esquinas.*

« E UM DIA . . . »

(para um desenho de Mario Eloy)

*E um dia
os exilados nos proprios lares
empunharão violinos: —
os inertes e castrados de sonho
não serão mais.*

*E um dia
virá o Anjo no Cavalo Branco: —
ergueremos
cálidas alcovas de riso brando
e música.*

*E um dia
beberemos estrelas e chagas.*

*E um dia
o sonho desflorado triunfará!*

PARA A NOSSA INICIAÇÃO

*Chegados ao Fim
quantos minutos de vida encon-
[trámos?*

*Regressemos ás Sombras,
aos dias de Tédio,
aos cafés, a mim, a vós!*

Regressemos . . .

*Regressemos aos corpos
por nós envilecidos,
aos livros e ás ruas!*

Regressemos . . .

*Regressemos aos gritos
de dôr, e á Mão fria,
estranha, que nos bateu . .*

Regressemos . . .

*Chegados ao Fim
quantos minutos de Vida encon-
[trámos?*

O minuto em que A renunciámos!

TOMAZ KIM.

Acaba de apparecer:

REVISTA DO SERVIÇO DO PATRIMONIO HISTORICO E ARTISTICO NACIONAL

Em todas as livrarias ♦♦ PREÇO: 4\$000

Pedidos á Civilização Brasileira S. A.
RIO DE JANEIRO

MEIO-SEculo DE PSYCHANALYSE E O PRISIONEIRO DE VIENNA

No dia 16 de maio o professor Sigismundo Freud, de Vienna, completou 82 annos e sua existencia, desde que deixou Moravia, seu torrão natal, foi dedicada a uma das sciencias mais modernas e que mais adeptos leigos conquistou até agora no mundo, a psychanalyse.

Compreende-se bem que o estudo do lado tragico da natureza humana desperte interesse geral, mas que essas pesquisas scientificas se tornassem, depois de Freud, parte da vida quotidiana em todos os campos do conhecimento, a litteratura, a arte, a historia das religiões, prehistoria, mythologia, folklore, pedagogia e poesia, é milagre que se deve exclusivamente a Sigismundo Freud.

As fontes dos soffrimentos ou das felicidades humanas jámais se estancarão, mas comprehendel-as ou allivial-os ou amplial-os, por meio de uma philosophia é privilegio de que só no nosso seculo foi possível tirar vantagens praticas.

Freud caminhou, como Pirandello, no entendimento dos caracteres dramaticos de sua obra, pela mesma rota da philosophia, ambos illuminados pela luz da pura intuição, sendo que o professor de Vienna passou da pratica neurologica, aos 31 annos de idade, a ter contacto directo com os problemas reaes da vida de centenas de pacientes, considerados insolúveis antes d'elle, ao passo que a fonte da analyse, em fórma theatral, de Pirandello, sobre os seus personagens, ainda não foi revelada. Neste, sobretudo nos ultimos dramas, onde a transposição da personalidade se opera pela synchronização da loucura, vemos o artista e o escriptor transformado em neurologo, naquella o scienista transformado em artista tendo o hospital como seu theatro, attingindo na exposição technica de suas observações as fórmas perfeitas de litteratura.

A palavra psychanalyse para os leigos tem sido usada em sentido contradictorio, e mesmo mal empregada, o que causou desgosto ao mestre de Vienna, sobretudo depois que Paris e Nova-York se apropriaram do mesmo ou da theoria, para cânon de uma nova moda,

com complexos e inibições de natureza sensual.

A meu vêr, de conversas que tive a oportunidade de manter com Freud, em Praga, em 1927, quando já seus livros traduzidos em todas as linguas eram vendidos aos milhões, elle percebia que os neuroticos eram gente que falhara no desenvolvimento, além de certas difficuldades na infancia, pouco além da puberdade, que os outros, felizmente, haviam transposto por meios proprios, mais ou menos subitís. Esses problemas, porem, que, dahi, para os primeiros haviam permanecido adormecidos e occultos da vista ou da observação dos normaes, tinham que irromper violentamente mais tarde, levando-os aos hospitaes e hospícios, se não desvendados em tempo. Ou então, insidiosamente soterrados durante um longo lance da vida do individuo, eis que elles ainda se manifestam, na velhice do paciente, como no caso do tribuno francez René Viviani, por exemplo.

No fundo, Freud abriu caminho atravez das camadas invias e es-

pessas do subconsciente, cuja existencia os poetas gregos e latinos, como os modernos dramaturgos, depois de Shakespeare, taes como Luigi Pirandello e Eugene O'Neill, haviam adivinhado. Freud, repito, veio submeter o material que a intuição mal revelava, em forma de emoções e idéas, a um exame minucioso, e apenas o desenraizou de fundo da personalidade humana, mais ou menos moraes ou immorales. Digo assim, porque em nosso subconsciente, dada a nossa curta medida de justiça ou regra uniformes na vida commum, temos quasi sempre um sentimento intimo de culpa, donde florescem nas almas os impulsos e desejos que geralmente se associam com a criminalidade e a loucura.

Como exemplo litterario classico, o *Faust* de Goethe é a manifestação do bem e do mal e seu sequito, manifestações vis, baixas, de embriaguez, seducção, cupidez e feitiçaria, sempre personificado na alta e baixa natureza de nossos sentimentos conscientes e subconscientes.

Considero a theoria da psychanalyse como a continuação daquella de Darwin, seja a evolução dos complexos do homem primitivo no seu corpo animal de formas, ainda mais baixas, estabelecidas mas não analysadas pela psychologia evolutiva, de modo a ser applicada igualmente á alma e ao espirito.

Freud suppruiu assim a lacuna deixada por Darwin, pois seus estudos são essencialmente genéticos ao traçar a gênese dos seus principios.

Meus votos são, hoje, para que Freud, victima inerme da intolerancia, e na sua idade avançada, mesmo um prisioneiro, possa terminar sua velhice sem ser influenciado pelos que combatem a verdade politica ou scientifica, sem illusões e amargor, e que depois d'elle, sua filha Ana Freud, que adoptou a mesma profissão, possa continuar a obra immortal, porque nenhuma éra da humanidade é mais propicia que esta para taes estudos de analyse da selvageria e bestialidade dos povos, sob a apparencia de civilização.

VINICIO DA VEIGA.

Collecções encadernadas do

BOLETIM DE ARIEL

COM O INDICE DE ARTIGOS E CITAÇÕES

Temos á venda collecções de todos os annos

Preço do volume enca-

dernado 40\$000

Pedidos a

ARIEL EDITORA LTDA.

Rua 7 de Setembro, 162-1.º and.
RIO DE JANEIRO

Retrato de George Sand

*Charles Maurras acaba de ser eleito para a vaga de Henri-Robert na Academia Fran-
ceza — isso poucos mezes depois de ter cum-
prido uma pena de prisão por delicto politico
contra o governo de Léon Blum. O BOLE-
TIM DE ARIEL offerece aos seus leitores, em
traducção especial, algumas das paginas mais
caracteristicas e famosas de Charles Maurras:
as que compõem o retrato de George Sand,
contido no volume «Les Amants de Venise»,
historia «que nada tem a vêr com a razão»
e na qual, «como no infinito, tudo se explica
e se reconcilia no absurdo».*

ELLA

Não se pôde recusar a Madame Sand (1) um
logar eminente entre os primeiros escriptores de seu
tempo e de sua escola; não é impossivel que a pos-
teridade destaque de sua mixordia muitas paginas
bellas e puras. Um amigo, em cujo gosto tenho con-
fiança, releu-a nestes ultimos tempos; ficariamos sur-
prehendidos, disse-me elle, com o frescôr, a nitidez,
a força de sua linguagem. Fiz a mesma experiencia,
que teve resultado um pouco peccr. A declamação,
as prolixidades, a mentira fundamental dos caracteres
e a falsidade das paixões me despedaçaram, de pa-
gina em pagina. Para me distrahir da fadiga do
livro, só tinha um recurso: pensar no autor. Mas,
na verdade, que bello monstro!

I

George tinha a alma grande, generosa e hospi-
taleira; isto é, quasi incapaz do sentimento que o
commum dos homens chama: *amor*. Duas especies

de pessoas parecem, com effeito, ser improprias ao
amor, as primeiras por falta de sensibilidade, as
segundas por um excesso desse dom de sentir e de
seguir o sentimento.

George passou a vida experimentando tudo pe-
lo coração. Elle amava, ou, para dizer melhor, ella
preferia todo o mundo, sem exceptuar nem os bi-
chos nem as coisas. Possuia até o sublime o poder de
se abandonar com furia a quem quer que a tomasse,
a qualquer que surgisse, camponez, deus, systema,
paizagem. A maravilha era que ella se multiplicava
dessa fórma e continuava inteira em cada qual de
seus trabalhos e em cada qual de seus prazeres.

Dispersa, mas não dividida, parece-nos que deve
ter vivido num turbilhão. E, nesse turbilhão, perma-
necia muito calma. Suas cartas, mesmo aquellas cujo
fio parece exaltado, deixam ver uma paz profunda.
Raramente a paixão, nessas cartas, se exprime pura.
Ella pensa os sentimentos e, como pensa muito mal,
estraga-os. Falando amorosamente da infinidade das
coisas humanas, Madame Sand desdenha de falar
assim do amor.

De vez em quando, lança um grito largo, uma
queixa. Quem a julgasse por isso, ficaria conhe-
cendo mal a creatura: «Não te amo mais, mas adoro-
te sempre. Não te quero mais, mas não posso mais
passar sem ti... Meu unico amor, minha vida, mi-
nhas entranhas, meu irmão, meu sangue, vae-te em-
bora, mas mata-me, quando partires.» Tudo isso não
é do tom natural de George. E veremos que série
de acontecimentos, dos quaes alguns bastante estra-
nhos ao amor, a conduziram a esses frenesis. A ver-
dadeira George é a que escrevia depois da horrivel
separação de Veneza: «*Ah! quem cuidará de ti e de
quem cuidarei eu?*» George não soffria senão de
uma inimensa caridade sem emprego. Depois da rup-
tura com o poeta, ella teve uma crise muito forte
do figado; mas, diz-nos Madame Arvède Barine (2),
finda a crise, ella «passou rapido para a indifferença».

II

«— Estreita o teu coração, meu grande George,
tu o tens grande demais para um peito humano.»
Hoje entendemos qual era o sentido dessas pala-
vras que lhe dirigia Musset numa hora de clarivi-
dencia. Istamente, o grande George não possuia tem-
peramento para estreitar fosse o que fosse. O que
lhe era preciso: tudo. Mas isso lhe era preciso verda-
deiramente, e ninguem sabia melhor o que ella que-
ria dizer quando reclamava, sem precisão nem tre-
guas, campo, commodidade, vida, ou declamava em
termos vagos contra as convenções, as limitações e
as cadeias. O papel da demagoga é quasi sempre
emprestado dos demais. Mas a nossa era sincera,
e era bem a sua natureza que esses protestos expri-
miam.

O sangue de George era o mais misturado do
mundo. As classes e as raças nelle se contrariavam.
Havia entre os seus ascendentes um rei da Polonia (3),
uma dansarina da Opera e um dono de botequim.
Era prima distante de Luiz XVI e de um vendedor

Acaba de apparecer em Edição ARIEL

um novo livro de

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(CONTOS)

com o seguinte sumario:

Contas brabas — Mãe d'Agua — Arrependimento
Meu sosia — Carta de outro naipe — A patativa
Circuito da Gavea — Iniciação — O espelho
Do outro lado — Fauna exotica — Fim de viagem

Pedidos à

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA 7 DE SETEMBRO, 162

RIO

de passaros do Faubourg Saint-Antoine. Se não é facil imaginar o que podia ser, no fim do seculo XVIII, um artista plebeu da boa cidade de Paris, conhece-se ao menos a grosseria da aristocracia do Norte da Europa pela mesma epoca: aquelles electores de Saxe cujos ancestraes haviam sido protectores de Luthero, horrendos soldados bebados e de uma luxuria sem encanto! Augusto teve bem trezentos bastardos. Seu filho, o marechal de Saxe (Mauricio-Arminius), gostava acima de tudo de manteiga rançosa, e todos os seus demais gostos iam nessa proporção, no testemunho da neta.

Dessa raça impolida e forte, George possuia alguns grandes traços de seu character physico, a brutalidade da vida, a audacia impudente para viver-a, e não sei o que de glutão no movimento do desejo. Sua biographia, bem escripta, poderia servir de evangelho aos nossos libertarios, cujos murmúrios e revoltas ella antecipou. Lemaître disse muito bem que Ibsen e Tolstoi herdaram os velhos themas de nossa George, mas é preciso convir que esta lhes pertence pelo que tem de slavo e de gothico no sangue. Esses barbaros só fizeram retomar um pouco do que lhes pertencia na romantica franceza.

III

Sendo essa a natureza de George, uma outra causa qualquer a teria impedido de ceder ou sacrificar alguma coisa de seu coração. Essa pupilla de Rousseau queria unir ás exaltações da natureza um magnifico enthusiasmo pela virtude.

Muito orgulhosa da hereditariedade protestante que lhe vinha de Augusto II, ella se considerava, do alto da cabeça, de uma natureza sagrada! Não como mulher, nem como mulher bonita, nem como mulher jovem, nem como mulher de genio. Seu sexo, sua belleza, sua juventude, não lhe pareciam mais que dotes accidentaes e secundarios, theoricamente despreziveis; ella se sagrara em sua propria essencia como creatura pensante, como coisa moral provida do sentimento de seus direitos e de seus deveres. Manter a perfeita integridade de sua pessoa era, para George, o dever e o direito; era essa virtude que ella definia pelo rigor do character, a unidade masculina da linguagem e a verdade da vida.

Essas grandes palavras não a livraram de nenhuma fraqueza nem de nenhuma mentira de mulher. Mas George sempre as seguiu ao pé da letra: se seu natural lhe retirava todos os meios de viver como matrona romana, falou frequentemente assim e só admirou e estimou os homens nascidos estoicos. Seriamente, creio eu. Na amizade, ella surge como um rapaz muito honesto. Velha, foi o modelo da bondade.

O estoicismo da linguagem é muito confortavel, attribue ao menor capricho um «preço infinito». George chamava ao seu bom prazer inspiração ou fatalidade. Mais resumidamente, ella o chamava Deus, esse Deus de Kant e de Rousseau que dogmatiza no fundo de uma consciencia sincera. «Em George Sand, observa com malicia um veneravel philosopho, Pierre Laffitte, quando as damas querem ceder docemente, Deus está sempre presente para facilitar o negocio (4).» Essa boa tirada de Louise Collet fôra

escripta como allusão directa aos livros de Madame Sand: «Si as heroínas dos romances modernos são tão aborrecidas e, na minha opinião, tão immoraes, é que, a proposito de amor, ellas falam de Deus ou maternidade.»

Essas heroínas sabem enganar-se a si mesmas com muita arte. Nada ha de divertido nem de agradável que ellas não pretendam desempenhar religiosamente e por obrigação, servindo assim o catecismo do momento como capa de seu interesse do momento. Ellas possuem o genio de amalgamar com a mais geral das idéas prazeres muito particulares. Mas as personagens femininas de Madame Sand quasi que só fazem repetir e pôr em fórmulas o procedimento da autora. A «Histoire de ma vie» traz a divisa á qual todas as moças de sua imaginação igualmente aspiraram: «Caridade para com o proximo, dignidade para consigo mesmo, sinceridade para com Deus.»

Num sêr sem paixões, a caridade, a dignidade e a sinceridade podem viver em accordo, pela razão de nem mesmo encontrarem occasião para um conflicto. E a concordia não é impossivel em taes naturezas ardentes, quando uma forte disciplina religiosa ou moral as manteve longo tempo em respeito, porque a idéa de Deus, mesmo a simples idéa do Bem ahi se traduz por habitos muitas vezes hereditarios, em todo caso muito antigos, de uma viva efficacia. O Deus de George era o escravo e não o senhor desse coração turbulento. Forçoso, assim, que acontecesse que a inquietude de sua dignidade pessoal lhe fizesse algumas vezes esquecer o preceito de caridade até o ponto de tornal-a mais que dura e quasi cruel.

Quanto á sinceridade perante Deus, essa bella preocupação, azedando-se, nunca prejudicou a dignidade de George e por igual á sua caridade? O sentimento certo de uma justificação no céu deixa que se pratique sobre a terra mais de uma iniquidade.

IV

Eis o erro, nascido de uma especie de mentira, que desfigura George Sand. Foi apenas tentando formular uma lei para uso proprio, lei que verificamos ser falsa, que George ficou reduzida a deixar seu estado de innocencia e conheceu os dois termos do Peccado e da Virtude.

Pagã com franqueza, puramente sensual, transbordando dessa barragem de deismo hypocrita, sua lembrança ficaria impregnada de um grande encanto. A boa George, como alguns a chamam, receberia esse nome de todos. Que fina legenda, a série de seus amores, de suas viagens e de suas dansas — porque ella dansou durante muito tempo! Como as princezas das duas Renascenças, ella receberia o culto sorridente que os nossos Antigos votavam ás nymphas e ás naiades. Seria divinizado tudo o que foi della, em memoria desse bello dom que ella possuia de gozar de todas as coisas physicas, e seria lembrado que, a esse dom, ella ajuntava mesmo um desejo de compreender todas essas coisas e de se adeantar em seu segredo. Evocaríamos sua vontade de não ficar, de coração, de corpo ou de pensamento, estranha a nada de vivo e como, mal organizada para

as sciencias, ella se applicou ao seu estudo com um zelo digno de Hypathia e de Novella.

Demo-nos, ao menos, o prazer de fital-a nessa luz que lhe é favoravel.

Vêr, respirar, tocar as flores não lhe bastava: George procurara os nomes e as propriedades dessas flores nos livros de botanica. Como grande observadora das estrellas (ha, em sua obra, «Noites» em prosa que valem, pela magnificencia, sinão pela meiga paixão, as «Noites» rimadas de seu amante), ella conservava em boa ordem na cabeça a nomenclatura dos céos.

— Sábia! dizia-lhe Musset, admirando-a, com uma pontinha de censura.

Dessa feita, Musset enganava-se. Mesmo como astronoma, George nada teve de sábia. Ella era simplesmente igual á Natureza, cujo curso limpido seu feliz espirito reflectia.

V

Na vida de uma mulher assim feita, os homens deviam seguir-se mais ou menos como se succedem no movimento do Grande Todo. Ephemeris instantes, segundos fugitivos, bolhas da espuma infinita.

A meio seculo de distancia, ella parece a Boa Helena do mundo das lettras de então. Apenas dois ou tres cortezãos foram julgados impossiveis. E ella ainda sabia fazer, de seus amantes desilludidos ou gratos, amigos certos, intimos familiares e bons guardas que, como aquelle pobre Planché, se consolavam da transição de que ella os fazia testemunhas, dizendo-se, não sem razão, que aquillo teria um fim. Oh! aquillo acabaria, mas para recommençar! Planché desapareceu sem vêr esse fim. Ella pedia ao amor, ou melhor, ao homem escolhido por seu amor, o succo de seu proprio pensamento, a substancia da obra que desejava dar á luz.

George amava como olharia, em viagem, a tincta de um céu bonito, a graça de um riacho, a poderosa desordem de uma floresta; era um novo recanto do véo universal que se levantava aos seus olhos. Ella se approximava, para seu proveito, quasi tanto como para seu prazer.

Quanto aos favorecidos, não podiam elles pensar, sem um espanto que os tornava quasi estupidos, na extrema igualdade de animo com que ella se votava a fazer sua felicidade. Fria? Parece que não. Mas uma palavra muito formal de uma de suas cartas a Musset deixa vêr que essa mulher tão caritativa não foi perfeita na arte de tornar felizes os seus amantes. Ella respirava a indifferença superior. Veremos o que ella pensou sobre esse ponto, relendo nas «Lettres d'un Voyageur» aquella allegoria da barca em que estão reunidos seus amigos, todos bellos, todos jovens, todos amantes. A barca é grande e está cheia. *Elles não estão divididos em casaes*, vão de mistura, sem se escolherem, e parecem amar-se todos igualmente de um amor inteiramente divino.» Deixemos, por favor, o divino.

Tendo deixado Dudevant para viver em Paris, ella sahia dos braços de Sandeau e de Mérimée quando conheceu Alfred de Musset. Qualquer que fosse o amante do momento, ella saltava da cama para se pôr a escrever. A anecdota é conhecida. Aconteceu-

lhe uma noite terminar um romance e começar um novo, sem outra folga senão o tempo de embrulhar o volume e de mandal-o a Buloz, talvez de enrolar um leve cigarro. Teria sido nas bellas noites de Musset? O amante se enregelava, chamando-a para junto de si. Perdia o esforço e a voz.

VI

Todos concordam em annotar que ella era tola na palestra, falava mal e quasi não escutava os demais, e que seu olhar revelava a estupidez sonhadora de uma boa novilha. Mas, a propria George se impunha essa reserva e esse silencio. Onde teria a grande prodiga amontoado seu tesouro, sem essas horas de perfeita placidez? Uma eloquencia natural, uma eloquencia de *sereia* (a palavra é da mãe de Musset) subia-lhe aos labios de accordo com as necessidades da penna: sua pessoa um pouco pesada, seus traços de creatura despertada do somno, seu olhar vago se animavam, domavam a attenção e tomavam á força o amor. O rhetorico fascinante que revive ainda para nós em algumas paginas fazia então sentir de viva voz o seu poder.

Essa «verve» de um bello genio brilhava nos olhos de George: bellos olhos que persistiram, até a velhice, sombrios, profundos, atravessados por duas pupillas foscas, de um «negro doce», como dizia ella mesma, por vezes afogados com langôr numa especie de fluido ambarino. Aquelle que tivesse experimentado o poderio desses olhos difficilmente se libertaria delles. Cerca de vinte annos mais tarde, Musset ainda os revia, brilhantes e fugidios como archotes, entre os pinheirões que atravessara outrora nos transe de sua dor.

Por volta de 1833, esses olhos impereciveis viam num matiz quente e escuro de reflexos de bronze. Essa côr fulva causou o primeiro maravilhamento de Musset. Elle julgou vêr o retrato vivo da Rosina de «Mardoche», tal como a esboçara dois annos antes:

... *Un peu brûlée à ces soleils de plomb
Qui font dormir le pâtre à l'ombre du sillon,
Une lèvres à la turque et sous un col de cygne
Un sein vierge et doré comme une jeune vigne.*

E não poude deixar de falar disso, á noite, ao irmão.

Aquella tez, aquelles olhos côr de febre, promettiam-lhe um bello e rude temperamento de amorosa. Elle ignorava que em mais de uma mulher a paixão não se pôde concentrar em um unico objecto, mas se arremessa como a oração do pantheista adeante de todos os seres do universo.

(1) Sabe-se que o nome de George Sand (1804-1876) é um pseudonymo tirado de Jules Sandeau. «Née» Aurore Dupin, ella desposara o barão Dudevant em 1822 e o abandonara em Janeiro de 1831. A separação definitiva só se realizou por volta de 1836. Alfred de Musset nascera em 1810. Morreu em 1857. Os dois se encontraram no começo do verão de 1833.

(2) «Alfred de Musset», por Arvède Barine, Hachette.

(3) Por Aurora de Koenigsmarck. Sem duvida dos mesmos Koenigsmarck que haviam fornecido, no seculo XVII, o cavallariano contractado por Veneza especialmente para lançar sobre a Acropole de Athenas uma bomba famosa que estripou o Parthenon. São as harmonias da historia do mundo (1916).

(4) Carta a Anatole France, na edição de «La Princesse de Cleves», Paris, Conquet, 1889.

REMINISCENCIAS

Foi a 5 de Setembro de 1874. O vaporzinho, servindo ao transporte dos passageiros entre Bordéus e Pauillac, onde se acha o ancoradouro dos paquetes das *Messageries Maritimes*, que fazem a travessia da Europa a La Plata, esperava o signal da partida. Esse trajecto, de tres horas apenas, é geralmente feito em condições assaz desagradaveis e que provocam, em cada viagem, numerosos protestos por parte dos passageiros. De dimensões mais que restrictas, a embarcação a vapor é insufficiente para receber os passageiros, em numero frequentemente consideravel, que se acham comprimidos a bordo.

Poucos instantes depois de ter deixado o caes, fiz conhecimento com um dos passageiros, de aspecto muito sympathico. Era Joaquim Nabuco, que acabava de fazer uma viagem á Europa e regressava ao Brasil. Nabuco, naquella epoca, iniciava sua carreira diplomatica; poeta, escriptor, jornalista, orador de talento, elle não previa, então, o logar de destaque que lhe estava reservado para mais tarde, na politica do Brasil, como campeão das grandes causas liberaes e humanitarias.

Uma mutua sympathia nos approximou e levou-nos bem depressa para o terreno das confidencias. Disse-lhe eu que me dirigia ao Brasil por insistencia de um de seus compatriotas, Caetano Furquim d'Almeida, que eu tinha particularmente conhecido em Gand, cuja Universidade frequentamos juntos. Foi durante a epoca dos nossos estudos, 1863-1869, que eu me havia ligado com um grupo de estudantes brasileiros, Van Erven, Ottoni, Lara, Vianna, Chermont, Moraes, dentre os quaes alguns habitavam ou tomavam suas refeições em casa dos Dupré, familia de excellente gente, hoje mais ou menos extincta.

Quanto á duração da minha permanencia no Brasil, tudo dependia da entrevista que eu deveria ter no Rio com Furquim. Por seu lado, Nabuco dizia-me que elle fazia questão de reter-me no Brasil, onde um vasto campo se abria a todas as intelligencias e actividades. Outrosim, as relações de sua familia e principalmente de seu pae, que então gozava prestigio, tanto mais que de um dia para outro se esperava vêr chegar ao poder o partido liberal, poderia ser-me de grande utilidade. Aliás, accrescentava Nabuco, a hospitalidade brasileira e a natureza do paiz são tão captivantes, que o estrangeiro se deixa facilmente seduzir.

O paquete «Orénoque», sobre o qual embarcamos pouco depois, acabava de sahir dos estaleiros de Marselha, e fazia a sua primeira viagem. Eu não me demorarei em fazer a descripção da travessia; em geral descrever-se uma é descrever-as todas. Entre os passageiros, liguei-me particularmente com o Dr. José Bento Martins.

Hoje em dia, a travessia de Bordéus ao Rio faz-se em 15 dias, porem em 1874, ella durava 20 a 21 dias; portanto, só chegámos ao Rio a 26 de Setembro. Ao dia seguinte da nossa chegada, eu soube que Furquim estava no Rio Grande do Sul, onde trabalhava como engenheiro na construcção de uma estrada de ferro. Era um contratempo com o qual eu

não contava. Enviei-lhe um telegramma, ao qual elle respondeu alguns dias depois por carta, informando-me que não poderia estar no Rio senão alguns mezes mais tarde.

Graças a Nabuco e ao Dr. Bento Martins, no fim de 15 dias, eu era recebido por varias familias do Rio, e pude constatar a veracidade do que Nabuco me tinha affirmado a respeito da hospitalidade brasileira. Aconselharam-me a ir ver o Imperador, que me acolheu com a solicitude que S. M. costumava ter nessas recepções de palacio, tão despidas de toda etiqueta, e que tanto contribuíram para tornar a familia imperial extremamente popular.

O Senador Nabuco apresentou-me ao Snr. Buarque de Macedo, que occupava naquelle tempo o logar de Director Geral no Ministerio dos Trabalhos Publicos e mais tarde foi ministro. Conservei de seu acolhimento a melhor recordação. Era uma intelligencia esclarecida e um espirito apto ás grandes idéas. A morte veio infelizmente interromper muito cedo o curso dessa preciosa existencia consagrada inteiramente ao serviço da nação.

Começavam então os trabalhos geodesicos no no municipio neutro e nomearam-me membro da Commissão delles encarregado.

Vindo ao Brasil sem resolução determinada quanto a duração do tempo que eu poderia nelle permanecer, interesses de familia obrigaram-me a voltar á Europa em 1875. O governo aproveitou-se de minha viagem para encarregar-me de auxiliar o Ministro do Brasil em Paris na recepção de uma encomenda de instrumentos de geodesia, que tinha sido feita pouco antes. Voltei da Europa no mez de Junho seguinte.

Os primeiros annos que se seguiram são de pouco interesse para o leitor, e por isso sobre elles não me demorarei. Não posso, entretanto, lembrar-me desse tempo sem que me recorde com saudades da physionomia de algumas pessoas que tive a felicidade de conhecer de perto. Quero falar do Barão de Taunay, do seu irmão Hippolito, do Visconde de Beaurepaire Rohan, e do Visconde de Taunay. Em cada um delles, não só nobreza de raça, como tambem nobreza de sentimentos e de caracter, — toda essa digna geração deveria servir de exemplo quando se citam, como virtudes civicas, a pureza e a austeridade de costumes, o desinteresse e o respeito á fé jurada.

Quando, pois, convencer-se-hão os povos de que, si os cidadãos que se cobriram de gloria sobre o campo de batalha, ou sobre o mar, têm direito a uma estatua, e si devem ser perpetuados os traços daquelles que se fizeram um nome na sciencia ou nas bellas-artes, igual direito assiste tambem aos que altamente praticaram as virtudes civicas, ainda que levando uma existencia tão modesta quanto obscura? Citei ha pouco o Imperador. Seja-me permittido render aqui uma homenagem á sua veneranda memoria. Tive frequentemente, occasião de lidar com S. M. e dessas conversas conservei a impressão de que o Imperador não somente possuia uma erudição ex-

tremamente variada, como, principalmente, era dotado de uma memoria prodigiosa.

Chego, pois, sem mais demora, ao anno de 1882.

Em 6 de Dezembro desse anno, devia realisar-se a passagem de Venus sobre o sol, visivel em excellentes condições em uma grande extensão das duas Americas. O Brasil não podia deixar passar essa occasião, unica nos Annaes da Astronomia, sem tomar parte activa na observação do phenomeno. Por isso, o governo, a meu pedido, solicitou das Camaras legislativas, um credito de trinta contos de réis, como subvenção ás despezas da organização das missões, que deveriam ser enviadas ás Antilhas, a Pernambuco, e a Punta-Arenas.

A discussão desse credito, deu ensejo a que certo deputado, de natureza espirituosa, gracejasse a respeito do que elle chamava a «Astro-mania» do Imperador. Em compensação, o jovem ministro do Imperio, Rodolpho Dantas, poz a eloquencia de sua palavra ao serviço da sciencia e valorosamente defendeu o projecto, que foi votado. No Senado, o pedido de credito foi sustentado e eloquentemente discutido pelo Visconde de Ouro Preto.

Seria demasiadamente longo e sem grande interesse contar em detalhe as difficuldades que tiveram de ser superadas para a preparação do material destinado ás diversas missões.

O apparecimento do grande cometa, que se mostrou nos primeiro dias de Setembro, obrigou-me, alem disso, a um accrescimo de trabalho, do qual ter-me-ia libertado com prazer, se possivel me fosse.

Das trez missões, eu me tinha reservado a de Punta-Arenas, que foi a ultima a pôr-se em caminho, retido como o tinha estado pelos preparativos das outras duas.

A morosidade da concessão de credito pedido ás Camaras, forçou-me a retardar a encomenda de certos instrumentos que deveriam vir da Europa; por isso, quando chegou o dia 26 de Outubro, dia marcado para a partida da nossa missão, faltava-me ainda a objectiva da luneta principal!

O governo tinha posto á minha disposição a corveta *Parnahyba* e escolhido para commandal-a o Capitão de Fragata Luiz Saldanha da Gama, um dos mais distinctos officiaes da marinha brasileira. Quanto ao estado-maior da *Parnahyba*, compunha-se elle dum grupo de jovens officiaes cheios de futuro; o segundo commandante Serra Pinto, e os tenentes Retumba, Lima Franco, Adelino Martins, Ernesto Midosi e Carlos Midosi.

Convencido do interesse que haveria em accrescentar um naturalista ao pessoal da missão, eu me tinha dirigido, ao director do Museu, Snr. Ladisláu Netto, que, não podendo pôr á minha disposição um naturalista daquelle Instituto Scientifico, recommendou-me um ajudante naturalista, Snr. Gustavo Rumbelsperger, cuja avançada idade não excluia o vigor e, ainda menos, o bom humor.

Em 26 de Outubro, dia marcado para a nossa partida, estava tudo prompto, salvo a objectiva que deveria chegar pelo primeiro paquete, porem, por uma coincidência verdadeiramente providencial, na

manhã mesma desse dia chegou o navio impacientemente esperado.

Antes de ir para a *Parnahyba*, dirigi-me para o paquete, onde depois de alguma procura, acabamos por descobrir um *colis-postal* contendo a objectiva, que levei immediatamente.

O Imperador veio a bordo da Corveta afim de certificar-se de nada faltar á missão, e sahiu sómente no momento de levantar ancora.

Já disse, que o Commandante Saldanha da Gama era um dos mais distinctos officiaes da armada brasileira. Seja-me permittido accrescentar algumas palavras como um tributo de gratidão e de admiração áquelle, com o qual vivi durante varios mezes, e que, alguns annos mais tarde, infelizmente, devia, como um verdadeiro heroe, succumbir sobre um campo de batalha, rodeado de um punhado de fieis companheiros, lutando por uma causa tão sympathica quanto infeliz.

Saldanha da Gama era uma intelligencia superior, e seu saber não se limitava ao que constitue o officio de marinheiro, mas estendia-se aos assumptos mais variados. Era um apaixonado pela sua profissão, o que o não impedia, quando se apresentava a occasião, de ser tambem um perfeito *gentleman* e de obter verdadeiro exito mundano nos salões de Washington ou de Buenos-Ayres.

Saldanha tinha appellidado a *Parnahyba* de «Gazella» e tinha por esse pequeno navio uma afeição que não dissimulava. Obediente ao leme, quando elle lhe tomava o commando, ella parecia animar-se como um sêr intelligente, e obedecia-lhe com tanta rapidez, quanto com docilidade. Por isso, Saldanha, gostava de lhe fazer executar manobras elegantes e caprichosas á sahida ou á entrada de alguns portos; manobras ás vezes um tanto temerarias, e que, mais de uma vez, tinham provocado na roda dos officiaes a apprehensão de algum accidente. Mas, diziam elles, o Commandante tem lá em cima a sua estrella que o protege.

Quão poucos, poderiam suppôr, naquella epoca, que essa estrella que no curso de sua vida, demasiadamente breve, tão breve quanto brilhantemente desempenhada, e que até então nunca o tinha abandonado, devia um dia apagar-se e desaparecer tão bruscamente!

Durante a travessia de ida e volta, á qual não faltaram incidentes, eu o vi, mais de uma vez, em face do perigo, nunca perdendo o sangue frio, e do alto do passadiço dirigir a manobra, da qual ia, talvez, depender a sorte da «Gazella» com a mesma calma como si se tratasse de fazer-lhe descrever alguma curva sinuosa e elegante no porto do Rio de Janeiro.

A *Parnahyba* levantou ancora pelas 4 horas da tarde e pouco mais tarde perdiamos de vista o Pão de Assucar e o Gigante de Pedra.

Lembrar-me-ei sempre, com um sentimento de profundo reconhecimento, das semanas que passei a bordo da *Parnahyba*, no meio desse pequeno grupo de officiaes com os quaes entretive as relações as mais cordiaes, e que nenhum incidente veio perturbar até o dia de nossa volta.

E' nessa existencia de bordo, onde se é forçado a viver ao lado uns dos outros, onde as necessidades

do serviço a cada instante podem provocar attritos, pôr em jogo susceptibilidades, que os defeitos e as qualidades de cada um se revelam bem depressa. Esta vida em commum, que tanto pode durar alguns mezes como se prolongar de dous a tres annos é, por assim dizer, uma provação á qual se acham submettidos os caracteres, cujas particularidades boas ou más, são postas em evidencia.

Quantas vezes, bem antes da aurora, dirigi-me ao tombadilho para fazer companhia ao official de quarto, esperando o nascer do sol! Horas deliciosas e velozmente escoadas no meio de conversas sobre mil diversos assumptos.

E o sentimento da grande responsabilidade que pesa nesse momento sobre o official encarregado da segurança do navio, e que é a causa, ás vezes, delle suppôr perceber no horizonte, que apenas se distingue nas sombras da noite, clarões que não existem, mas que poderiam ser fogos de algum navio ou de algum pharol da costa que estivesse bem proxima!

Chegamos, sem incidente, a Montevideo no dia 30 de Outubro, onde o commandante Saldanha devia completar seus abastecimentos.

Ahi ficamos até 4 de Novembro. Durante nossa curta estadia nessa encantadora cidade, onde ainda se encontram numerosos vestigios dos esplendores passados, que sobem á epoca da guerra do Paraguay, que fez desta cidade um ponto obrigatorio dos movimentos das tropas alliadas, tive a oportunidade de conhecer o Secretario da Legação do Brasil, o Snr. Costa Motta e o Consul, o excellente Snr. Deschamps.

Fomos recebidos em audiencia especial pelo Presidente General Maximo Santos, que manifestou todo o interesse que tomava por nossa missão scientifica.

A 4 de Novembro, a *Parnahyba* levantava ancora e dirigimo-nos, desta vez, para os mares do Sul. A 6, pela cahida da noite, estando á altura do *Golfo Mathias*, o vento refrescou rapidamente e fixando-se a S. S.E., levantou o mar em vagas curtas e fundas que faziam jogar enormemente o navio, cuja marcha foi diminuida por precaução. A noite passou-se nessas condições e o dia voltou sem que tivessem melhorado. Foi sómente na tarde desse dia que o tempo endireitou.

A 10 de Novembro approximamo-nos da costa, pois o *Cabo das Virgens*, á entrada oriental do estreito de Magalhães, não devia estar longe. Com effeito, a costa breve appareceu na direcção de S. E., sob o aspecto de penhasco bem elevado, e para a noite, depois de termos dobrado o *Cabo das Virgens*, penetramos no estreito de Magalhães.

Dobrando o cabo, notei uma baixa de temperatura de perto de 5 graus, o que se explica facilmente pelo facto de que, até esse momento, a costa, pela sua elevação serve de abrigo contra a acção dos ventos, sempre frios, que sopram de oeste, e que passam sobre os cimos gelados da extremidade dos Andes.

Sendo impossivel a navegação, á noite, no estreito, devido a sua pouca largura, que em varios logares se estreita a ponto de tomar o aspecto de «gargalo», e tambem por falta de pharol, o commandante aproveitou o mais possivel os ultimos vis-

lumbres do crepusculo, e só fez atirar a ancora lá pelas 9 horas da noite, depois de ter encontrado uma pequena enseada. No dia immediato, seguimos para oeste, depois de ter vencido com grandes difficuldades a força da correnteza que se dirige para léste e attinge uma velocidade excessiva, principalmente nas duas pontas mais estreitas. Algumas horas mais tarde, chegámos á vista de Punta-Arenas, ponto escolhido para estação de observação e que se encontra sobre a costa léste da peninsula de Brunswick.

Punta-Arenas, antigo lugar de deportação, situada sobre o territorio não contestado, entre o Chile e a Republica Argentina, apresentava, na epoca em que lá chegamos, o aspecto de uma pequena cidade, cuja população não chegava a 1.800 habitantes, e offerecendo poucos recursos.

Todas as casas eram feitas de madeira, com excepção de uma unica para a qual, com grandes despesas, tinham importado ouros materiaes de construcção.

O governador, Snr. Sampaio, dispensou ao pessoal da missão a acolhida mais cordial. Soubemos que havia mais de um mez, já estava installada em Punta Arenas uma missão allemã cujo chefe era o astrónomo bem conhecido Sr. Auwers e que tinha o seu observatorio estabelecido um pouco para o norte.

Encontramos a hospitalidade mais franca da parte de um portuguez, Snr. Nogueira, que residia em Punta Arenas havia muitos annos. Escolhi para me ajudarem mais particularmente nas observações os Snrs. Ernesto e Carlos Midosi, que foram para mim preciosos e intelligentes auxiliares durante toda a duração do trabalho.

O dia 12 foi consagrado a um rapido reconhecimento da localidade, e eu escolhi, como ponto de installação mais conveniente para o nosso observatorio, um local bastante proximo do cemiterio no qual repousam os restos da tripulação do navio inglez ... o qual explodiu ... sem que nunca se pudesse descobrir a verdadeira causa do desastre, que causou ... victimas.

Desde o dia 13, começamos a montagem do observatorio, e a primeira série de estrellas foi observada na noite de 17—18 de Novembro.

Emquanto proseguimos os nossos trabalhos astronomicos, o naturalista Rumbelsperger afastara-se um pouco de Punta Arenas na esperança de encontrar um campo mais vasto, sobretudo mais abundante, para suas colheitas no dominio dos reinos vegetal e mineral. Na verdade, toda essa região possui uma flora de uma penuria desoladora mas não sem grande interesse devido ao pequeno numero de naturalistas que a estudaram até agora. Parece com effeito que estes dirigem preferentemente os seus estudos para as regiões equatoriaes ou temperadas do globo, onde geralmente suas explorações são de uma fertilidade notavel. O Snr. Rumbelsperger, numa das suas excursões, levou uma queda, e de maneira tão desastrosa que quebrou duas costellas. Felizmente restabeleceu-se completamente com repouso absoluto durante dez dias, findos os quaes já não sentia mais nada.

O clima desta região é eminentemente salubre, secco e frio, e batido constantemente pelos ventos

de oeste, que attingem por vezes grande violencia. O Dr. Fenton, de nacionalidade ingleza, seduzido pela excellencia do clima de Punta Arenas, ahi fixou residencia ha alguns annos, e descreveu-nos com entusiasmo as vantagens da localidade do ponto de vista da salubridade. E' certo que ninguem tinha lembrança de qualquer doença séria em Punta-Arenas; quando muito algumas affecções das vias respiratorias provindas de uma imprudencia. Morria-se apenas de velhice e accidente.

Quanto ao commercio e á industria, quasi não existem; limitavam-se á venda, em pequena escala, de pelles de guanaco, lontra, avestruz, raposa e de um pequeno roedor, marsupial, conhecido sob o nome indigena de «tchingo».

Os arredores pouco se prestam para pasto. Em compensação, existem soberbos campos nas ilhas Malvinas, onde se dedicam em grande escala á criação do carneiro.

Em 1882, esta industria achava-se passavelmente desenvolvida; soube, porém, que depois disso, tomou um incremento extraordinario. Punta Arenas, ella mesma, tornou-se uma cidadezinha prospera, de 10 a 12 mil habitantes, o que em nada lembra o burgo insignificante de 1882.

Uma ou duas vezes por anno, os Patagões, da tribu dos Tchacelches, vinham até Punta-Arenas, vender pelles de guanaco, ou por outra, trocá-las por tabacco ou alcool. Davam-se, segundo nos informaram, durante os poucos dias que elles ali passavam, orgias sem treguas.

E' de suppôr que a sorte reservada ás poucas tribus de patagões que ainda existem, seja a mesma que espera á maior parte das tribus de pelles-vermelhas, e outras povoações em um porvir mais ou menos proximo; o abuso do alcool, com o seu cortejo de vicios, acabará por exterminá-las todos.

O portuguez Nogueira, do qual eramos hospedes, tinha feito uma pequena fortuna, dedicando-se á caça das lontras, das quaes elle depois vendia, por bom preço, as pelles. Este amphibio vive um grande numero nas aguas do estreito, mas principalmente nas dos numerosos canaes da Terra do Fogo. Não possuindo embarcação, elle mesmo tinha construido uma inteiriça que lhe permittiu empregar a caça das lontras nos logares onde ellas mais abundavam, isto é, em todo lugar onde existiam algumas rochas submarinas, sobre as quaes, quando a maré baixava, ellas vinham deitar-se ao sol. Uma excellente *Winchester* constituia todo o seu material de caça. Elle gostava de dizer, mostrando sua arma favorita, que ella lhe tinha dado uma fortuna.

O céu mostrava-se frequentemente nublado, o que nos fazia temer o exito da observação, cuja data se approximava. Por falar nisso, notarei aqui uma observação, que tive a occasião de fazer a respeito da forma e do aspecto de algumas nuvens. Estas, com effeito, dependem, não sómente, do grau de humidade, mas tambem dos ventos que reinam nas regiões baixas e superiores da atmosphera. Ora, cada região do globo goza de caracteres differentes, sob esse ponto de vista. Dahi se segue, que certas formas peculiares de nuvens, devem ser, mais frequentemente vistas em tal região, de preferencia a tal outra.

Assim, na região do Estreito de Magalhães, vizinha de Punta-Arenas, tive frequentemente occasião de observar uma forma de «cirrus», absolutamente extraordinaria, e que em parte alguma até então tinha visto, nem nunca mais revi depois disso.

O clima de Punta-Arenas é frio, sendo a media annual approximadamente de 8° acima de zero. Durante a estadia que lá fizemos, e que se estende de 11 de Novembro a 8 de Janeiro, a maxima durante o dia não passava de 22°, enquanto a minima descia frequentemente ás vizinhanças de zero.

Afim de evitar um completo fracasso no caso em que o céu se conservasse nublado no dia 6 de Dezembro, o commandante Saldanha propoz de se dirigir a uma outra localidade do Estreito, afim de lá observar o phenomeno, para o que escolhemos a ilha de *Quarter-Master* situada a...

Elle partiu, pois, na *Parnahyba*, no dia 4, levando uma luneta, alguns chronometros regulares, emfim, o material necessario para permittir a observação.

Chegou o dia 6 de Dezembro. Felizmente o tempo annunciava-se favoravel; o sol, apesar das nuvens, mostrou-se a descoberto no momento dos contactos, que puderam ser observados em excellentes condições. Soube mais tarde, que as missões brasileiras que tinham observado nas Antilhas e em Pernambuco, tinham sido menos favorecidas. Apesar de tudo, o conjuncto de nossas observações forneceu um excellent resultado para o valor da parallaxe solar, como o demonstrou o relatorio detalhado, publicado em 1886.

Terminadas as observações indispensaveis, que tinham motivado a ida de uma missão áquellas paragens, o commandante Saldanha da Gama quiz aproveitar o ensejo para fazer uma excursão á Terra do Fogo.

Antes do mais, qual a origem desse nome? Vejo duas, e tanto uma como outra podem ser acceitas. A parte da costa da Terra do Fogo, que ao mesmo tempo é uma das margens do Estreito de Magalhães, por sua orientação geralmente de Oeste-Leste, achase vivamente alumiada, principalmente á hora do occaso, e devido á sua conformação e sua constituição geologica, reveste-se de tons avermelhados bastante vivos, que podem ter-lhe feito dar o nome de Terra do Fogo. E' tambem possivel que essa denominação provenha do habito que têm os Fueginos, seus habitantes, de accender frequentemente fogos, cujos rolos de fumo, elevando-se a grandes alturas, servem de signaes convencionaes de uma a outra tribu.

Recordo-me que, por occasião de nossa chegada, navegando no Estreito, tivemos a nossa attenção chamada para o apparecimento, sobre a costa da Terra do Fogo, á nossa esquerda, de uma columna de fumo, á qual não tardou que se succedessem outras, em varios pontos da costa, parecendo signaes com alguma significação.

O portuguez Nogueira quiz prestar-se a servir-nos de piloto durante esta excursão.

Deixamos Punta-Arenas a...

LUIZ CRULS.

A LIBERDADE NA MUSICA

Quando o jazz appareceu não só despertou attenção, porém boliu muito com a sensibilidade do homem, que logo viu nelle um producto puramente afro-americano: uma como erupção de alegria sensual do povo preto, despertada pela ascensão e pela libertação proporcionada por uma grande nacionalidade. Até na Africa não se conhecia nada que se pudesse comparar bem com o jazz, por isso mesmo que o «bambula» não passa de uma especie de avô dessa barulhenta e arhythmada musica americana.

Os parentes internacionais do jazz, seus primos de primeiro gráo, são as dansas dos guerreiros indianos, o jig dos irlandezes, as dansas dos cossacos, o fandango espanhol, o maxixe brasileiro, as dansas de redemoinhos dos derviches, o hula-hula do Pacifico, a dansa-serpente oriental, a carmagnole dos francezes e tambem as dansas dos ciganos.

Na época da escravidão norte-americana, o negro que trabalhava na apanha do algodão, ou que soffria a oppressão do rêlho, costumava cantar em tom resignado. Era a unica distracção do trabalho. Todavia o homem negro jámais precisou de alegria exterior, isto é, nunca foi encontrar motivos de ventura e satisfação vindos de fóra, pois que, mesmo preso e martyrizado, seus sonhos de libertação jámais deixaram de florescer.

As antigas canções mostram uma cadencia singular e verdadeiramente estranha em comparação com os outros rythmos. Nos versos que se seguem bem se poderá apreciar uma constante mudança de tom.

*O Serhor libertou Daniel,
Libertou Daniel,
Porque não nos libertou?
Tirou Daniel do fôssô dos leões,
Tirou Jonas da barriga da baleia,
Tirou os judeus do fôrno quente;
E por isso ha de nos libertar.*

*O sol se apagou,
As estrellas amortecem,
Senhor Jesus, salva-me,
No Dia do Juizo.
Rezarão então as pobres almas
Que nunca antes rezaram.*

A differença existente entre os canticos negros religiosos e profanos se nota logo no rythmo de movimentos do corpo. Nos de sentido religioso sómente a cabeça e o abdomen mantêm uma ondulação muito suave e commedida, não occorrendo já assim quanto aos profanos, que mobilizam tudo, pés e mãos, mobilizam todo o corpo numa electrização interessantissima.

Com a liberdade dos escravos veiu tambem a libertação de suas mãos e de seus pés que até então estavam tolhidos no potencial enorme de movimento de que se mostraram depois capazes. Manifestou-se a alegria sem recalques com uma vitalidade espantosa.

Na vida norte-americana começaram a apparecer em publico os pianistas que tocavam nas téclas

pretas e brancas indistinctamente ,tocavam sem modos, em desordem, com as cabeças inclinadas para traz e gingando o corpo, como se estivessem embriagados. Esses negros pianistas nunca deixaram de ostentar charutos pendurados nos beiços e de sincronizar o seu enthusiasmo com aquelle outro que estava bolindo na assistencia. Negros inteiramente libertos: saltando dos bondes ás carreiras, tomando sorvele e bebendo muito uisque.

A nova musica que depois se assenhoreou do mundo, começou assim.

O negro de Harlem não se contentava. Achou o piano humilde demais para representar as suas exaltações. E então foi buscar o chocalho de boi, a busina de automovel, os utensilios de cosinha, até, como já vi, choques de correntes electricas. Um critico yankee, apreciando a «novidade», diz que a «sala de baile era qualquer buraco miseravel, mas enchia-se duma bemaventurança indizível; o publico delirava de jubilo».

A primeira peça de jazz foi escripta pelo preto Handy e chamava-se Memphis-Blues, enquanto Jasbo Brown dansava e cantava num cabaré de negros em Chicago, applaudido por uma assistencia bebada que gritava sem cessar: bis, Jasbo, bis Jas, bis Jas. Foi o bastante senão a conta, dahi nascendo o nome de jazz que iria logo dominar o universo com um prestigio fulminante. Logo inventaram o chamado passo de cachorro, delle se apropriando Jasbo para a criação do Texas-Tommy, onde não se sabe o que mais admirar-se o engenhoso desequilibrio ou se a acrobacia louca.

Já agora o piano não andava só. O violino e o violão, o baixo e as baterias se juntaram, entrando a collaboração das latas de zinco e as palhetas, introduzidas na trombeta e no clarineto, a fazer uma violenta modificação no som. Um allemão inventára ha muitos annos um machinismo que dava gritos agudos e cortantes, baptisando-o com o nome de saxophone. Esse pobre inventor morreu de fome e de ridiculo. Ninguém acreditou nelle. Pois o negro não pensava na permanencia do esquecimento e desenterrou o saxophone, deu-lhe prestigio, e intensa mobilidade musical.

James Weldon Johnson escreve que «nos cantos profanos é o pé que indica os rythmos simples que parecem predominar no principio; o movimento das mãos entretece-os com motivos melodosso: mas o sangue negro brinca com os rythmos e com as melodias; a interpretação jámais corresponde ás prescripções; ás vezes os ouvidos parecem confundidos pelas inexactidões do rythmo ou da melodia; e finalmente mesmo da altura e duração das notas; mal se restabelece a ordem e apaziguam-se os ouvidos e já se reinicia a brincadeira irritante; aliás ha desaccôrdos permanentes entre a mão, o pé e a direcção; ora domina o rythmo, ora a melodia».

O negro intitula isso «Stop-Time».

Entretanto, «nossos livros não conhecem palavra melhor do que syncope».

Sabe-se que o centro do jazz é Harlem e que ahí os cafés dansantes são numerosos e frequentadis-

simos. «As luzes se apagam, continuando apenas o clarão rubro, amarelo ou azul dum pharol, iniciando-se logo um espectáculo de rythmos que não se encontram em parte alguma do globo». Nesses compassos de «Band» reside o mysterio de um grande contágio irresistível. Todos que se acham distantes vêm para perto. Dansam e apertam-se num espaço reduzido executando movimentos convulsivos e desengonçados.

O africano audacioso e euphorico de liberdade domina a alma americana para a criação do jazz. E não cessa de ir adiante. No charleston quer a gymnastica mais do que a dança.

O famoso violinista Fritz Kreisler foi o primeiro a incluir no seu programma um jazz, fazendo-o ouvir por onde passou nas terras do Pacifico, indo até ao Japão. Em Aeolian Hall, Eva Gautier cantou uma «niggersong» entre duas canções dos modernos germanicos Milhaud e Hindemith; e depois George Gershwin escreveu a «Rhapsodie in blue» que Paul Whiteman enscenou para uma demonstração em todas as grandes cidades do nosso continente.

Em traços rapidos eis a historia do jazz norte-americano que se tornou uma poderosa força de propaganda da terra de Alfred Smith, candidato que competiu com Franklin Roosevelt e que deixou de ser eleito, não obstante a belleza e generosidade das idéias, só porque descobriram que no seu sangue corria uma parcella de sangue africano.

No Brasil não seria possível tal requinte. E não fosse essa pressão moral, não fosse Harlem segregada, tornando-se uma potencia sob o ponto de vista material e cultural, e certamente não teria surgido a alegria de uma musica que significa explosão de liberdade, de sonhos e de illusões de uma raça opulenta em personalidade revolucionaria.

ADEMAR VIDAL.

Barros Ferreira — *Maria dos Cojos* — Editora Educação Nacional — Porto.

A solidão serrana, a obcecção do crime contrabalançada pelo amor, almas primitivas, vozes regionaes fortes. Uma ambiencia entre Fialho e Camillo, pela apaixonada intensidade do thema e pela arte bem recortada dos detalhes. O sr. Barros Ferreira, que esteve longo tempo no Brasil, é um feliz hagiographo e autor de lindos contos para creanças.

João Alphonsus — *Rola-Moça* — Livraria José Olympio Editora — Rio.

Filho de um grande poeta, o sr. João Alphonsus é um dos nossos grandes prosadores vivos. *Gallinha cega*, collectanea de contos de 1931, tornou-lhe o nome inseparavel do que melhor se produziu no Brasil no genero. E *Totonio Pacheco*, romance de 1935, assegurou-lhe o premio Machado de Assis, assegurando-lhe alguns contos de réis, muitas centenas de leitores e um prestigio de quem realmente tomara o seu lugar na novellistica do paiz.

Fidelino de Figueiredo — *Depois de Eça de Queiroz* — Saraiva & C. Editores — S. Paulo.

«Perspectivas da litteratura portugueza novecentista», diz o sr. Fidelino de Figueiredo em sub-titulo. Um bello trabalho, sem duvida nenhuma. Segura computação do que têm feito as ultimas gerações da Lusitania. Brilhante realizador de uma obra deixada em germen pelo critico Moniz Barreto, o sr. Fidelino é mestre que não se transvia nunca em suas caminhadas pelas letras.

A HISTORIA INCOMMUM

Para Alberto Lacurte Junior.

*Que não parem os sons
porque preciso delles para compôr poemas.
De que vale a luz do dia
a quem vive na noite?
Quero sons altos e baixos:
os baixos para me engrandecer,
os altos para cantar o nome do Senhor!
Rolem pois as nuvens
pelo céu immenso
nos pingos que cantarão
a symphonia da chuva.
Nascerá a arvore grande
que guardará
o passaro que canta
embriagando-se com o cheiro do mato.*

*O gallo de ferro que mora
no zimbório da catedral
me marcará a direcção do vento
que trará no seu bojo
a nuvem que matará a sede da Terra.
Os ventos me contarão as historias do principio
e serão para mim a grande reveladora.
Meus cabellos molhados pelo orvalho
reflectirão as scintillações das estrellas
e os homens dirão: aquelle ouviu a verdade.
E meus dedos escreverão
Para os que depois virão
a estranha historia
de rotas desconhecidas
que pés ignorados
já marcaram!*

WILSON RODRIGUES.

O mais moderno Livro de Cozinha

MARIA DE LOURDES

ARTE DE COZINHAR

(Petiscos e Petisqueiras)

1350 Receitas Diversas

A' venda em todas as livrarias do Brasil

Volume Cartonado: 14\$000

PEDIDOS À

Civilização Brasileira S/A

Rua 7 de Setembro, 162

RIO DE JANEIRO

EM SÃO PAULO TAMBÉM HA POESIA...

Andam falando muito mal de São Paulo, por esse Brasil afóra. Que somos regionalistas, orgulhosos, materialões, filisteus e, não sei que mais. No entanto, se o regionalismo medrasse por aqui, o que não acontece, não havia razão alguma para essa negação systemática, dos nossos valores. Um erro (e não ha erro, uma vez que essa ballela de regionalista só impressiona gente mal informada) não justifica outro.

No terreno litterario, por exemplo, tem-se dado casos curiosos. Diversos estudos ou syntheses do panorama espiritual do Paiz, têm sido escriptas, numa tentativa de balanceamento do que se tem feito, nos ultimos annos, pelas lettras patricias. E o que tem acontecido? Esquecem-nos sempre. Os escriptores paulistas, ou são collocados, muito de industria, em segundo plano, ou são, systematicamente esquecidos, numa amnésia que dá pena, porque é impossível negar aquillo que salta aos olhos. Nem São Thomé negaria coisas que esses historiadores improvisados não querem vêr. Allegam, quasi sempre, que nós nada fazemos, que vivemos preocupados com os ultimos arranha-céos, as proximas colheitas de café ou, o predominio politico do Paiz.

Que illusão! Concorde que não se tem escripto romance sobre temas da moda, como também não se tem explorado certos cacoetes que caíram, passageiramente, podem estar certos, no gosto do grande publico. Mas litteratura não é só romance. Elle, por si só, não representa todo um movimento espiritual. Mesmo que representasse, seria bom não esquecerem que daqui partiu, o primeiro romance verdadeiramente brasileiro. Refiro-me ao *Macunaima*, de Mario de Andrade. E, ainda agora, Origenes Lessa, em *O Feijão e o Sonho*, contando a historia de um intellectual, em face do prosaismo da vida, nos offerece algo novo, abre novas clareiras, collocando o proletario intellectual, aquelle que por estar tão proximo dos nossos creadores, por retratar elles mesmos, não fôra ainda explorado, num esquecimento que não se explica senão por esse motivo mesmo: o estar muito proximo. Pois se já exploraram todos os temas, os soffredores de todas as escalas e condições sociaes, como deixar no olvido aquelle que soffria e soffre o maior drama de todos? Campos Lara e Maria Rosa, os personagens d'*O Feijão e o Sonho*, sendo duas creações definitivas na nossa litteratura, tão pobre de typos representativos, trazem, ao mesmo tempo, para São Paulo, a gloria de ter quebrado a monotonia do romance nacional e, vamos usar de franqueza, principalmente do romance dito do Norte ou Nordeste, que já agora é uma repetição cansativa, monotona, que não está interessando mais. Não estou fazendo regionalismo, mas sómente accentuando um facto que está á vista, embora saiba que essas palavras irão irritar muita gente. Paciencia. Estava faltando alguém para dizer o que todos estão sentindo. Na falta de outro, eu mesmo me escarrego disso. Se não concordarem, bólas! Está dito e é uma verdade que, ninguém honestamente, poderá negar.

Mas meu intuito, ao iniciar esses commentarios, era simplesmente dizer que, em São Paulo, não se

cuida sómente do café, do algodão, da politica ou dos novos arranha-céos. Não. Apesar de tudo, a poesia ainda viceja por aqui. Ha clima para ella entre predios que se levantam e, gritos que ensurdecem, no rythmo febricitante de uma Capital essencialmente industrial. Ha muita poesia em São Paulo, senhores! E da bôa. Um ligeiro apanhado, sobre o que tem sido publicado, nestes ultimos tempos, vos dará uma ideia, embora pallida, dos nossos poetas.

Este Judas Isgorogota, por exemplo, que acaba de tirar no curto espaço da sua publicação, a segunda edição de *Recompensa*, é um lyrico encantado, com paginas da mais profunda piedade pelos seres humanos, quer quando conta a historia do menino paralytico («Mano: a paralyisia me atacou») ou do pobre violinista que sahia todas as manhãs de casa. Versos simples, envolvidos da indispensavel sinceridade para que a obra perdure, sua poesia tem purezas de fontes originaes. A nota lyrica derrama-se por estas paginas communicativas, palpitantes de ternura.

Outro, que também prepara a segunda edição do seu livro, é Cid Franco. Retornando á poesia, depois de uma ausencia de quinze annos, vem collocar-se entre os nossos maiores poetas. *A' Procura de Christo* é um dos grandes livros da poetica brasileira. Um dos raros onde ha poesia e pensamento. Livro sobretudo de um Homem. Com maiuscula. Livro que leva ao pobre coração humano uma palavra de consolo e de piedade, um appello ou uma advertencia aos nossos mais puros sentimentos. São palavras que obrigam ao gesto introspectivo, que é sempre uma revelação, e ás interrogações, que são sempre meio caminho andado para a comprehensão dos nossos mais angustiantes problemas. São palavras que vão ao fundo da nossa consciencia. O poeta poderá não fazer adeptos. Talvez não encontre quem o secunde, mas sua poesia encontrará éco, sua attitude em face da vida, se não fôr imitada, será, sem duvida, respeitada. E' um evangelho, embora seja ainda uma pergunta. Incrível que um livro tão sério como este, não despertasse nossos criticos, não provocasse estudos. E' verdade que a edição foi rapidamente exgottada. Isso prova que o leitor brasileiro, não é tão burro como eu pensava.

Uma estreia destes dias, que está provocando barulho, é a de Mario Donato, com o admiravel poema *Terra*, realização consciente de um moço de vinte e poucos annos, que podendo ser mais um poeta para a legião dos que fazem da poesia um momento de amor ou de saudade, vem, assim de sopetão, com um poema desses, uma coisa séria, serissima, focalizando um problema de innegavel interesse para nós: a integração do homem na terra. Seus versos são fortes, musicaes, masculos mesmo. Ha muita poesia nestas paginas. Tanto no lyrismo doce e ingenuo daquelle «intermezzo» cheio de ternura, que é o idyllio de Chico e Maria, passeando pela praça, como na fuga selvagem, tentacular, do negro, fuga em que ha momentos epicos, em que ha versos que ficam vibrando, versos que lembram as estrophes candentes de um Castro Alves, um Santos Chocano ou um Walt Whitman. Ou então nas paginas finaes, a morte

de Chico Pedro, enleado pelos cipós, caído por terra, a olhar o céu, enquanto a vista vae se escurecendo, as estrellas vão se apagando e, a noite sem fim vae descendo, sobre elle. Mario Donato nasceu para cantar grandes feitos, fazer vibrar com a força do seu verso, nervos adormecidos, consciencias estagnadas. Com momentos epicos, não habituaes na nossa poetica, principalmente na moderna (uma poesia de vencidos), dá, ao alexandrino, uma força nova, põe nelle seiva moça, da bôa. Terá defeitos talvez este seu poema, mas são defeitos que sómente os technicos do verso apontarão. Não isento de uma outra influencia, concôrdo, mas influencia inevitavel da sua idade, que desaparece deante de certas partes onde o grandioso está presente, onde sentimos vibrar sons iguaes aos dos nossos maiores cantos.

Outra estreia nada desprezível é a de Rossine Camargo Guarnieri, com *Porto Inseguro*. Inicialmente quero discordar do autor, por ter publicado aquella apresentação de Mario de Andrade. Sou admirador do conteur de *Belazarte*, do poeta de *Remates de Males*. Mas esta apresentação não diz nada. Serve sómente para atrapalhar. Depois, um moço que vem com poemas como os do autor de *Porto Inseguro*, dispensa apresentação, pôde muito bem botar de lado as mulletas de um padrinho. Mesmo porque, convem acen-tuar, o poeta de *Remate de Males*, já nem faz mais poemas, a mão não ajuda, como elle mesmo diz. E, parece não acreditar muito, na continuidade do poeta que apre-enta. Quando chegar aos quarenta... Não lembrou, com certeza, de Manuel Bandeira, e outros exemplos illustres. Mas isso não tem importancia. Importa é dizer que *Porto Inseguro* apresenta uma grande força poetica. O poeta é moço, está muito impressionado com os dramas da pobre humanidade. Quer tomar algum partido. Mas essa nota tendenciosa não chega a prejudicar a essencia da sua poesia. Quando muito, enfraquece um pouco seus arrojões. A culpa não é delle. As tragedias é que são grandes demais. «O mundo todo está de luto — as crianças já vestem vestidos pertos — pelas crianças que vão nascer...» Dahi o tom desalentado do livro. Elle já não tem mais geito para esconder a sua voz. Embora sabendo que será ouvido por poucos, ainda assim fala. Se o mar fica muito bravo, solta as ancoras junto de Maria («Deixe que eu descance —

bem junto de você, porto-seguro»). Mas não fica descansando, não. Foge outra vez, «feito passaro doído», feito «navio fantasma». Quer cantar, mas sabe que é «impossivel cantar as bellezas da vida», como tambem sabe, que «é triste a vida continuando sem um poeta». Por isso não abafa a voz. E' preciso salvar a Vida. Conclama os amigos:

«Amigos, salvemos a Vida
que a Vida vae perecer!
Os homens já não entendem
as falas que vem da Terra,
os homens já não comprehendem
as vozes que vem do Mar...
A vida diz: «E' PRECISO!»
Os homens dizem: «NÃO É»
E a Vida luta, se cansa,
se arrebenta a forcejar,
e os homens, amigos, não deixam,
não deixam a Vida passar...

Amigos, salvemos a Vida
que a Vida vai perecer!

Vejo que estou me estendendo muito. E não falei anda em Jamil Almansur Haddad, que ganhou um premio na Academia Brasileira e tem *Orações Negras*, no prélo. Como tambem não falei do meu queridissimo Cléomenes Campos, com dois livros de versos da mais lyrica exaltação, da mais pura poesia, livros que o collocarão na primeira plana, entre os nossos poetas, antigos ou modernos, porque a sua poesia não está limitada ao tempo, é ainda a velha e sempre nova poesia que fala de amôr, dos dramas intimos, poesia que na phrase de um escriptor, «revaloriza nossos sentimentos», realisa o milagre de conseguir que se commova «com elle, com um caso delle, pequenino e pessoal, quem já pouco se incommoda com tragedias bem mais sérias, não de um, mas de milhões de seres humanos».

Não tenho mais espaço para falar de outros, inéditos ou não, que estão com livros prompts para o prélo. O que ahi fica, mostra que em São Paulo, tambem ha poesia. E da bôa, senhores...

EDGARD CAVALHEIRO.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
PAULO DE AZEVEDO & Cia.

(Livreiros Editores e Importadores)

RIO DE JANEIRO

166 — Rua do Ouvidor — 166

End. Teleg. ALVESIA — Caixa Postal n. 658

F I L I A E S:

Rua Libero Badaró n. 49 || Rua da Bahia n. 1502
São Paulo || Belo Horizonte

Maria Archer — *Viagem á roda da Africa* — Editorial «O Seculo» — Lisboa.

Encontrou a autora um optimo processo de interessar as creanças nas questões de historia, ethnographia, fauna e flora do continente africano. Sua maneira de contar encerra muito de um delicioso romance de aventuras e é ao mesmo tempo das mais substanciaes num sentido rigorosamente scientifico. E os adultos poderão lê-la com o maior prazer, porque escreve com uma arte litteraria perfeita, nada possuindo de tantas apressadas garatujadoras de jornal.

J. B. Mello e Souza — *Majupira* — Irmãos Pongetti — Rio.

Temos aqui um volume de 570 paginas, em que se debatem innumerables problemas de ordem moral e social, de preferencia nos dominios da pedagogia. Pôde discutir-se a justeza da fórmula romanceada que o autor pretendeu infundir a tudo isto, mas o certo é que nunca nos entediámos á successão dos episodios, alguns delles muitissimo suggestivos.

FABULAS AO LÉO

III

TÃO BOM COM TÃO BOM

— Tenha para mim que um carneiro, um peru, um boi são iguaes.

— E' difficil de entender. Pelo menos em Historia Natural.

— Pois olhe, a sua Historia Natural esquece o principal valor daquelles bichos differenciando-os. De facto elles são iguaes perante o cutello que os immola á nossa gastronomia. Na hora da fome ninguém pensa nas verdades scientificas e sim no meio pratico de comer, e a igualdade entre os seres, que nos alimentam sobrepuja as differenças entre as especies e o mólho com que nos servem.

— Muito bem... Agora, em represalia, vou contar-lhe uma:

«Na semana passada cheguei de viagem no Interior. Vi os nossos homens, aquelles que entram na conta dos milhões enumerados nas estatisticas patrioticas. De todos, porém, um me impressionou. Que pertencia á nossa especie humana, não resta duvida; nem siquer, mesmo, era possivel compral-o ao mais perfeito dos anthropoides; homunculo, sub-homem, vá lá. Veja V., entretanto, em imaginação, o que pode haver de mais degradado na vida, desde o molambo até a imbecilidade, desde o bicho-de-pé até o piolho, desde o amarellão até o selvagismo.

«Com essa imagem na retina e essa impressão no pensamento cheguei ao Rio, e, á noite fui a um casino atlantico. Subiu commigo no elevador um adolescente do ultimo modelo. Calcule V. tambem mentalmente, o que de lustroso, perfumado e rubicundo pode haver na *jeunesse dorée*, e terá corporificado nesse rapaz que atravessou os salões luminosos, espelhantes e atapetados, para jogar, ao som de uma orchestra em surdina, fortunas amontoadas em segredo.

«Incontestavelmente era tambem da especie humana, porque difficilmente a Zoologia achára nelle o derradeiro neto do velho ancestral primata. Esse esplendido cavalheiro da Ralé Alta ficou-me no pensamento, como fica um relampago na retina em noite escura. Ora, displicente que eu seja, contempo-

raneeo que eu viva dentro dos espantos do seculo, impossivel me foi deixar de comparar este áquelle filho da patria que é a nossa. E então pela displicencia de minha propria mania de comparar para julgar, disse eu commigo o que agora lhe digo: Ao pôr de lado o miseravel jéca do sertão e o reluzente almofadinha do casino, indaguei abstractivo:

— Que podem ambos desejar de mais? De que se podem queixar essas duas fantasticas equidifferenças? Não são elles iguaes perante a Lei?

IV

O TIMBÓ

Não se sabe quem conta isso em qualquer esquina da cidade; o en-

tendido, porém, em coisas da vida dos indigenas diz que nas caudae immensas de nossa terra, nos seus longos furos, nos seus vastos alagados, em toda parte, emfim, onde a agua corre ou se accumula, peixes em myriades povoam esses viveiros inesgottaveis.

Mas os nossos caborés e mame-lucos estão longe de avaliar ou de saber aproveitar essa riqueza. Pescam, é certo, comem, juntam seu peixe moqueado ao pirão refervido e ás raizes afarinhadas. Pescar é o recurso actual e ancestral, a necessidade e, afinal, a industria de primeira mão. Requer paciencia, trabalho e uma aparelhagem da qual o caboclo só possui os rudimentos e os typos do engenho que nasceu na idade da pedra. O emprego desses meios, arpão, anzol, fiska, cóvo, rêde muita vez é inefficaz nos igarapés e nos banhados em que a agua está rendilhada de lianas, de algas, de troncos que a chuva arrasta, apodrecidos ao tempo, fermentados ao calor. Então, na impossibilidade de passar a rêde entre os cipós, ou de salvar o anzol entalhado nas folhas mortas e ervas vivas do aguaçal, usa elle o recurso de bater nas aguas o timbó. O timbó facilita a captura; envenena a lagôa, tonteia o peixe que vem boiar inanimado. O resto é questão de um pouco mais de tempo: apanham-se as canôas pela borda.

Selvageria...

Que querem? Si o nosso cafuso dispuzesse dos recursos technicos, por exemplo, do pescador norueguez... Essas condicionaes são detestaveis, levam-nos para fóra da questão, a imaginar tambem que, si o pescador da Terra-Nova ou da Noruega tivesse o timbó...

Quem conta isso ahi pelas esquinas pode muito bem pensar:

«Ha em nossa vida, vida que é uma caudal inesgottavel, muita gente que é como o timbó. Os selvagens das grandes cidades, da religião, da moral, da politica, da economia servem-se desses timbós de forma humana para envenenar a vida, e pescar...»

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.

Acaba de apparecer COSTUMES AFRICANOS NO BRASIL

estudando, do ponto de vista científico,

- A raça africana e seus costumes na Bahia
- O colono preto como factor da civilização brasileira
- A arte culinaria na Bahia
- Notas de folcklore negro.

E' um livro de pesquisa e observação directa

por

MANUEL QUERINO

o famoso vanguardeiro de tantos estudos de africanologia no Brasil.

Volume XV da "Biblioteca de Divulgação Científica"

Preço: volume broch. 12\$000

Em todas as Livrarias e na

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Pedidos á

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

Rua 7 de Setembro, 162—Rio de Janeiro

Elogio do que sabe ser Amigo

TENTAÇÃO

Pinheiro Viegas dizia sempre que o homem deve «saber ser amigo e saber ser inimigo». A phrase do grande poeta bahiano infelizmente tão desconhecido do publico me veio á memoria numa destas manhãs de neblina de São Paulo. Encontrei Agrippino Grieco na rua e elle em vez de me falar do successo das suas conferencias no estado sulista, dos seus livros sahidos e a sahir, me falou foi de um projecto seu: escrever um livro sobre Pinheiro Viegas. Agrippino Grieco vae escrever um livro sobre o poeta e pamphletario Pinheiro Viegas, que no anno passado falleceu na Bahia ignorado do paiz. Elle foi amigo e companheiro de Viegas nos tempos de Lima Barreto. Grieco ao reconstruir a vida do poeta fará sem duvida a reconstrucção de toda aquella epoca que foi magnifica na nossa litteratura: a epoca de Gilberto Amado, Antonio Torres, Lima Barreto. Uma epoca muito proxima de nós porém muito esquecida, dada a velocidade com que o mundo tem se transformado. Creio que Grieco vae fazer o seu maior livro e isso já é um grande elogio antecipado. Creio, porque esse será um livro de saudade e de amor.

Mas quando deixei o homem de *Vivos e Mortos* na manhã paulista de neblina, fiquei foi me lembrando de uma face de Agrippino Grieco sobre a qual muito pouco se fala: a da sua ternura e devotamento a grandes figuras que ficaram, por uma ou outra razão, no esquecimento. Fala-se muito no Grieco chronista brilhante, no fabuloso estylista, no terrivel critico, no conferencista, no ensaista. Mas pouca gente faz a justiça de dizer que se deve a Agrippino Grieco não estar totalmente esquecido o nome de Lima Barreto. Romancista que as novas gerações não leram, esquecido pelos criticos, pelos biographos e ensaistas, esquecido pelos editores, Lima Barreto não seria mais recordado se Grieco não viesse á escrever sobre elle, a lembrar que o Rio de Janeiro já possuiu um romancista poderoso que foi um dos maiores do Brasil.

Muitas das mais bellas paginas de Grieco são sobre esse tão in-

justamente desconhecido Lima Barreto. E isso é um enorme beneficio prestado á litteratura brasileira.

Raul de Leoni até hoje estaria reduzido a ser lembrado apenas por um grupo, se Grieco não houvesse repetidas vezes falado do poeta de *Luz Mediterranea* ao grande publico que possue.

Castro Alves teve um periodo de grande esquecimento. E se o seu genio hoje é reconhecido e estudado (basta lembrar os ensaios ultimamente apparecidos, entre elles o seriissimo de Edison Carneiro) deve isso em grande parte ao devotamento de Grieco, que constantemente gritava para o Brasil que o paiz já produzira um genio. Gritou tanto que acabou sendo ouvido e hoje Castro Alves é como um contemporaneo nosso. E' preciso não esquecer de ligar o nome de Grieco ao successo actual de Castro Alves.

E quantos mais... Os exemplos citados bastam, pois essa nota não pretende ser nada sinão o elogio da uma das qualidades de um homem de letras do Brasil e a mais rara das qualidades: fidelidade á memoria dos amigos que não deixaram dinheiro e que não morreram em plena gloria mesmo a merecendo.

A este nome liga-se o de Pinheiro Viegas e isso me é particularmente grato: Viegas foi mestre e amigo do romancista que escreve essas linhas. Agrippino Grieco com o livro que está preparando revelará ao paiz um dos seus mais impressionantes poetas. Ao lado disso, os amigos de Viegas pretendem reunir num volume as suas *Poesias Completas*. Ficarão o paiz de posse de uma grande figura. E acredito que tambem de toda uma epoca da sua vida litteraria, pois tenho que o livro de Agripino Grieco abrangerá, em torno da figura de Pinheiro Viegas, o ambiente em que o pamphletario viveu e o clima daquelles annos. E acredito tambem que mesmo um novo Grieco, enternecido e cheio de carinho pela memoria do amigo, será revelado ao Brasil atravez desse livro.

JORGE AMADO.

Piratas morreram
nos mares do Sul.
Seus corpos ficaram
boiando nas aguas.
Os peixes vieram
os corpos deixaram
boiando nas aguas.
As aves baixaram
subiram de novo
os corpos ficaram
boiando nas aguas.
Sereia-Rainha
começou a cantar
os piratas mexeram
os braços e as pernas
começaram a andar
por cima do mar.
Sereias bellissimas
de negros cabellos
de pelle mais clara
que as noites de lua
vieram subindo
do fundo do mar
olhando os piratas
attrahindo os piratas
com uns olhos mais doces
que o mel das abelhas
das ilhas da Grecia.
Os piratas coitados
não quizeram saber
de outra coisa na vida.
Ficaram por lá
ouvindo as canções
da Sereia-Rainha.
Catando coraes
p'ra fazerem pentes
p'ra dar ás sereias.
Catando sargaços
p'ra fazerem flautas
p'ra acompanhar
as canções das sereias.
Nos occasos vermelhos
os ventos me trazem
melodias distantes
cantigas dolentes
tão bellas, tão bellas
que não se quer
outra coisa na vida.
Piratas me digam:
ahi haverá
lugar pr'a mais um?

SERGIO SOARES.

— Foi prefaciada por Charles Vildrac, bom poeta e bom autor theatral, a traducção de um romance do norte-americano Upton Sinclair, que em francez tomou o nome de *L'étrange randonnée à travers l'Amérique*. E' trabalho escripto para as creanças de todo mundo, e partido da penna de um homem que até hoje quasi só tem redigido coisas um tanto asperas e escabrosas para a gente adulta.

LITTERATURA E ECONOMIA

O sr. Nelson Werneck Sodré, segundo informação que recebi, é oficial do exercito. E, como militar, revelou-se agora um dos melhores estudiosos da nossa litteratura, com essa *Historia da Litteratura Brasileira* (Seus fundamentos economicos).

Sem a preocupação restricta dos aspectos estheticos ou das emoções puramente artisticas, que foi por muito tempo programma «standard» dos criticos brasileiros, tendo á frente, ainda hoje, os srs. Agrippino Grieco e Tristão de Athayde (este afastado das actividades), e sem fazer tambem interpretação sociologica da litteratura, como foi o caso de Sylvio Romero, o sr. Nelson Werneck Sodré ataca de preferencia os fundamentos economicos da historia litteraria do Brasil, fixando as varias epocas de seu desenvolvimento, a successão de escolas, até os dias actuaes.

E um passeio instructivo, esse a que nos leva o sr. Nelson Werneck, apresentando-nos, sem extravasamentos inuteis de entusiasmo, a quasi todos os intellectuaes brasileiros, desde José Anchieta, «o nosso primeiro escriptor», até Graciliano Ramos, etc.

De inicio, quero extranhar um certo rigorismo de orientação. E' que o autor submetteu toda a historia das lettras nacionaes aos factores economicos do nosso progresso. Não resta duvida que as manifestações do pensamento estão dependendo da influencia do meio, subentendendo-se ahi o choque economico, as variações sociaes.

Ha quem affirme mesmo (e não pode deixar de ser um principio de fanatismo ideologico) que a arte está ligada profundamente ás relações de producção, sendo conteúdo da arte o reflexo de certa «expressão harmonica» que, por sua vez, é o resultado dos sentimentos, aspirações e pensamentos do artista que recebe o carimbo do ambiente economico-social. Estando, assim, a arte ligada intimamente á vida e sendo a vida o fluxo e refluxo intenso, o vae-não-vae interrupto dos interesses, das ambições, dos sentimentos humanos — tudo nessa escala de fora para dentro — é logico que uma historia

da nossa litteratura deveria se basear na historia da nossa evolução economica.

Observo, porem, que se trata de um erro. A forma esthetica, como o pensamento, recebe tambem a influencia do temperamento do artista. E não estão restrictos (fora esthetica e pensamento) ás necessidades sociaes.

Tentarei apresentar dois exemplos para esclarecer melhor esse ponto de theoria da arte, que querem dependa exclusivamente das forças productivas e das relações de producção. Vão ahi Balzac e Hugo. Viveram ambos numa mesma epoca. Sentiram as suas emoções artisticas sob o effeito da mesma sociedade. Ambos, sem serem descendentes da nobresa, viveram sempre na intimidade de principes e condessas, chegando Hugo a ser subvencionado pelos reis Luiz XVIII e Carlos X. A obra desses dois francezes, no emtanto, apresenta verdadeiros contrastes. Hugo, mais tarde, tornar-se ia um rebellado, deixando os mais bellos gritos de revolta na litteratura da França. Balzac, com aquelle extraordinario poder intuitivo, que foi o traço marcante do genio, sentiu o drama que ainda estava para ser representado ao mundo.

Sou dos que acreditam que ha uma interdependencia constante entre o individuo e a sociedade, levando-se em conta temperamento, educação, etc. Tudo não é feito de dentro para fora, como querem outros. O meio não torna o individuo propriedade particular, nem o individuo transforma o meio num cli-

ma a seu gosto. Arthur Ramos, no seu *Introdução á Psychologia Social*, diz com razão que os «grupos sociaes exigem, é verdade, conformidades a certos padrões de comportamentos, mas estas conformidades, estas adaptações se fazem dentro de diferenças dos traços physicos, mentaes e emocionaes. E' ahi que surge o conceito de variação individual relativa ás variações de grupo...»

«Duas classes de diferenças — accrescenta o mesmo autor — temos então a notar em psychologia social: uma diferença social (formas de vida, no conceito de Spranger). Ambas se influenciam reciprocamente.»

Sahindo desse terreno puramente doutrinario, onde discordo um pouco do sr. Nelson Werneck, no que toca á orientação da obra, convem resaltar, porem, o seu esforço util, dando aos leitores brasileiros um livro original por varios aspectos. Trata-se, realmente, de uma tentativa admiravel, onde encontram os leitores, com as informações historicas e economicas, muita coisa que se refere ás diversas phases de nossa evolução litteraria.

Ha ainda alguns enganos, ligeiros, é verdade. A' pagina 152 o autor faz referencia á «segunda metade do seculo XX», quando deve ser XIX. Entre os romanticos e lyricos, que apresenta, não incluye Guimarães Passos. Engana-se o sr. Nelson Werneck Sodré quando diz que Bilac foi um simples, tratando-se de um poeta que cultivou com intensidade o pomposo da phrase. Um pouco de exaggero é dizer que José Verissimo escrevia mal. Outro exaggero é fazer allusão á «meia centena» de poetas nessa epoca de evidente crise de poesia... Entre os poetas novos não incluiu Matheus de Lima e dois alagoanos: Carlos Paurilio e José Auto. Entre os contistas faltaram os srs. Marques Rebello e Origenes Lessa. Entre os estudiosos dos assumptos negros não se encontra o sr. Edison Carneiro.

São ligeiros enganos, mas que devem ser rectificadoss.

O livro é bom. E o sr. Nelson Werneck Sodré é um critico seguro.

HUMBERTO BASTOS.

Acaba de Aparecer:

**A MÃO E SEUS
SEGREDOS**

de ARUS SAB

3.^a Edição

ARIEL

Haikais de Osorio Dutra

TEIMOSIA

Coração incontentavel!
Quanto mais bate, mais grita!
Quanto mais soffre, mais sonha!

AMOR

Veneno... Estranho veneno!
Só quem o prova é que sabe
Como é bom quando não mata!

RECIFE

Manguas. Coqueiros. Mucambos.
E a praia de Boa Viagem,
Dizendo adeus a quem parte!

FRAGILIDADE

Barquinho azul de papel...
E's o symbolo perfeito
Da minha ingenua ventura.

JANGADA

Cinco tóros de madeira...
Vela branca sobre as vagas...
Pescador! Que Deus te ajude!

PARAIZO

Doçura agreste da sombra...
Sonho de um dia de nupcias
No templo verde da matta...

CONSOLO

Não te exaltes! Não te vingues!
Não te lamente, que os homens
Valem menos do que pensas!

PSYCHANALYSE

Os sentimentos profundos,
Sendo embora transparentes,
São de todo intraduzíveis.

TREVA

Almas ha que são fechadas
Como as noites sem estrellas
E as prisões sem luz, sem ar!

VINGANÇA

Amigos meus! Meus irmãos!
Eu vos perdô, em silencio,
Todo o mal que me fizestes!

ACASO

Não procures ser feliz!
A ventura só nos chega
Quando não pensamos nella.

PERGUNTA

Que seria a vida humana,
Sem o prestigio dos sabios
E a gloria dos grandes poetas?

INCOMPREHENSÃO

Somos, deveras, ferozes...
Enterrámos o Anatole
Na synagoga de Jaffa...

LITERATURA

Conflicto das gerações:
Os moços vaiando os velhos,
Nossos avós nos xingando...

INGENUIDADE

Escreve como quem brinca!
Em cada poeta ha uma creança
Que nunca sabe o que faz.

CONTRASTE

Violeta franzina...
Desejo de um grande beijo,
Que a terra illumina!

ATLANTICO

Mar azul de methyleno...
Caricias de mãos nervosas
Sobre os cabellos que vôam...

STAMBUL

Sobre os minaretes,
Ariscas mãos de odaliscas,
Pregando alfinetes...

CORREIO

Cartas nunca respondidas...
Cartas jamais recebidas...
Quanto sello posto fóra!

OPRESSÃO

Ai dos destinos mediocres!
Dos sentimentos sem echo!
Das eternas Bovarys!

EXILIO

No dramas das nostalgias
Repousa toda a tortura
Dos que morrem de saudade.

IDEAL

Mesmo que seja impossivel,
Deseja sempre uma cousa,
Pois desejar é viver!

COMPANHIA MELHORAMENTOS DE S. PAULO

Continuam a ser excellentes as edições dessa notavel casa de livros da Paulicéa. O sr. M. A. Teixeira de Freitas explica *O que dizem os numeros sobre o ensino primario*, bello trabalho de estatística adaptado a uma nobre finalidade educativa. Romancista e contista adextrado por um longo exercicio da vida de imprensa, o sr. Barros Ferreira, que se encontra presentemente em Portugal, relembra *O menino salvo das aguas*, ou seja o Moysés biblico, e a sua evocação é das mais encantadoras. Em traducção intelligentemente annotada pelo professor dr. Heinrich Rheinboldt, podemos percorrer a *Cartilha dos colloides* do dr. Raphael Eduardo Liesegang, nome que não carece do accrescimento de adjectivos encomiasticos, tão reputado é nos melhores circulos scientificos. Chama-se Paulo Décourt o pesquisador de vasta cultura que nos apresenta a quarta série das *Noções de historia natural*, volume onde os estudiosos do genero encontrarão sempre um guia autorizado e perspicuo. Finalmente, para repousar de assumptos arduos, nossos jovens patricios acharão uma deliciosa fantasia de Andersen, *Apenas violinista*, e um «puzzle» suggestivo, em que armarão o mappa da America do Norte, aprendendo com bastante prazer muitos detalhes de geographia physica e politica.

Fernando Saboia de Medeiros — *A liberdade de navegação do Amazonas* — Comp. Editora Nacional — S. Paulo.

Relações entre o Imperio e os Estados Unidos da America, muito bem historiadadas por alguem que não é um noviço no estudo de nossas questões diplomaticas. Seguindo o conselho de Fustel de Coulanges, o sr. Fernando Saboia de Medeiros é dos que só vêm ao leitor quando têm um valioso documento a apresentar-lhe.

Renato Kehl — *A educação dos paes* — Rio.

Nesta palestra, realizada no salão nobre da Escola Normal de Recife, o dr. Renato Kehl, educador e hygienista illustre, propõe-se a demonstrar que muitos paes devem educar-se ás direitas antes de iniciar a educação dos filhos. Texto dos mais attraentes.

Discos

DISCOS SELECCIONADOS

Luis BOCCHERINI — *Concerto em Si bemol maior, para violoncello e orchestra* — Paulo Casals e Orchestra Symphonica de Londres, dirigida por Sir Landon Ronald — (Victor — DB 3056/8) — Quando Casals esteve entre nós no anno passado, dando um único concerto em sociedade privada, houve quem murmurasse, apesar de todos os elogios, que o mestre começava a decahir. E um vez antigo esse, de não se conceber um artista dominando uma época durante tanto tempo. Há mais de trinta annos que Casals é unico em seu instrumento, e isso não deixa de causar certo aborrecimento a pessoas inquietas. Recorrem aos dados biográficos, e verificam que o homem já anda pelos sessenta e dois annos: é o bastante. E o mesmo se dá com Kreisler. No entanto Casals continua a dar-nos gravações que são verdadeiros prodigios. As qualidades que o tornaram celebre, isto é, a sonoridade insuperavel, a pureza do som e dos timbres, o matizado preciso, a capacidade emotiva, continuam vivissimas, e, para os que se enthusiasmam com as passagens de virtuosidade, ha neste concerto de Boccherini cadencias que satisfarão aos mais exigentes. Aliás era uma necessidade gravar as obras de Boccherini por Casals. Esse italiano, que teve uma vida bastante atribulada, e morreu na miseria, produziu abundantemente, mas não recebeu da posteridade a recompensa que merecia. Há quem o julgue monotonico e adocicado, e, por isso ou por aquillo, só o seu famigerado minueto, consegue ser ouvido nos dias que correm. Apenas alguns violoncellistas lhe fazem justiça, pois não ignoram que foi elle quem desenvolveu a technica desse instrumento, dando-lhe nos quartetos uma importancia que até então não possuia. Torna-se evidente que um executante mediocre, sobretudo quando servido por mau instrumento, só poderá contribuir para que o nome de Boccherini seja cada vez mais esquecido. Casals dá-lhe um brilho extraordinario, fazendo desses discos uma preciosidade. Gravação optima.

BEETHOVEN — *Sonata em Dó maior, op. 102, n. 1* — Paulo Casals e Mieczyslaw Horszowski — (Victor — DB 3065/6) — Em 1815 Beethoven escreveu duas sonatas para violoncello, dedicadas á Princesa Maria Von Erdoedy. A grande sonata em La, op. 69, tinha sido composta sete annos antes, e é bem característica do periodo anterior. Dahi a sua maior popularidade, a despeito das tremendas difficuldades que encerra. As de op. 102 representam um outro modo de sentir as coisas, e accusam aquella nota de grande resignação que se manifesta em muitas das obras dessa época da vida do autor. O adagio da n.º 1, por exemplo, bem o indica. Trata-se pois de mais uma composição que lucrou imenso em ser gravada em disco, visto que, não sendo «peça de repertorio», o proprio Casals raramente se atreve a executá-la em publico. Execução e gravação excellentes.

BRAHMS — *Sonata para clarineta e piano, em Mi bemol maior, op. 120, n. 2* — Frederick Thurston e Myers Foggin — (Decca X. 171/3) — Como é sabido, Brahms ficou muito impressionado com a capacidade virtuosistica do seu amigo Richard Muehl'feld, clarinetista famoso, que elle considerava como o maior solista de sopro que jámais ouvira. Essa admiração levou-o a compor varias obras notaveis para clarineta: o trio op. 114, o quinteto op. 115, e as duas sonatas op. 120. De todas a mais valiosa é o quinteto. Dadas as suas difficuldades technicas, são peças pouco tocadas, quasi sempre a clarineta substituida pela sua equivalente, a viola. Foi assim que Lionel Tertis, o famoso violista inglez, gravou, não faz muito tempo, para a Columbia, a sonata em Fá menor. A nós sempre pareceu muito interessante ouvir as composições taes como foram originalmente escriptas, e por isso, apesar das vantagens que possa appresentar a viola em certas passagens, damos muito valor á clarineta neste caso, sobretudo quando nas mãos de Frederick Thurston, que é o primeiro clarinetista da British Broadcasting Company. Esta sonata não é das que tenham mais interesse, dentro da obra de Brahms, considerando-se sob o ponto estritamente musical. Mas serve para mostrar a riqueza de effeitos que pode conseguir desse instrumento. Os compositores modernos parece que já se convenceram disso. E' indispensavel que agora surjam os instrumentistas. A gravação é das melhores que temos ouvido ultimamente.

PICK-MANGIAGALLI — *II Carillon (intermezzo delle rose)* — Grande Orchestra Symphonica de Milão, dirigida por Tullio Serafin — (Columbia — GOX 10494) — Pick-Mangiagalli é um compositor italiano, de pouco mais de 50 annos, que se tornou mais conhecido no estrangeiro através de uma peça chamada a Dansa de Olaf, interpretada tanto no piano como no violino. Apesar de considerado como moderno, suas peças não têm nada de rebarbativo, manifestando accentuada tendencia impressionista. Este Carillon Magico é um poema symphonico-choreographico, e foi representado pela primeira vez no Scala de Milão, em 1918. O Intermezzo agora gravado não é sufficiente para se avaliar a importancia da obra, mas é uma pagina interessante.

O disco é completado por uma composição de Luis MANCINELLI, Scene Veneziane (La Fuga degli amanti), também em estylo impressionista. A gravação é regular.

C. de S.

Luiz Gurgel do Amaral — *Traços a carvão* — Irmãos Pongetti Editores — Rio.

Nenhum brasileiro de hoje poderia redigir com mais encanto um volume de reminiscencias como este. O sr. Gurgel do Amaral é dos que chegam á perfeição através da simplicidade. Escreve como falaria num grupo de intellectuaes. As confidencias afloram-lhe á penna sem excesso de ornamentos, sem abuso da chamada composição litteraria, e é uma delicia ouvir esse homem de gosto que nos conta episodios das suas travessias pela Europa, pelos Andes, aqui mesmo pelo Rio de Janeiro. Entre outras, as paginas consagradas ao poeta das *Columnas* parecem-nos de um grande memorialista.

Domingos Neves — *O meu secretario* — «A Noite» S. A. Editora — Rio.

Professor de contabilidade, o sr. Domingos Neves é um victorioso em tudo quanto se prende ao genero em que se especializou. Seu *Curso de guarda-livros* e seu *Inventarios e balanços* venderam-se bem. Agora estampa elle *O meu secretario*, onde existem utilissimos modelos de correspondencia. Um livro de boa finalidade commercial e social.

Othon Costa — *Machado de Assis, epileptico* — Rio.

Um substancioso estudo sobre a doença de Machado de Assis. Discordando de Sylvio Romero, o sr. Othon Costa, que é um dos espiritos mais brilhantemente operosos da sua geração, inclue o autor do *Dom Casmurro* entre os epilepticos, e apresenta desse seu modo de ver uma documentação das mais convincentes no sentido clinico e psychologico. Ha no livro uma photographia de alta significação, a que nos mostra Machado de Assis tombado num banco de praça publica, quando victima de uma dessas horriveis crises que tanto o affligiam.

Edmundo Lins — *Miscellanea* — Rio.

Os filhos do illustre juiz Edmundo Lins mandaram imprimir esta colletanea, onde figuram os melhores trabalhos paternos. Em boa hora o fizeram. Existe ahi, evidentemente, muita coisa que merecia permanecer em livro, escapando á vida precaria dos jornaes e dos autos torenses.

Pandiá Pires — *Não se compra entrada na historia* — Rio.

Jornalista dos mais vivos, dos que sabem sublinhar sempre com um bom artigo os acontecimentos que lhes esvoaçam em derredor, o sr. Pandiá Pires vem estudando a personalidade do presidente Getulio Vargas desde que o acompanhou numa viagem ao norte do paiz. E este seu volume de agora é bem o extracto de muita observação directa a que não faltam perspicacia e graça coriscante de psychologo. O sr. Pandiá Pires arrasta a phrase por onde lhe apraz, em vez de se deixar arrastar inconscientemente por ella.

Acaba de Aparecer:

GASTÃO CRULS

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

Edição ARIEL

Pedidos á

Civilização Brasileira S. A.

Rua 7 de Setembro, 162

RIO

NOVIDADES DO MEZ

Últimas Edições da Companhia Editora Nacional

HARRY BECKMAN	Terapêutica Clínica	40\$000
GUILHERME DE ALMEIDA	Acaso	7\$000
OLIVEIRA VIANNA	Populações meridionaes do Brasil	12\$000
	Evolução do povo do Brasil	12\$000
MRS. HENRY WOOD	O pecado de Lady Isabel	4\$000
JOÃO DORNAS FILHO	O Padroado e a Igreja brasileira	10\$000
BERTA RUCK	Apuros de uma rica herdeira	4\$000
PEDRO CALMON	O Rei Filosofo — Vida de D. Pedro II	12\$000

Edições da COMPANHIA EDITORA NACIONAL Séde: Rua dos Gusmões, 118 - S. Paulo - Filiaes: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 162 - Rio de Janeiro — Rua da Imperatriz, 43 Recife-Pernambuco
A venda em todas as Livrarias do Brasil e Portugal

Livraria José Olympio Editora

OUVIDOR, 110
23-2389

Telegrammas
JOLYMPIO

1.º MARÇO 13
23-2881

RIO DE JANEIRO

NOVIDADE DE JUNHO

Peregrino Junior — DOENÇA E CONSTITUIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS 10\$000

NOVIDADES DE MAIO

Oliveira Vianna — PROBLEMAS DE DIREITO CORPORATIVO 20\$000

Tristão de Athayde — IDADE, SEXO E TEMPO (Três aspetos da psicologia humana) 10\$000

Maritain, Claudel e outros — OS JUDEUS (trad. de Jorge de Lima) 10\$000

Conselheiro Macedo Soares — CAMPANHA JURÍDICA PELA LIBERTAÇÃO DOS ESCRAVOS 12\$000

Enéas Ferraz — ADOLESCENCIA TROPICAL — romance — (distribuição) 5\$000

NOVIDADES DE ABRIL

José Lins do Rego — PEDRA BONITA, romance 10\$000

Antonio Constantino — EMBRIÃO, romance 6\$000

J. Ralpa — CONHECE-TE PELA PSICANALISE, 3.ª ed 10\$000

Dra. Lily Lages — NOVOS RUMOS DA OTO-RINO-LARINGOLOGIA (illust) 25\$000

NOVIDADES DE MARÇO

João Aphonsus — ROLA MOÇA, romance 8\$000

Graciliano Ramos — VIDAS SECCAS, romance 6\$000

» — SÃO BERNARDO, 2.ª ed. romance 7\$000

Danton Jobim — PROBLEMAS DO NOSSO TEMPO, ensaios 6\$000

NOVIDADES DE FEVEREIRO

Azevedo Amaral — O ESTADO AUTORITARIO E A REALIDADE NACIONAL 10\$000

Isadora Duncan — MINHA VIDA, 2.ª edição 15\$000

Gratia — ACANHAMENTO E TIMIDEZ, Trad. do Prof. Nelson Romero 8\$000

NOVIDADES

ULTIMAS EDIÇÕES DA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S.A

JOSE DE ALENCAR

Iracema — Col. Sip. 2\$000

DJACIR MENEZES

Preparação ao Metodo Cientifico 15\$000

GASTÃO CRULS

Historia puxa historia 8\$000

JOÃO GUIMARÃES

Beijo, Canção de amor 5\$000

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Sete de Setembro, 162

Telephone 22-6773 Rio de Janeiro

Venda directa ou pelo serviço de reembolso. Peça instrucções. Envia-se catalogo gratis.

Cinema

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

A Associação dos Artistas Brasileiros acaba de crear uma Comissão de Theatro e Cinema composta de elementos de alta significação no nosso meio intellectual.

Esta secção tem o enorme prazer de constatar que a indiferença do nosso meio pelas cousas do Cinema não é total. Sempre resta um grupo de abnegados que lhe dediquem o melhor dos seus esforços.

Dando inicio ao seu programma para 1938 a Comissão exhibiu alguns films educativos nacionaes e a pellicula franceza «40 annos de cinema», que acompanha a curva ascencional do cinema desde a ingenua invenção dos irmãos Lumière até o seu prodigioso florescimento em nossos dias.

Inaugurou a secção o professor Roquette Pinto, com interessante palestra e comentarios aos films educativos, em que sua autoridade é inconteste.

Quanto ao seu ponto de vista em relação ao cinema artistico pareceu-nos menos feliz e menos sustentavel.

Não nos deteremos no exame e rebate a esse porto de vista, pois o criterio que vimos mantendo atravez da nossa modesta chronica nesta revista representa fielmente o nosso pensamento sobre o assumpto.

Anoitecia em Vienna — Productor — Herbert Wilcox — Mais um film de guerra. Bastante mediocre aliás. Tudo preparado, para pôr a voz de Tullio Carminati perfeitamente á vontade e em relevo a belleza de Lili Palmer. Tudo já muito visto, sem novidade.

O espectador mantem-se na mais tranquilla das indiferenças.

Marca do Zorro — Tudo deixava prever que seria um desastre esta nova versão da *Marca do Zorro*.

O grande Douglas já açambarcara todo o nosso interesse pela figura sympathica e aventureira do Zorro, typo do papel para um homem do seu dynamismo.

Bob Livingston é um actor cheio de qualidades pessoas, mas o film com a aggravante do technicolor liquida-se por si mesmo.

O colorido como o contorno das figuras, envolve as scenas numa especie de nevoeiro de Cruma; tudo apparece sujo, mal illuminado, com o aspecto de coisas passadas no fumeiro.

Uma producção standard, com os caracteristicos completos do modelo: marido infiel, esposa infiel, divorcio, club, cabaret, automoveis em disparada, reconciliação depois de a mulher ter passado por uma serie de aventuras inconvenientes.

Apenas o final, na cottage da tia Patsy interessa, por apresentar um emprego intelligente de subentendido da melhor essencia cinematographica.

Scipião o Africano — Direcção — Carmine Gallone.

O assumpto prestava-se bem para a manifestação desse vicio que tem caracterizado quasi toda a producção italiana: o exaggero, a grandiloquencia, a theatralidade, o falso grandioso, o gigantesco, o enorme.

Pelo menos no cinema os italianos são ainda um «popolo di bambini».

Os proprios Romanos, seus ascendentes proximos, tambem foram bem amigos das grandes palavras, dos gestos largos, da praça, da publicidade, de insignias, de emblemas.

Mesmo sem grande perspicacia ou rara penetração critica, não é difficil perceber no film um intuito de propaganda, de reclame de força e de poderio.

Hontem Roma e Carthago. Hoje Italia e Abyssinia.

Scipião grande na guerra e habil na paz, assistindo á sementeira, animando as colheitas, é Mussolini fazendo a campanha da Abyssinia e inaugurando a colheita do trigo.

O film pertence á mesma familia das obras, tão ruins sob tantos aspectos, de um Cecil B. de Mille.

A mesma preocupação de manejar grandes massas, de empregar um luxo esmagador de recursos materiaes, quando as vezes toda a alma de um povo, e todo o sentido de uma epoca cabem em modestas scenas domesticas.

Mas seria tremenda injustiça negar uma grande força epica á lucta entre as hostes de Annibal e Scipião.

A distribuição das forças combatentes, o choque dos exercitos, a impressionante carga dos elephantes, o choque dos veteranos com a cavallaria numida, tudo é poderoso, é grande e revela um director admiravelmente dotado para a reconstituição historica.

O poder destruidor e a prodigiosa força physica daquellas bestas formidaveis, estão cheios de verdade, de inescutivel verdade, em uma serie de scenas.

O elephante ferido no olho, o outro na pata, mostram á sociedade o que é a dor de monstros de cinco toneladas.

A imprevidencia de Annibal, permanecendo tanto tempo inerte em Capua, justifica a affirmativa de que sabia vencer mas não sabia aproveitar-se da victoria.

A ferocidade gratuita de Annibal, a sua crueldade sem sentido como a dos irracionais, contrastam gritantemente com a energia serena, com a força intelligente do consul Scipião.

Fica bem evidente a differença de cultura entre Roma e Carthago, a superioridade incontestavel de uma civilização sobre a outra.

«Scipião o Africano» assiste-se com interesse e preenche, com a necessaria reserva, sua finalidade educativa.

Assim é Hollywood — Direcção de Tay Garnett — Vae-se ver esse film com a esperança de saber como é Hollywood e sae-se na mesma.

Nada apparece que as revistas e outras publicações especializadas não nos tenham mostrado melhor.

E' claro que não esperavamos uma descripção por demais objectiva da cidade do cinema.

Queríamos, sim, um documentario intelligente, que Tay Garnett poderia perfeitamente ter-nos dado.

Numa pellicula bem dirigida poderíamos ver o que é essa enorme officina de illusão e de prazer para as massas do mundo inteiro, o soffrimento e a experiencia dolorosa dos artistas, dos directores, o trabalho dos scenaristas, dos adaptadores de textos litterarios, e a suprema aspiração de todos os principiantes — o «stardom».

Veríamos tambem o enorme esforço material e o mundo de recursos technicos exigidos para a criação do mais modesto dos films.

Mas «Assim é Hollywood» não é nada disso.

E uma serie de aventuras tolas de um dos chefes da firma bancaria Petty Parker & Sons — no caso Leslie Howland — que vae para Hollywood pôr em ordem a Collossal Film Co., que o banco comprara recentemente.

Mas, Atterbury Dodd nada entende de cinema e é victima de uma serie de espertalhões, que parasitavam a fabrica de films.

A. Dodd apparece como um grande mathematico, perito em contabilidade e maniaco pelos numeros e cifras. Para elle os empregados são apenas unidades, elementos, puros entes de razão.

Os americanos concebem mal uma intelligencia puramente theorica, especulativa.

Carecem ligal-a a realização de ordem meramente pratica.

O excesso de pragmatismo leva-os a ridicularizar tudo o que se manifestar no plano puramente espirital.

Tay Garnett pôde felicitar-se de ter desperdiçado tres elementos igualmente excellentes: um optimo assumpto, um optimo actor e uma pequena incomparavel.

Emile Zola — Warner Bros. — Direcção — William Dieterle.

Este film pela sua magnifica realização, pela direcção notavel com que foi produzido, pela excepcional «performance» do seu actor principal — Paul Muni —, pelo seu grande valor humano, pela rara habilidade com que toda uma vida se esclarece, se explica atravez de um unico acontecimento, merece um exame mais demorado.

Merece ainda exame pela attitude tomada por determinada critica, por demais

Edição ARIEL:

CYRO MARTINS

SEM RUMO

Novella Gaúcha

EM TODAS AS
LIVRARIAS
DO BRASIL

estreita e cega no seu limitado dogmatismo.

O film foi aliás criteriosamente, considerado educativo.

Os motivos que justificaram esse modo de considerá-lo não escapa á mais superficial das mentalidades.

O Zola do film justifica plenamente o dito de France: um momento da consciencia humana.

Um homem chegado ao pinaculo de sua carreira, considerado por muitos como um mestre, tendo completado sua mensagem litteraria, abandona tudo isto, arrosta a indignação de uma classe poderosissima e a onda de pensamento antissemita, porque se commettera uma injustiça, porque a cegueira momentanea da massa acompanhara na sua infamia a incompetencia dos dirigentes da nação.

Para essas nações, dizia Ruy numa de suas «Cartas de Inglaterra», é que se immortalizou a phrase de Sieyès: Não sabem ser justos e querem ser livres.

Foi o pamphleto «J'accuse» que desencadeou a poderosa reacção da consciencia humana contra essa clamorosa oppressão.

E uma vez pelo menos na historia uma victima da injustiça collectiva conseguiu reparação ainda a tempo de apreciar-lhe o resultado.

A coragem desprendida de Zola foi uma bella repetição do heroismo de Voltaire na reabilitação de Calas.

O papel de Paul Muni é simplesmente assombroso.

Em que pese á opinião de John Rowld não vejo como este film procurou enfeitar a vida do grande escriptor.

O ambiente, o meio parisiense da epoca tornam-se presentes.

A atmosphera, as criaturas, a «intelligentzia» de Paris do film do seculo XIX estão alli fixados para o resto dos tempos.

O ritmo da vida, mais lento, mais embebido de litteratura, menos technico que o de hoje, foi magistralmente comprehendido.

A direcção de Dieterle obteve mais uma consagração.

Mas não o entendeu assim o professor Alfredo Balthazar da Silveira.

Em um artigo cheio de lugares communs, o professor aconselha que se confie ás traças a obra que compoz, «pois não assiste ao litterato (sic) o direito de envenenar as multidões com doutrinas immundas, que as podem levar ao desespero e á descrença».

O mesmo professor lançava outro dia no «Index» o «Emile» de Rousseau.

A seguir a opinião desse inquisitor não sei o que ficará de pé no dominio da arte e da litteratura.

No caso Dreyfus nada foi mais antipathico do que a attitude da «Civiltá catholica» que se collocou francamente do lado dos oppressores. Mas nem por isso desconhecemos o papel do catholicismo em outros instantes decisivos da obra de Zola, não podemos deixar de acompanhar a critica na sua opinião inalterada até hoje. Da obra de Zola sobrram duas obras primas — *Germinal* e *l'Assomoir*.

O *Anjo* — Direcção — Ernest Lubitsch.

A ironia fina, a graça, a habilidade, a agilidade intelectual com que o grande director allemão dirige os seus films são de um verdadeiro latino.

Só elle sabe tratar das coisas do amor com aquelle tacto, aquella delicadeza, aquelle gosto decadente com que o grande Anatole sabia tratar o thema.

O amor com Lubitsch perde o seu character de paixão, de violencia, para se tornar o mais agradável dos prazeres.

O meio, as personagens revelam uma medida, uma maestria sem par.

O solar de Lord Frederick é uma maravilha de estylo e de bom gosto.

Os creados, os banquetes, a casa de «rendez-vous» em Paris mostram-nos um conhecedor profundo da vida em quaesquer de suas manifestações.

«Anjo» é um film de perfeita realização. É uma historia de adulterio que se resolve como só os seres altamente civilizados conseguem resolver os seus problemas: com intelligencia, sem o classico recurso á bala e á violencia.

A honra das pessoas não soffre o menor arranhão, permanece intacta como dantes.

Submarino D I — Vale apenas pelo seu lado documentario, mostrando-nos aspectos da vida de um submarino desconhecido antes para o grande publico.

Sob o aspecto exclusivamente technico nada igual nos fôra apresentado.

Quanto ao interesse humano é em tudo inferior ao excellente film allemão — *Submarino Heroico*.

Rainha Victoria (Queen Victoria) — Direcção Herbert Wilcox.

Outro grande film historico inglez.

A obra recommenda-se pela admiravel sobriedade com que foi realizada e pelo seu honesto respeito aos factos e aos documentos, vindo a inscrever-se na lista gloriosa de «Henrique VIII», de «O conquistador dos mares», de «Rainha por 9 dias».

Ann Neagle e Antonio Walbrook ficam perfeitamente á altura dos personagens que encarnam e conseguem transmittir-nos toda a grandeza, toda a sympathia das duas extraordinarias creaturas que foram Alberto e Victoria.

A nossa emoção mantem-se sem desfallecimento da primeira á ultima sequencia, apesar do technicolor com que, foram polluidas as scenas do «diamond jubilee».

No theatro da Vida (Stage Door) — Director — Gregory la Cava.

O interesse que o film desperta não é uniforme, tem altos e baixos.

As sequencias iniciaes embora profundamente significativas para caracterizar o ambiente de uma republica de candidatas ao theatro, carecem de valor como cinema. Dialogação excessiva, muita, muita palavra, e quasi nada de imagem.

Mas no emtanto, como são cheias de sentido aquellas intrigas, aquellas piadas cheias de espirito, aquella miseria supportada tão alegremente!

O heroismo daquellas pobres moças chega a não ser percebido por causa da indifferença risonha com que encaram a miseria, as difficuldades tremendas com que a vida as opprime.

O suicidio da pobre Kay emocionanos de verdade e a agitação, a dor, o remorso de Terry Randall perturbam seriamente nossa sensibilidade.

O «Theatro da Vida» é uma das boas realizações de 1938 e deveria ter attrahido uma attenção bem maior que a que despertou entre os «fans».

«*Madame Walewska*» — (Conquest — M. G. M. — Direcção — Clarence Brown).

Trata-se de um Napoleão para uso das familias, em chinellos, barbeando-se, jantando com a amante, pensando nos interesses domesticos, intimos.

Todo aquelle lado épico da sua personalidade, todo aquelle apparato com que a historia costuma representá-lo, ficaram quasi que na sombra, ficaram na penumbra.

Eu não concordo com Genolino Amado em achar que o homem medio foi lá em busca de um Napoleão diminuido, derrotado, reduzido ás mais simples proporções.

O que commoveu esse homem medio me parece que foi justamente o conhecimento de que por muito grande que seja um heroe, elle não escapa á condição humana, ás fraquezas de seus irmãos, á necessidade de carinho, de bondade, de sympathia.

O heroe não se pode manter sempre igual a si mesmo, vivendo com uma intensidade uniforme, sempre muito alta.

Ha momentos na vida do grande corso, em que nós ficamos com pena delle, como Carlyle «This poor Napoleon».

O episodio com a Walewska é um verdadeiro «relief», um descanso, uma tregua na vida intensissima do geometra das batalhas.

Em Madame Walewska elle perde por um instante a sua qualidade de heroe e desce um pouco á nossa pobre condição humana, perde um pouco do character de excepção monstruosa da nossa natureza e cahe na regra de todos os seres creados.

Contrariamente á opinião de alguns criticos eu preferi Greta Garbo a Charles Boyer, que em algum momentos tem o que quer que seja de exaggerado, de simiesco quasi...

E entre as demais figuras convem não esquecer a excellente figura do conde Waleswski, que Henry Stephenson interpreta de modo incomparavel.

Como sempre a direcção de Brown magistral.

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA.

«ESPHERA»

Prenuncio de uma carreira victoriosa é o primeiro numero da *Espheira*, onde se encontram trabalhos de intellectuaes de gerações varias, mas todos conduzidos pelo bello proposito de não ver murchar entre nós o interesse pelas lettras, artes e sciencias. Tambem um europeu de talento, o sr. Abel Salazar, figura na brilhante apresentação desta revista com um succulento escripto sobre a mulher do povo em Portugal.

O CAVALLO DE D. TENORIO

Domingos Tenorio de Ruas y Rios, apesar do seu nome se apresentar de envolta com certas fumaças heraldicas, era genuinamente burguez, de remotissima estirpe do sachó e foice ás costas.

Brasileiro, ha mais de quatrocentos annos, era pois um tanto mais velho que o conhecido paulista emerito, creador da phase pinturesca.

Seu pentavô tinha sido companheiro de viagem do famoso Padre José de Anchieta, embora não se conhecessem, e, como o thaumaturgo, nascera o seu ascendente, tambem em uma ilha daquelle paiz. Por varias vezes, teve o nosso heroe desejos de mandar imprimir em seus cartões de visita, este detalhe: *Descendente de D. Gregorio de Ruas y Rios, ex-companheiro de viagem do Padre Anchieta*, mas, reccioso de que não o levassem a serio, contivera-se sagazmente, deante da impossibilidade de apresentar provas bastantes do allegado.

Desde creança, revelara pelos burguezes, o maior desprezo, aprumando-se com certa emphase e sacrificada elegancia, quando se dirigia ás pessoas de humilde condição. Não se misturava com a plebe ignara, com os proletarios, aos quaes chamava com um certo desprimor de linguagem, de peões.

E para que toda gente se convencesse da sua alta linhagem, tratou de adquirir umas cavalgaduras, porque, ao menos desse modo, estaria materialmente, muito acima das multidões. E isso feito, repetia a qualquer pretexto: sou da ordem dos cavalleiros, e se assignava subrepticamente: D. Tenorio, como que para dar a impressão, a toda gente, da sua alta linhagem e selecta estirpe.

Vivendo a maior parte da sua existencia, empoleirado no lombo do seu ginete preferido, era um gozo se ouvir os gabos que fazia á sua excellente cavalgadura: fogoso, esquipador, boas ancas, docil ao freio, enfim, o melhor salta-cercas que elle conhecera até aquella data.

D. Tenorio era a figura padronizada do brasileiro do futuro, quando se fizer a fixação definitiva do nosso typo por effeito das restricções immigratorias e da melhoria das condições eugenicas e hygienicas: alto, regularmente cheio de corpo, moreno limpo, tirando a um certo pallor pictorial, cabellos pretos, desembaraçado de gestos, vizeira energica.

A sua predilecção pelos sports hippicos, lhe dera maior desenvoltura, certa elegancia e boa saude. Tendo concorrido, por varias vezes, a certames desse genero, em alguns paizes da Europa, elle tinha grangeado um certo renome nos meios turfistas, principalmente depois de haver levantado, com o seu já famoso ginete, uma taça celebre, num concurso levado a effeito em Paris, pelo Club de Equitação.

Por essa occasião os jornacs estamparam o seu retrato e o do seu ginete, cercando-os de adjectivos laudatorios e encomiasticos.

Desse modo ia o nosso heroe, levando a sua vida folgada, adequada aos seus conhecidos pendores heraldicos, sem fazer, em suas delicadas mãos, outros cal-

los, que não fossem os produzidos pelo manuseio habitual das redeas do seu fogoso corcel.

Quando o animal de D. Tenorio, fazia ouvir o ruido de suas ferraduras, em compassada cadencia, pelas ruas adjacentes á sua baia, toda a gente tinha a impressão de que elle participava do estado de espirito de seu amo e cavalleiro, dividindo com elle a ingenua vaidade e a inoffensiva prosapia.

Porte erguido e magestoso, viseira levantada, cadencia rythmada, assim se apresentavam ambos, como se marchassem sob a direcção de invisivel batuta. Com o seu protector de camurça amarella, contrastando, de modo berrante, com o luzido cor de ebano de suas pernas e patas, dava o corcel de D. Tenorio a illusão perfeita de um fidalgo que de polainas se dirigia a um *rendez vous* elegante.

Gabava-se o illustre fidalgo, de que jamais o seu ginete pisara terra ao natural, ou seja a lama vil das estradas, como elle dizia frequentemente com uma certa pose emphatica, inherente ao seu incontestado sangue azul *marinho*. Do *box* da sua baia, ao liso asphalto das avenidas, e deste para aquelle; da pista arenosa da raia do seu club ao morno *mac adam* das aleas sombreadas, — assim passava o dia util, no seu roteiro habitual, o cavallo de D. Tenorio.

Era pois o seu ginete, um animal do qual se poderia dizer que estava perfeitamente urbanizado, tanto que elle era capaz de empacar e atirar ao solo, o cavalleiro, se deparasse pela frente, com uma simples folha secca a cahir, innocente espiral sobre a estrada, ou com um leve bater de azas de um modesto coriango, no costumeiro voejar, ao crepusculo, pelas clareiras das estradas do sertão.

Eu não posso affirmar de modo categorico que os cavallos raciocinam ou fazem humorismo: mas, aqui registro, como não sendo um privilegio da especie humana, as situações em que se põe em duvida essa faculdade como privativa do ser racional. Certa vez em que o cavallo de D. Tenorio, deixava o portão da Quinta da Boa Vista, depois de um treino costumeiro, deparou pela frente, com um humilde quebra cangalhas, um pobre punga baio, carregando duas arapucas, onde gallinaceos mal comportados, deixavam no ambiente, o cheiro caracteristico dos seus sobresalentes e dejectos. Pareceu-me, ao ver o cavallo de Tenorio, que elle esboçara um sorriso amarello, não podendo jamais comprehender como um exemplar da sua especie fosse capaz de um tamanho rebaixamento. Elle, certamente, raciocinou, que para um cavallo de polo ou de corridas, o supremo aviltamento seria de ficar reduzido á humilde condição abjecta de condutor de gallinaceos, a receber pelo lombo e adjacencias, os sobresalentes organicos de tal carregamento, alem de outros hospedes indesejaveis da micro fauna, e ainda por cima obrigado a emporcalhar suas patas e cascos, nas sargetas immundas e lamaças das excusas viellas da cidade.

D. Tenorio affirmava de modo minudente e exhaustivo: que seu animal tinha sangue mosarabico. Não pelo cruzamento, dizia elle, nem pela origem, mas pelo alimento que lhe dava. Como se sabe, repetia, os arabes estiveram cerca de tres seculos na Peninsula Iberica. Dahi veio a ideia de alimental-o com alfafa espanhola e aveia ingleza. E como os inglezes affirmam que a raça entra pela bocca, — elle tem, portanto, sangue anglo-arabe.

Esta extranha theoria sobre genetica, acompanhada de gestos propicios a uma melhor prestigitação, tinha o condão de impressionar a rodinha onde D. Tenorio experimentava os seus conhecimentos sobre zootechnica principalmente entre leigos, sempre dispostos a se impressionar com palavras feias ou empolladas.

O prestigio de D. Tenorio, — cujo nome por extenso era DOMINGOS TENORIO DE RUAS Y RIOS, — augmentava de dia para dia, sem que ninguem jamais lhe perguntasse a razão daquella matreira abreviatura.

Elle mesmo perguntava em soliloquio, a razão do augmento do seu prestigio mundano, e não encontrava os motivos. Os seus proprios amigos intimos faziam timbre em conspirar em silencio, em torno do verdadeiro nome do nosso heroe, para que cada gente lhes desse assim maior consideração e prestigio, suppondo-os frequentadiços e intimos, do illustre fidalgo.

Por isso, aquella abreviatura constituia uma chave milagrosa para D. Tenorio, um achado maravilhoso capaz de abrir todos os thesouros e todas as portas do mundo.

O rigor e a pertinacia com que D. Tenorio executava o seu plano de se fazer passar por fidalgo e descendente de alta linhagem, acabaram por convencel-o, em primeiro lugar, de que de facto, elle era mesmo um nobre rebento, originario dos velhos troncos heraldicos da vetusta Iberia. E a extranha suggestão acabou por tomar conta do seu grupelho, extendendo-se á grande roda mundana onde elle pontificava.

Até mesmo o seu ginete passara tambem a compartilhar dessa original suggestão, conhecido como de puro sangue bretão-arabe, por effeito e consequencia, embora tivesse nascido no sertão mineiro, nas cercanias de Sabará.

Certa vez, ao atravessar D. Tenorio uma das ruas do seu bairro, cavalgando com elegancia o seu já famoso ginete, depara com com um grupo de meninos, entre os quaes um molecote recém-chegado do interior, e que vendo a fogosa alimaria, alinhada e adereçada com os seus protectores de camurça amarella, á altura das juntas inferiores, diz admirado, a seu pae, um velho caboclo, que embasbacado, olhava tambem a marcha cadenciada: olha papae, um cavallo vestido com luva de mulher!

— Cala a bocca menino, — aquillo não é luva: é perneira de mutuca.

O pobre homem, pensava, na sua bema-venturada ignorancia, que o protector de juntas, fosse destinado a defender o animal contra a ferroada das motucas.

D. Tenorio, ao ouvir estas heresias, concertou o seu monoculo e encarando os innocentes satyricos, disse para o grupo, a meia voz: cannibae, cannibae. E esfogueando o seu corcel, sahio a marchar com mais garbo e desenvoltura para machucar a ironia sem intenção, dos humildes espectadores.

Um dia, o CLUB INCITATUS, com séde no Rio de Janeiro, e cuja finalidade era justamente de incitar os governos e as sociedades hippicas a se interessarem pelo desenvolvimento da raça cavallar e seu aperfeiçoamento, convidou D. Tenorio a participar (o que seria para o Club bastante honroso), — de um *raid* de garbo e resistência, que o Club ia patrocinar. A prova seria feita metade em marcha sobre o asphalto e a outra metade, em terra natural, pelas estradas, caminhos, trilhos, picadas e azinhagas estreitas do interior, em duas etapas de trinta kilometros cada uma.

A primeira condição fora desde logo acceita por D. Tenorio. O seu ginete estaria assim no seu natural elemento: o liso asphalto das avenidas, tapete este somente digno de um nobre cavallo e mais nobre cavalleiro, como elles eram. O que elle deplorava era que não fosse toda a prova levada a effeito sobre o asphalto e paralelepipedos das praças e ruas da cidade. Se assim occorresse, desde já estaria certo da victoria do seu cavallo. Ao pensar na possibilidade de forçar seu ginete a trilhar as immundas viellas e estradas desconfortaveis do *hinterland*, lamaçentas e lodosas, a salpicarem barro e agua, sujando seus arreios e estribos de prata e fivellas de ouro, — só isso, fazia com que vacillar em inscrever a sua alimaria no tal certame.

Se o concurso fosse somente de resistencia, poderia ser ganho facilmente por qualquer salta-vallo, bate-queixo da especie daquella que D. Tenorio encontrara no Portão da Quinta da Boa Vista, com o lombo a trescalar sobresalentes organicos.

Depois de alguns dias de meditação e de consultas aos amigos, resolveu-se afinal D. Tenorio em inscrever o seu famoso corcel, menos por decisão propria que por animação e lisonja dos rodeiros que o cercavam, incensando-o e que já ante-gozavam a palma da victoria, para o cavallo de D. Tenorio. E prelibavam a partilha dos cincoenta pacotes do premio official, numa serenata no *cabaret* do RAT MALE, cercados de umas duas duzias de garrafas champagne, com rabos de gallos e mulheres tambem.

Marcado o dia para o inicio da prova official e definitiva, a imprensa esportiva trazia os varios palpites estampando o retrato dos concorrentes e seus proprietarios. Havia inscriptos de toda especie: cavallos de nobre estirpe e melhor estampa, assim como typos communs e abaixo de toda a critica. Havia-os tambem em grande numero, do typo pangaré-punga e que desde logo foram postos fora do concurso, por effeito do edital que assim dizia: Para a obtenção do premio, é necessario que o animal concorrente dê provas não só da sua resistencia physica, durante o *raid*, como tambem conserve seu *aplomb*, sua *allure*.

Durante um mez antes do concurso, logo que foram conhecidas taes exigencias, os criticos especializados e defensores da pureza da lingua, não pouparam suas satyras contra os organizadores do concurso, por haverem incluido alli aquellos gallicismos, sem nenhum proposito. Diziam que era para afastar os concorrentes do interior, intrigados deante daquelles nomes feios. Diziam mesmo, que taes expressões não se applicavam aos quadrupedes e sim aos bipedes.

Por seu lado, os defensores da tal *allure* e do *aplomb*, sahiram a campo e desferiram rudes golpes nos puristas da lingua, chamando-os de cata-pulgas, gramatimecos, gnomos caolhos, etc., etc.

Os creadores de cavallo e os tropeiros do interior, fizeram um fundo unico para combater uma tal exigencia absurda da commissão, dizendo que tinham vindo de longe e feito grandes despesas com seus cavallos, e ao chegarem aqui, encontraram a tal *allure* e tal de *aplomb*, que não figuravam nas primeiras condições. Affirmava-se á bocca pequena, que estas ultimas exigencias foram incluidas no certame, a pedido de D. Tenorio e dos que jogavam no *it* do seu cavallo, que lhes arrebataria, na hora H do julgamento, a palma da victoria.

No dia do julgamento previo, para exclusão liminar dos que não podiam entrar em concurso, o desfile dos animaes concorrentes, constituiu a nota mais supinamente comica de que se tem memoria nos annos hyppicos. O premio tentador fez com que todo o rebulho da familia dos pungas cangalheiros, destas beiras de mantiqueira abaixo, viesse ter ao Rio de Janeiro. Basta dizer que dos duzentos e cincoenta concorrentes, apenas dez conseguiram classificação liminar. O restante foi condemnado por falta da tal *allure*, etc. O signal da desclassificação era dado pelo Presidente do Club que batia, sobre um estrado, com tres martelladas symbolicas.

Os duzentos e quarenta bucephalos que foram eliminados sob o martello do Presidente, davam realmente a impressão de que tinham sido furtados das cocheiras destes institutos de preparo de soro physiologico. Pellos arrepiados, andar tropego e corvejante, costellas á mostra, cabeças inclinadas ao peso das responsabilidades, etc. Varios delles se apresentaram até com enormes pisaduras no lombo, havendo até um delles, que comparecera, ostentando a vista de toda gente, com signaes evidentes de relaxamento, um orgão digno de melhor discrição.

A um dos concorrentes, a quem se censurou o descuido na escolha deste especimen, retrucara: este bicho é molle de vista, mas é duro de affrouxar. O meu COME-LEGUA, que o sr. está vendo aqui, não conhece distancia. Quando pega do freio, esquece que está andando, e se a gente não dá um repuxão, não para mais.

De facto o informante tinha razão: o punha do sertão, não tem parelha: em questão de resistencia elle é batuta mesmo.

Infelizmente COME-LEGUA, foi a primeira victima do martello expurgador, do Presidente do Club, e no mesmo dia o seu dono embarcou-o, de volta, pelo nocturno de carga, para Santa Anna

do Rio de Cima, de onde elle viera na vespera. A maior parte porem, dos refugados pelo crivo do Presidente, foi adquirida pelos marombeiros de olaria e vendedores ambulantes de aves, por um preço abaixo de qualquer cotação. O Instituto de Pesquisas physiologicas, comprou cerca de uma centena delles, para experiencia.

No momento em que se decidia a inclusão preliminar dos concorrentes, o animal de D. Tenorio entrava na pista trescalando um perfume raro e subtil de essencia, tirante a sandalo, o que empolgou o ambiente, concorrendo, sem duvida, para subornar de modo indirecto e delicado, os finos cavalleiros que constituíam a Commissão Julgadora. É excusado accrescentar que o cavallo de D. Tenorio foi um dos raros inscriptos no certame.

A entrada na raia, do cavallo do nosso heroe, constituiu um espetaculo empolgante: palmas batiam em unisono, e o proprio Ministro da Agricultura presente ao acto, engueu-se da sua poltrona de honra, vindo cumprimentar D. Tenorio, enchendo de inveja os demais concorrentes, que viam nessa distincção qualquer cousa que prejudicava o concurso.

— Não tenho mais duvidas, sobre o resultado do certame, — dizia um dos concorrentes: está alli o victorioso... E um tanto desconsolado, accrescentou: eu trouxe do Estado de Minas, um manga-larga, que nunca viu perneira de fiavela nem perfume de Paris... Mas, na resistencia, desafia esta pungalhada meuda e gauda que ahi está!

Annunciado o dia do concurso, todos os affeiçãoados ao nobre *sport*, alli estavam. Photographos e cinematographistas, tiravam vistas e apanhavam aspectos do certame.

Dado o signal de partida, o famoso manga-larga, seguido de um garboso campolina, sahio em primeiro lugar. Em terceiro vinha o cavallo de D. Tenorio, peito aberto, marcha lenta, correcta, elegante como seu cavalleiro, seguindo-se os sete restantes.

O corcel de D. Tenorio dava a impressão ao marchar, de um cidadão bem trajado que não quer se abaixar para não dobrar o collarinho duro nem desmanchar o vinco da calça.

E desse modo, alternando as respectivas collocações, ora em segundo, ora em terceiro lugar, ora em primeiro, iam os tres alludidos comparecentes, justificando os votos de seus torcedores.

Quando faltavam apenas alguns kilometros para termino da primeira etapa de trinta kilometros sobre asphalto, apenas dois concorrentes se mantinham em destacada deanteira: o referido manga-larga e o cavallo de D. Tenorio, este, em primeiro lugar.

Seria realmente uma vergonha que o haveria de aculear por toda a vida, se o seu famoso ginete perdesse aquella prova de marcha sobre o asphalto, a costumeira estrada que elle estava habituado a trilhar diuturna e frequentemente.

Agora, ao fim dos trinta kilometros, ia começar a segunda etapa da prova: a marcha sobre a terra vil das estradas do sertão, cheias de salpicos de lama, panellões de tropa, azinhagas estreitas e pedregosas.

Alli se achavam a espera dos concorrentes, muitos dos torcedores e amigos de D. Tenorio, satisfeitos com a sua primeira victoria sobre o asphalto. Incorporaram-se á comitiva, sem poderem, no emtanto, tomar a deanteira dos concorrentes.

Consumidos os primeiros dez kilometros da segunda etapa, já o manga-larga se distanciava de muito, tomando a frente ao cavallo de D. Tenorio, passando-lhe na deanteira, justamente no local onde os concorrentes encontraram uma simples porteira, que como havemos de ver, foi a causa de se encontrarem os meios hyppicos e mundanos, de subito, privados de uma das mais justas esperanças do Brasil, neste dominio.

O manga-larga e seu dono, atravessando a porteira, deixaram para traz o nosso heroe, pois, a Commissão não tendo previsto a hypothese que vamos encontrar, correu para que a palma da victoria sahisse das mãos de D. Tenorio.

O cavallo de D. Tenorio, acostumado desde a primeira idade, ao morno asphalto das avenidas, sem ter tido nunca uma occasião de encontrar pela frente uma porteira a abrir, estacou de frente á primeira, sorprezo, sem iniciativa. Do mesmo modo, o cavalleiro.

D. Tenorio, ora tocava o cavallo para frente, ora recuava, a espera de uma suggestão. O fiscal do *raid*, porem, não permittia que os amigos intervissem com seus bons officios.

Emquanto isso, o manga-larga ganhava deanteira, sobre o do nosso heroe.

— Estou vendo, diz um dos amigos de D. Tenorio, — que vamos hoje ficar por aqui até a noite. O sol a pino, a castigar cavallos e cavalleiros.

Em torno á porteira, agglomerava-se a multidão de interessados. O monoculo de D. Tenorio, cahia pela terceira vez, de suas faces suarentas...

E o raio da porteira, apesar de varias tentativas frustas, por parte de D. Tenorio, teimava em não se abrir.

O desanimo invadia a todos.

Entremettes, um dos amigos de D. Tenorio, fazia demonstrações ao largo, chamando a attenção do concorrente, sobre o modo pratico de um cavalleiro abrir uma porteira. Esporeia-se o animal, de leve, ao mesmo tempo em que se o approxima-se de flanco, da porteira que se quer abrir. Em seguida, collocada a cabeça na direcção da abertura...

... Não se riam! O caso é sério. Isso feito, toca-se o animal, enquanto vae-se empurrando de leve a porteira.

— Acho muito complicado o seu systema, — retruca D. Tenorio. E' melhor experimentar o meu methodo.

E assim dizendo, esporeia com violencia o seu ginete, que vae como uma flexa em perpendicular á porteira, batendo com violencia com a cabeça sobre as taboas da mesma. Não é preciso dizer, que o traumatismo foi violento, para ambos: cavallo principalmente e cavalleiro.

E tudo ficou na mesma. A porteira teimosa, não se abria sem que a empurrassem com a technica do costume.

— Uma cousa tão simples, meu Deus, advertin o Coronel Gervasio, que como simples curioso acompanhava o *raid*. O meu punha, accrescentava elle, não só

abre uma porteira como até susponde a *taramella*, sem ajuda de ninguém.

O tempo ia passando, a tarde ia cahindo e varias tentativas sem resultado.

Era preciso uma solução pratica. Ninguém podia intervir, pena de nullidade.

Foi neste interim, que D. Tenorio tomou uma iniciativa digna de menção, nos annos da vida campeзина: nervoso e resolutivo, esporeia o seu ginete o arremete com violencia sobre a porteira. O animal, porem, que não havia ainda se curado do anterior traumatismo, por natural precaução, volta os fundos á porteira, batendo com elles em cheio, sobre ella. Esta, naturalmente com o choque, gyra sobre os goncos e abre o bastante para passar um cavallo á galope.

Neste momento, todos gritam satisfeitos, para que D. Tenorio aproveite o ensejo, passando com o seu ginete.

E mal o avisaram, elle investe precipitadamente pela abertura, sem perceber que a porteira, sem nenhuma outra intenção, ia naturalmente se fechando.

Mal porem, elle intromete seu corpo, eis que a porteira o comprime, segurando os seus joelhos que são esmigalhados sobre o batente, de um modo violento. Não podendo recuar, avança, e o cavallo, prendendo os quadris no oitão, é violentamente atirado, com o cavalleiro, ao chão, com as costellas expostas, ficando D. Tenorio com ambas as pernas fracturadas. O sangue ensopa a poeira da estrada e se confunde com a abundante hemorragia do animal, que apenas dá uns passos mais, para agonizar arrojante.

Os amigos estupefactos, deante do imprevisto da tragedia, recolhem o corpo desfallecido de D. Tenorio, conduzindo-o para um sitio que ficava a alguns passos do local do incidente.

Passados estes primeiros momentos, o Coronel Gervasio se aproxima do corcel de D. Tenorio e diz para os circunstantes: é preciso abreviar a agonia deste cavallo, com uma sangria apropriada. E puxando do seu afiado pica-fumo, sangra o famoso corcel.

E isso feito, no momento exacto em que todos assistiam os ultimos estertores do cavallo, o Coronel teve este commentario elucidativo: tudo isso, meus amigos occorreu, porque o cavallo de D. Tenorio se chamava ESTADISTA. Andava de luvas brancas, perneiras chibantes, unhas e cascos lustrados, todo perfumado, mas era incapaz de abrir uma porteira, porque nunca sahira do Rio de Janeiro. A primeira que elle encontrou, foi isto que se vê: um ESTADISTA incapaz de abrir uma simples porteira.

Alguns dias depois deste incidente, quem passasse pelo local, viria os corvos crocitando sinistramente sobre a carcassa do ESTADISTA.

BARBOSA LIMA (*Aristophanes*)
(Do livro inedito OS DESTELHADOS).

Eugenio de Castro e outros — *Inauguração da sala do Brasil* — Coimbra.

Em publicação dos Estudos Brasileiros da Universidade de Coimbra, aqui temos os discursos ali proferidos á inauguração da Sala do Brasil em 7 de dezembro de 1937. Nobres peças oratorias aviventadas por um senso de latinidade dos mais cultos e brilhantes.

Ultimas Novidades

ARIEL

Gastão Cruls

HISTORIA PUXA HISTORIA

(Contos)

VERTIGEM

(2.^a edição)

Cyro Martins

SEM RUMO

A. da Silva Mello

PROBLEMAS DO ENSINO MEDICO E DE EDUCAÇÃO

José Simplicio

RETRATO POPULAR DE UM HOMEM

René-Albert Guzman

CIUME

5.^a edição
12.000 exemplares

Stendhal

DO AMOR

Traducção de
Marques Rebello
e Correia de Sá

O MAIOR ROMANCE DA AMAZONIA

«OS IGARAUNAS» de Raymundo Moraes

Victor Cherbuliez afirma que o romance é a epopéa que cessou de cantar e se poz a fallar. Lendo *Os Igarauas* de Raymundo Moraes sente-se a necessidade de corrigir aquella affirmativa para dizer que «o romance é a epopéa que se poz a fallar cantando». A prosa do escriptor paraense tem o ictus dos cantos orfeonicos. Sua descriptiva attinge um um poder de esplendor que só as cousas poeticas encerram, ou só apparecem no estylo das grandes symfonias. Cada palavra é uma nota de musica. Cada periodo uma escala, cada pagina uma melodia. Não é possivel escrever a epopéa amazonica na linguagem chilra da prosa commum. O assumpto requer para tratá-lo um predestinado, que narre a acção que se passa em nossas selvas, em nossos rios e em nossas terras, em tom alto e grandiloquo, capaz de acompanhar graficamente a maravilha dos scenarios e dos actores que se agitam dentro delles. A Amazonia não é um logar commum, mas o irrevelado que só agora começa a apparecer, na pompa do seu deslumbramento, desvendado pelo poder paysagistico das descripções de Raymundo Moraes. Schopenhauer disse que o caracter de todas as cousas é a caducidade. No livro de Raymundo Moraes não se sente a caducidade das bellezas amazonicas porque ellas apparecem renovadas pelo rythmo construtor do artista. Da coisa velha, que ninguem soube vêr, elle tirou, pelo estudo e pela observação, os motivos novos da belleza eterna. E' por isso que a Amazonia que elle descreve, em innumeros novos aspectos, é uma Amazonia desconhecida para quasi todos, uma vez que quasi todos desconhecem os seus segredos e a sua grandeza. *Os Igarauas* é o maior romance que já se escreveu sobre motivos amazonicos. Conheço *O Missionario*, de Inglez de Sousa; *A selva*, de Ferreira de Castro; os *Desherdados*, de Carlos de Vasconcellos. Cito os maiores que já se escreveram sobre a região, para colocar *Os Igarauas* como maximo entre todos. E' que em *Os Igarauas* o romancista allia-se ao sociologo. O paysagista confunde-se com o naturalista. Para a realidade de cada quadro, Raymundo Moraes cria uma moldura especial. A historia do homem acompanha a historia da terra. A analyse dos factos, dos typos e os estadios de evolução social, a geografia, a ethnologia, a geologia, a historia natural da região, tudo vêm á flôr do romance de Raymundo Moraes, definindo o homem de sciencia que o artista completa, vestindo a sabedoria das cousas com as galas e as pompas da imaginação alerta. No «*Os Igarauas*» á ilhagem do prosador deserto surge sempre o poeta, exaltado pelos panoramas deslumbradores. Na Amazonia o que cria o poeta é o meio ambiente. Nem os sabios afamados que percorreram a planicie, e a estudaram, e a sentiram na complexidade das suas causas e dos seus effeitos puderam fugir á influencia poetica do meio. Tudo nesta vasta e desconcertante natureza convida á enfase e ao delirio. Aqui os rios são verdadeiros mediter-

aneos. As florestas, pela sua grandeza empolgante e pelo maravilhoso de suas lendas, são allucinantes assombrações. O perenne frescor das flores silvestres, a doçura capiosa dos fructos, o eterno verdôr das folhagens, o gigantesco dos caules, o canto abemolado das aves, o céu sempre azul e a terra sempre farta, tudo desperta o espirito para o extase. fazendo do escriptor um citharedo, e do sabio um artista. «*Os Igarauas*» não podia escapar a essa influencia, Raymundo Moraes escrevendo prosa faz insensivelmente poesia, que resalta na representação polifonica das bellezas que pinta, escachoando em sua prosa como sonoras onomatopéas. E' um grande escriptor que põe no desconnexo de tantas maravilhas a cadencia musical de uma canção. As descripções da natureza amazonica no *Os Igarauas* são marcadas a pinceladas scenograficas de uma exatidão impecavel. «O naufragio», por exemplo, é uma pagina de mestre. As afflicções, as angustias, o atabalhão, daquella scena dantesca, em

que o temporal faz de um navio um juguete, e em que as almas affligidas pela borrasca, só podem apellar para Deus ante o inevitavel da tragedia, Moraes as descreve com tal precisão, com tantas e tamanhas tintas naturaes que «O naufragio» póde figurar na anthologia mais exigente da lingua portugueza. E' um estudo lapidar. «Yrapurú e carachué» é outra maravilha de descriptão, de poder evocativo, de ampliação da lenda dos dois passaros da planicie, que nenhum escriptor até hoje o havia traçado e nem o poderia traçar com mais perfeição e encantamento. Raymundo Moraes com este romance não exgotou o assumpto — Amazonia — porque esse é um assumpto inexgotavel nas suas mãos, mas esclareceu novos aspectos, novos panoramas, novos pormenores da região em que elle é, sem favor e sem medo de contestação, o leader dos grandes escriptores.

DEJARD DE MENDONÇA.

(Transcripto do «Estado do Pará» de 16-5-38).

UM MAPPA DA INTELLIGENCIA BRASILEIRA

O *Anuário Brasileiro de Litteratura*, entrou no segundo anno da sua publicação. O volume, que recebi ha pouco e se refere, já se vê, ao anno presente, é ainda mais rico, melhor illustrado e mais cuidadosamente organizado de que o primeiro. Os editores — os Irmãos Pongetti — chamam-lhe justiceiramente «um mappa da intelligência brasileira». De facto, o Brasil mental e artistico vem alli, de ponta a ponta, apresentado e estudado. O «Anuário» constitue uma especie de somma da vida espiritual da grande nação durante 1937. Nomes illustres enfileiram nas suas paginas, assignando ensaios, criticas, poemas, syntheses dos acontecimentos mais caracteristicos ou mais importantes nos dominios da cultura e do genio criador do Brasil. A par disso, não escasseiam as noticias informativas, os panoramas da actividade litteraria, e até as previsões do futuro.

Percorrendo, lendo e meditando o magnifico e suggestivo tomo ganhamos inteiro ou quasi inteiro conhecimento das obras, dos autores e das tendências actuaes do lyrismo, do romance, da sciencia, da pintura, da esculptura, da musica, do theatro, e mesmo do cinema, do povo mais progressivo e mais inventivo da America do Sul. Serviço inestimavel que nos prestam os Irmãos Pongetti, e que nos permite obter e resguardar uma visão exacta da immensa energia edificadora da gente que trabalha, sonha, luta, e se afirma irreductivamente jovem além-Atlantico.

Não tentarei, porque seria muito longo, enumerar os varios e cultivantes assumptos tratados no *Anuário*, desde a evolução de figuras eminentes de hontem e de hoje a apreciação documentada de movimentos e aspectos de relevo no ambito da litteratura, do saber e da arte.

O difficil, numa colletanea desta natureza, é que ella effectivamente suscite em quem a percorre e lê o desejo de admirar e amar o nobre mister das

letras, o esforço do escriptor em prol da civilização, e a sua missão indispensavel no mundo de sempre. Por outras palavras: — o difficil é estabelecer uma atmospha de sympathia efficiente para a vida do pensamento e da arte. Tal difficuldade, o *Anuário* vence-a com inteira galhardia, e não me consta que mais nenhuma iniciativa do mesmo genero o iguale. E' completo. E' perfeito. E eu fico imaginando como seria útil qualquer cousa de identico objectivo e de identico feitio no meio portuguez, ainda tão alheio ás manifestações e realizações superiores. Confesso até, que se de novo toco no assumpto é para incitar os nossos editores a metter hombros a tarefa semelhante. Portugal continental e ultramarino dava bem para um *Anuario* substancioso e cheio de interesse, Vademecum de curiosos, guia de ignorantes e de não-ignorantes, espelho fiel da nossa capacidade intellectual. Todos os annos, no principio de Janeiro elle nos offerceria uma perspectiva illuminada e arejada da nossa litteratura contemporânea, e nos ensinaria a compreende-la, a interpretar as suas tendencias, a estimar o seu valor, a acceitar ou a repetir a sua orientação, mas, sempre, a não diminuir, a não desdenhar o papel que desempenha na defeza do prestigio da gloria da Patria.

Será isto, porventura, clamar no deserto? Receio que sim. E, todavia, clamo e clamarei. Demais a mais, o bom exemplo vem-nos do Brasil, a lição a aprender vem dessa terra amiga e irmã, e não ha a menor humilhação em segui-la. O que falta? Decisão. Apello para autores e editores e pergunto: — não será viavel a idéa? Se é viavel porque não se executa? O desapego pela nossa producção litterária, scientifica e artista attingirá proporções tão graves que vote a insucesso total o projecto nobre e sympathico de celebra-las, honra-las e divulga-las de vez?

JOAO DE BARROS.

(Transcripto do «Primeiro de Janeiro», do Porto, de 11-5-938).

MEMENTO BIBLIOGRAPHICO

O Boletim de Ariel pede aos srs. editores ou autores que lhe remetam um exemplar das obras pelos mesmos publicadas, afim de que esta secção seja a mais informativa possível.

- Gastão Cruls — HISTORIA PUXA HISTORIA — Contos — Ariel Editora Ltda. — Rio.
 Origenes Lessa — O FEIJÃO E O SONHO — Edições Cultura Brasileira — São Paulo.
 Raymundo Magalhães Junior — MENTIROSA — Comedia — Getulio M. Costa — Rio.
 Rodrigo Octavio Filho — A VIDA AMOROSA DE LISZT — Rio.
 José Bezerra Gomes — OS BRUTOS — Romance — Irmãos Pongetti — Rio.
 Eudes Barros — DEZESETE — Romance historico — Irmãos Pongetti — Rio.
 Tristão de Athayde — IDADE — SEXO — TEMPO — Livraria José Olympio Editora — Rio.
 Oliveira Vianna — PROBLEMAS DE DIREITO CORPORATIVO — Livraria José Olympio Editora — Rio.
 Viriato Correia — O PAIZ DO PAU DE TINTA — Chronicas historicas — Civilização Brasileira Editora — Rio.
 Raymundo Moraes — OS IGARAUNAS — Romance amazonico — Civilização Brasileira Editora — Rio.
 Stefan Zweig — FERNÃO DE MAGALHÃES — Livraria Guanabara — Rio.

Ludwig Marcuse — *Ignacio de Loyola* — Guimarães & C. — Lisboa.

Uma gentil offerta da Livraria H. Antunes, desta Capital, permittiu-nos ler o *Ignacio de Loyola*, de Ludwig Marcuse, bastante reputado na Europa como biographo de homens celebres. Ao fundador da Companhia de Jesus confere elle o cognome de «dictador das almas» e, quaesquer que sejam as diversidades de raça e ambiente que o impeçam de sentir na integra a possança do seu modelo, o caso é que Loyola não póde sahir diminuido de mais esta reconstituição historica. Da Livraria H. Antunes recebemos igualmente *A sombra de um crime*, de Hall Caine, romancista que vendeu milhões de exemplares dos seus livros na Inglaterra e foi traduzido para umas quinze linguas, e *O eterno marido*, de Dostoiewski, um dos autores de maior fascinação, neste instante, sobre os leitores do mundo inteiro.

Manoel Ozorio — *Getulio Vargas* — Brasilia Editora — Rio.

Jornalista e professor de philosophia, o sr. Manoel Ozorio estampou em 1932 um livro intitulado *A guerra de S. Paulo*, de que se venderam vinte mil volumes. Mostrava-se ali o autor avesso a quaesquer pruridos revolucionarios que importassem em desintegrar o Brasil. Agora lança-se elle, segundo é accentuado no proprio ensaio que nos envia, «a um estudo medullar sobre a individualidade de Getulio Vargas». E nestas paginas o meio, o momento, o homem, são fixados por alguém que pratica ás direitas a nobre arte do jornalismo.

JOÃO CORDEIRO

Com o fallecimento de João Cordeiro, registrado na capital da Bahia no mez passado, perde o Brasil um dos seus mais interessantes romancistas modernos. Seu nome se tornou familiar dos leitores brasileiros com a publicação em 1934 de *Corja*, romance que alcançou successo de critica e de publico. João Cordeiro ficou collocado como uma das estreias mais fortes entre os romancistas do paiz. E enquanto preparava seu novo romance espalhou pelas revistas litterarias e jornaes do paiz uma serie magnifica de artigos que ampliaram ainda mais o seu publico.

A noticia da sua morte, quando o romancista contava apenas 33 anos de idade, causou consternação entre os intellectuaes que esperavam d'elle a realiza-

ção de uma grande obra. João Cordeiro deixa inacabado o romance *Trapiche*, do qual ainda no nosso numero passado publicamos um excellente trecho. Durante varios annos foi elle, além de assiduo collaborador do *Boletim de Ariel*, seu representante na Bahia.

João Cordeiro fazia parte do grupo que ainda hoje é conhecido por «grupo da Bahia» e que se reuniu em torno da figura extraordinaria de Pinheiro Viagas, tambem recentemente fallecido. Era estreitamente ligado a Dias da Costa, Jorge Amado, Alves Ribeiro, Clovis Amorim, Aydano do Couto Ferraz e Edison Carneiro e esses seus amigos no momento estudam a possibilidade de editar a parte concluida de *Trapiche*. Não ficará assim o publico privado de conhecer, pelo menos em parte, o romance que João Cordeiro preparava.

BIBLIOTECA DE NOVELISTAS BRASILEIROS

«Biblioteca de Novelistas Brasileños» dirigida por Benjamim de Garay (do folheto de propaganda que circulará por toda a America).

REI NEGRO, novela barbara de Coelho Netto.

Synthese novellesca de um momento historico que retunde os dois episodios talvez mais interessantes do profundo e laborioso processo nacionalista do Brasil: a gesta semi-selvagem da escravidão negra em função civilizadora, e o predomínio feudal do patriciado lusitano, marca este livro excepcional na litteratura transcendental de todo o Continente. E tanto por sua fôrma litteraria, que parece talhada a faca, como por sua authentica filiação dentro da genealogia vernacula, responde galhardamente á classificação de «novella barbara» com que seu autor quiz defini-lo e que nós outros respeitamos.

Obra de muito difficil traducção, não tanto pelas particularidades de estylo, que são, em Coelho Netto, propriedade inalienavel, senão por seu conteúdo e sua orientação psychologicos, tão extranhos á nossa idiosyncrasia como ao nosso meio geographico, pela torça racial dos personagens em pugna heroica e, sobretudo, pela harmoniosa e efficaz cumplicidade do factor humano com o scenario maravilhoso: na versão que offerecemos houve a preocupação de observar a dupla natureza do autor e de suas creaturas, que se diriam talhadas na pedra viva do panorama abrupto em que se movem como figuras de carne e osso, e não como simples bonecos da fantasia imaginativa.

Quem leia REI NEGRO com attenção e saiba degustar valores com sciencia e consciencia de bom catador, não duvidará que a personalidade de Coelho Netto, no Brasil, da mesma maneira que a de Sarmiento entre nós, representa, talvez, a figura mais preeminente entre os precursores da litteratura nacional propriamente dita, em suas relações de causa a effeito com a natureza integral — homem e paisagem — do meio ambiente, sem discrepancias flagrantes com o clima moral e physico, a ubiquidade topographica e o motivo historico em que se desenrola silenciosamente todo um drama transcendental de formação social definitiva, sob a apparencia caprichosa de uma bella novella.

E quaesquer que sejam seus defeitos de rigorosa actualidade, pode o leitor estar certo de quã tem deante dos olhos um grande livro, acaso uma verdadeira obra prima para quando tenha chegado a hora de uma seria revisão de valores litterarios do ultimo quartel do seculo XIX no Brasil.

(assig.) LUIGI ONETTI LIMA.

— *L'Embarquement pour Cythère*, de Watteau, o quadro prodigioso que enlevava os irmãos Goncourt, é muito bem historiado pelo critico de arte Paul Jamot. Trabalhando no Museu do Louvre, ninguém podia dedicar-se melhor á tarefa de dizer o que vale como technica e imaginação a obra prima do pintor das galanterias do seculo XVIII.

« REMINISCENCIAS »

Sob este titulo e graças ao carinho filial do nosso director, iniciamos hoje a publicação de alguns excerpτος inéditos encontrados entre os papeis que pertenceram ao sabio e saudoso scienista Luiz Cruls, que por muitos annos foi director do nosso Observatorio Astronomico, exerceu importantes commissões que lhe foram confiadas pelo Governo, como as de exploração do Planalto Central do Brasil e de limites entre o Brasil e a Bolivia, e tem o seu nome perpetuado em varios trabalhos no dominio da sua especialidade, como o Atlas Celeste e O Clima do Rio de Janeiro.

Estas notas, no original em francez, foram vertidas para o portuguez.

Bibliotheca Medica Brasileira

Os medicos brasileiros possuem agora uma grande bibliotheca de livros especializados, editados em serie, reunidos numa systematização ampla, que abrange desde o manual pratico, o pequeno livro util ao estudante ou ao medico á cabeceira do doente, até os grandes tratados e as monografias de exgotante documentação.

A «*Bibliotheca Medica Brasileira*», que a Cia. Editora Nacional entregou á direção do Dr. Barbosa Corrêa, oferece a todos os especialistas, aos clinicos e aos cirurgiões, preciosos livros de consulta, praticos compendios de estudo, resumidas lições, exgotantes pesquisas, divulgando o trabalho dos laboratorios, a observação clinica, as novidades therapeuticas, as experiencias dos hospitaes e dos laboratorios daqui e do estrangeiro, atravez dos seus livros, escriptos por illustres scientistas brasileiros ou por mestres de fama mundial.

Lançando os livros dos mais illustres professores e medicos brasileiros a Cia. Editora Nacional procura trabalhar, com entusiasmo e honesta preocupação, em prol do desenvolvimento das sciencias medicas em nosso paiz. A medicina caminha pela mão dos pesquisadores, dos clinicos, dos que facilitam a comprehensão das grandes questões medicas, difundindo uma ciencia de tão profunda dignidade. Anteriormente a Cia. Editora Nacional já lançará outras publicações de rara significação, desde os trabalhos de Afranio Peixoto, Clementino Fraga, Raul Bricquet, Fernando de Magalhães, Leonidio Ribeiro, até os recentes livros de Josué de Castro, Dante Costa, Ruy Coutinho, para citar entre os ultimos, apenas, os que se dedicam ao palpitante problema da alimentação. Agora a Cia. Editora Nacional desenvolve a sua atividade editorial entre os medicos, e organiza, corporifica, dá unidade e lança uma bibliotheca de livros rigorosamente medicos, destinados aos medicos e aos estudantes de medicina do Brasil e de Portugal.

A *Bibliotheca Medica Brasileira*, constituida apenas de livros de indiscutivel valor para os medicos, está dividida em 5 series: serie I — «*Manuaes Praticos*» (guias preciosos da atividade clinica diaria); Serie II «*Monografias*» (estudos especializados referentes a questões de interesse vivo em nossa medicina); Serie III «*Compendios e Tratados*» (grandes volumes panoramicos, sobre as varias questões medicas); Serie IV «*Cursos e Lições*» (aulas praticas para estudantes); Serie V «*Cultura Medica*» (vulgarização, erudita, das mais recentes aquisições científicas).

Em qualquer livro da BIBLIOTHECA MEDICA os medicos e estudantes de medicina encontrarão: ciencia rigorosa, bom vernaculo, apresentação material impecavel.

Serie I — MANUAES PRATICOS:

CLINICA E THERAPEUTICA DAS MOLESTIAS DO LACTENTE — Dr. Olindo Chiaffarelli — Encad. 20\$000.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DAS AFECÇÕES DO APPARELHO DIGESTIVO — Dr. Luiz R. Grote — Encad. 15\$000

OTORINO LARINGOLOGIA PRATICA — Dr. P. Mangabeira Albernaz — Encad. 22\$000.

UROLOGIA — Prof. Augusto Paulino — Encad. 20\$000.

TUBERCULOSE PULMONAR — Prof. Hans Dietlen — Encad. 18\$000.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DAS MOLESTIAS INFECCIOSAS — Dr. Alberto Herz, — Encad. 15\$000.

EXAMES MEDICOS NOS ESPORTES — Dr. Arno Arnold, — Encad. 15\$000.

A ENTUBAÇÃO DUODENAL NO DIAGNOSTICO E NA THERAPEUTICA — Dr. Piero Girandi — Encad. 18\$000.

Serie II — MONOGRAPHIAS:

VITAMINAS E AVITAMINOSAS — Dr. Vicente Baptista — Encad. 25\$000.

MEGAESOFAGO — Dr. Alipio Corrêa Neto — Encad. 22\$000.

ICTERICIAS — Dr. J. Mendonça Cortez — Encad. 30\$000.

DIAGNOSTICO DOS ANEURYSMAS DA AORTA THORAXICA — Drs. Geraldo de Andrade e Aguinaldo Lins — Encad. 30\$000.

Serie III — COMPENDIOS E TRATADOS:

COMPENDIO DE PEDIATRIA — Dr. Kwitz, Eckstein, Freudenberg, Gyorgi, etc. — 1º e 2º volumes Cada volume encad.: 38\$000.

GRANDULAS SEXUAES E HIPOPHISE ANTERIOR — Dr. Thales Martins — Encad. 50\$000.

CORAÇÃO E VASOS (Semiologia) — Dr. Pedro Cossi — Encad. 40\$000.

THERAPEUTICA CLINICA — Prof. Harry Beckman — Encad. 45\$000.

DIAGNOSTICO DIFFERENCIAL DAS MOLESTIAS DA PELE E VENEREAS — Dr. Paulo Tachane — Encad. 60\$000

Serie IV — CURSOS E LIÇÕES:

LIÇÕES DE ELECTROLOGIA — Jairo Ramos — Encad. 35\$000

Serie V — CULTURA MEDICA:

A CRIANÇA — Dr. Octavio Gonzaga — Encad. 30\$.

HYGIENE DA PRIMEIRA INFANCIA — Dr. Pedro de Alcantara — Encad. 25\$000

Estes livros, de autoria de eminentes mestres nacionais e estrangeiros, destinam-se a todos os medicos de lingua portugueza, e vêm obtendo, de parte delles, quer no Brasil, quer em Portugal, uma honrosa preferencia, uma desvanecedora acolhida.

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

Collecção "BRASILIANA"

Ultimas publicações na grande bibliotheca de cultura
editada pela COMPANHIA EDITORA NACIONAL

POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL —
Oliveira Vianna — 4.^a edição, Vol. 10.

A grande obra de Oliveira Vianna, em que elle estuda a formação das populações ruraes do sul do Brasil, ligando-as pela mesma significação politica, observando-as de maneira aguda e poderosa, entra em sua 4.^a edição.

E' a consagração do publico, atravez de sucessivas edições, a uma obra que já merecera a consagração de todas as correntes do pensamento brasileiro, e da qual dissera «Ingenieros constituir» um verdadeiro monumento «que honra a la cultura de todo el continente».

Para a perfeita comprehensão do passado, a investigação scientifica arma, hoje, os estudiosos, com um completo systema de methodos e de instrumentos que permitem, quando bem utilizados, resultados de perfeito rigorismo e certa exatidão. Oliveira Vianna soube, melhor que ninguem, utilizar essas armas de reconstrução do nosso passado social: a força da sua obra, da qual este livro é um dos momentos mais altos, atesta-o de maneira insofismavel. Broch: 12\$000.

EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO — *Oliveira Vianna* — 3.^a edição, Vol. 10.

Os trabalhos de pesquisa social de Oliveira Vianna, desdobram-se, neste livro, de maneira panoramica. Aqui ele estuda, como o indica o proprio titulo, a evolução do povo brasileiro. Mas evolução total, em todos os sentidos: evolução social, evolução ethnica, evolução politica. Livro cujo primeiro apparecimento data de alguns annos, foi elle objecto de vivas controversias que só fizeram, com o passar do tempo, pelo desmentido que o tempo lhe trouxe, formar para o grande livro do illustre sociologo brasileiro um verdadeiro plano de contraste, onde a sua verdade scientifica e o seu conteúdo cultural se projetam de maneira vivissima.

Aqui se estuda desde as questões geraes de sociologia, principalmente em face das modernas modificações operadas no corpo dessa ciencia, até a significação ethnica, social e politica da nossa vida social.

Trata-se da reedição de um livro de valor excepcional para a cultura brasileira, livro de profunda significação neste momento da nossa historia.

Broch: 12\$000.

O REI FILOSOFO — *Pedro Calmon* — Vol. 120.

A graça, a erudição historica, os dons literarios assim como pesquisa, já armaram ha muito tempo, «Sr. Pedro Calmon, um dos nossos maiores historiadores. O jovem academico é, por certo, detentor de um grande publico, que soube conquistar pelo bom gosto da sua actividade literaria, e carrega a responsabilidade de um grande nome, que ele ilustra e enobrece.

Agora mesmo, em «O rei filosofo», Pedro Calmon evidencia e expõe, mais uma vez, os seus raros dons. O livro é a biografia de Pedro II, cujo reinado encheu grande parte dos ultimos cem annos da historia brasileira. Esse principe sabio e cauto, como delle diz Pedro Calmon, foi, de começo, o pequeno e jovem

imperador conduzido como um barco sem governo, na costa das ondas que os regentes impeliavam.

Não tinha idade ainda, diziam. Falavam por ele. Faziam, por ele. Mas um dia elle se armou, e veio ser o Imperador do Brasil aos dezesete annos, e por mais de meio seculo orientou, com um equilibrio excepcional, com um bom senso illimitado, com uma sabedoria larga, um dos maiores reinados da Historia.

«O rei filosofo» é o retrato do grande imperador. E, por certo, um desses livros cuja leitura é um dever de intelligencia que todos saberão cumprir.

Broch: 12\$000.

O PADROADO E A IGREJA BRASILEIRA —
João Dornas Filho — Vol. 125.

O livro do historiador João Dornas Filho, é da mais palpitante actualidade. Ele traça, a bem dizer, a historia comentada da igreja no Brasil, fixando os contornos mais vivos do que tem sido a existencia da egreja e do clero em nosso paiz.

Somos uma Nação de estrutura catholica, nutrimos, sempre, do melhor alimento cristão, que está na nossa formação social e até nos mais recentes instantes da nossa vida.

O livro do sr. João Dornas Filho, estudando o direito do padroado no Brasil, a confirmação do Bispo do Rio de Janeiro, a questão dos Bispos, a missão á Roma, e outros aspectos do palpitante problema, vem de encontro á mais viva curiosidade e ao maior exito.

Broch: 10\$000.

OS INDIGENAS DO NORDESTE — *Estevão Pinto* — Vol. 112.

O interesse pela cultura indigena do Brasil, assunto que parecia esquecido, volta a interessar os nossos homens de cultura, notando-se, de 1934 para cá, um acentuado pendôr por estas pesquisas.

Ao lado de Roquette Pinto, Angione Costa e outros eminentes estudiosos desse palpitante problema situa-se sem duvida nenhuma, o prof. Estevão Pinto, com a publicação desta parte final do seu trabalho sobre «Os indigenas do Nordeste». O 1.^o volume já surgiu ha muitos mezes. Agora, neste 2.^o volume da sua erudita obra, o dr. Estevão Pinto estuda, principalmente, a vida economica, as creanças religiosas, e outros aspectos sociaes do viver do indigena brasileiro. Trata-se de um livro de solida estrutura, onde o seu autor retrata a cultura indigena do nordeste, fazendo obra de densa solidez, digna da «Brasiliana», onde passará a figurar ao lado da «Rondonia», da «Introdução á Arqueologia Brasileira», dos livros de Couto Magalhães e de outras obras que a Cia. Editora Nacional tem editado sobre a cultura indigena brasileira.

O trabalho do prof. Estevão Pinto — «Os indigenas do Nordeste» — em dois volumes, está, portanto, oferecido ao publico brasileiro. E é um motivo de justo orgulho para todos os que se interessam pelo desenvolvimento da cultura em nosso paiz: é alguma coisa de muito significativo lançado em territorio cultural que tão poucos palmilham entre nós.

Broch: 12\$000

EDIÇÕES DA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo

— Rio de Janeiro

— Recife

— Bahia

— Porto Alegre

Leiam em todas as livrarias

O ABOLICIONISMO

de JOAQUIM NABUCO

Trata-se de mais um grande livro
do immortal escriptor e patriota
brasileiro, escriptor com a força
de pamphletario, com o calor
do orador, com a intelligencia do
politico, qualidades que sempre
conduziram N A B U C O !

O ABOLICIONISMO é o mais re-
cente trabalho apparecido na serie
OBRAS COMPLETAS DE
== JOAQUIM NABUCO ==

PREÇO : Volume Brochado : 10\$000

Em todas as livrarias e na **LIVRARIA CIVILIZAÇÃO**
RUA 7 DE SETEMBRO, 162 RIO DE JANEIRO

A Cia. Editora Nacional offerece ao publico do paiz
um livro da mais alta importancia :

Bases da Alimentação Racional

Por DANTE COSTA

Um estudo detalhado do que é alimentação racional, escripto por uma das nossas maiores autoridades no assumpto.

O problema da alimentação é o problema de maior significação actual, em todo o mundo. E' uma preocupação universal. E de summa gravidade, porque diz respeito ao proprio destino do homem. A alimentação passou a ser o problema sobre o qual todos os espiritos devem estar attentos, porisso que interessa não só ao individuo, mantendo-lhe o vigor fisico e o poder mental, garantindo-lhe a vida longa e a senda estavel, como interessa tambem ao futuro dos povos e ao destino das nações, porque só os paizes cujas populações são bem nutridas podem esperar dias de tranquillidade e conquistas de progresso.

Este livro — «*Bases da Alimentação Racional*» — veio trazer o assumpto para o grande publico, furtando-o ao convivio exclusivo dos medicos e entregand-o a todos os espiritos curiosos. O seu autor, illustre medico, autôr de varios trabalhos scientificos sobre o assumpto, escreveu uma obra accessivel, destinada a ensinar e definir a bôa alimentação, meios de fazel-a, significação que possúe, estudando-a sob todos os seus pontos de vista: o individual, o fisiologico, o social, o economico, o humano. «Um tratado popular de alimentação», chamou Roquette-Pinto a este livro. E de facto elle o é, porque estuda, atravez de uma forma accessivel a todos, os menores detalhes da ciencia da nutrição. O livro do Dr. Dante Costa, possue evidente função educativa, pois foi feito dentro de moldes pedagogicos capazes de fazel-o comprehendido e amado por todas as intelligencias. Delle disse o Sr. Nelson Werneck Sodré, critico do «Correio Paulistano»: «Nos

Estados-Unidos um livro como o do Dr. Dante Costa seria premiado, a sua edição seria comprada pelo governo, não para proteger o autôr, mas para proteger a população, mandando os órgãos competentes que os exemplares fossem distribuidos pelas escolas, pelos centros de estudo e de trabalho, aos homens de todas as categorias sociaes, que as suas paginas fossem lidas nos lugares destinados á educação do povo.» O sr. Pinheiro de Lemos, critico de «O Globo», do Rio de Janeiro, assim se referio: «Livro de ciencia e de vulgarização, de apostolado e de patriotismo, «Bases da Alimentação Racional» está destinado a ser uma especie de catecismo alimentar do brasileiro». E esta tem sido a opinião da critica scientifica e da critica literaria, porque além do valor tecnico que possúe, este livro foi escripto para estar em todas as mãos.

O problema da alimentação, que já havia notificado outros livros de valor, eruditos e amplos, é agora estudado de maneira simples, completa e nitida. «*Bases da Alimentação Racional*» está dividido em 5 grandes partes: «A alimentação na vida humana» — «Principios geraes de nutrição» — «Os alimentos usuaes» — «A alimentação nas diferentes fases da vida» — «Valor social da alimentação». Ilustrações de Santa Rosa. Duas pranchas adaptadas de «Feeding the family», de M. S. Rose. Taboas e tabellas alimentares. Bibliografia.

Trata-se, sem duvida, de um dos livros de maior significação para o nosso paiz, onde a sub-alimentação e nutrição errada ou deficiente causam tão profundos e intensos males.

Volume brochado : 7\$000

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

SÃO PAULO — RIO DE JANEIRO — RECIFE — BAHIA — PORTO ALEGRE

O mais completo Livro de Cosinha



EXMAS. SNRAS.

Ampliae os vossos conhecimentos adquirindo este precioso livro.

Diferente de todos os outros, pela sua forma pratica em descrever os conteúdos das receitas, e a sua manipulação.

Mil trezentas e cincoenta

:: :: receitas diversas :: ::

CLARAS

SIMPLES

EFFICIENTES

Cem diversas receitas para Dieteticos e especiaes pratos nortistas

A arte de cosinhar complexa nas suas variadas formas, foi estudada por D. Maria de Lourdes Costa, professora, diplomada em arte culinaria, que desejando contribuir para engrandecer os conhecimentos das Snras. donas de casa neste «metier», apresenta o livro de cosinha de sua autoria contendo 1354 receitas diversas, experimentadas, para a manipulação do seguinte:

Hors d'oeuvres	Ovos	Bolos
Canapés	Legumes	Tortas
Sandwiches	Massas	Pudings
Molhos	Licores	Molhos para pudings
Sopas		Cremes
	Refrescos	Molhos para cremes
Peixes	Sundays	
Mariscos	Sorvetes	Docinhos diversos
Crustaceos	Aperitivos	Brôas
	Cooktails	Pães
	Punches	Pãezinhos
	Toddys	Bolachas
Carnes	Egg-Noggs	Rosquinhas
Caças	Fizzes	Etc. Etc. Etc.
Aves		

ARTE DE CONFEITAR

Sobre este importante trabalho encontra-se no livro A ARTE DE COSINHAR, além das necessarias explicações, diversos desenhos das machinas e ferros para este fim, e suas applicações.

Sobre este util ensinamento que quasi todas as professoras de arte culinaria fazem «grande segredo profissional», D. Maria de Lourdes Costa, descreve em seu livro A ARTE DE COSINHAR, o mais perfeito METHODO DE CONFEITAR, podendo qualquer pessoa em sua casa, fazer doces, biscoitos, etc., saborosos e lindos, iguaes aos das confeitarias de primeira ordem.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL

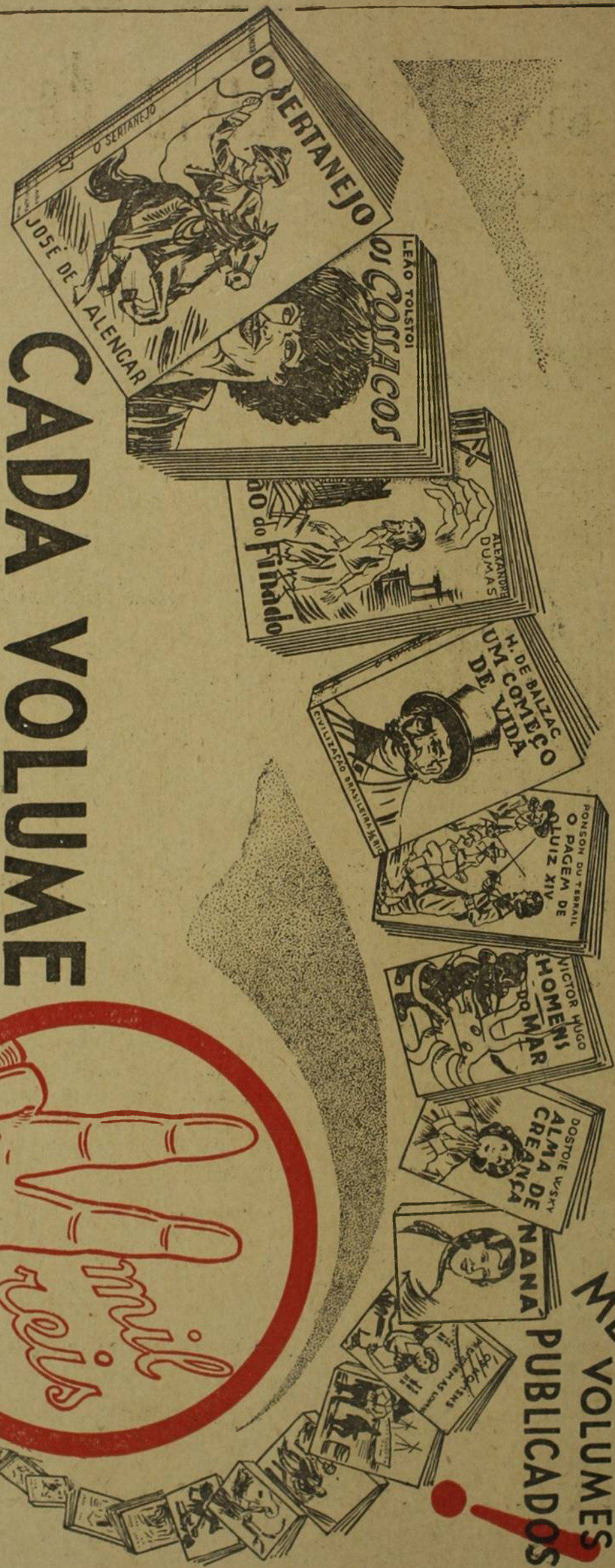
Volume cartonado 14\$000

PEDIDOS A'

CIVILIZAÇÃO BRAZILEIRA S/A

Rua Sete de Setembro n.º 162 — Rio de Janeiro

COLLEÇÃO "SIP" MEIO MILHÃO DE VOLUMES PUBLICADOS



CADA VOLUME

EM TODAS AS LIVRARIAS E NA
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO - RUA 7 DE SETEMBRO 162 - RIO